

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Sandra Tessler Rodrigues

**A LITERATURA INFANTIL NA *REVISTA DO GLOBO*:
A QUE LEITOR SE DESTINA?**

Porto Alegre
2007

Sandra Tessler Rodrigues

**A LITERATURA INFANTIL NA *REVISTA DO GLOBO*:
A QUE LEITOR SE DESTINA?**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, na área de concentração da Teoria da Literatura, pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr. Alice Therezinha Campos Moreira

Porto Alegre

2007

Sandra Tessler Rodrigues

**A LITERATURA INFANTIL NA *REVISTA DO GLOBO*:
A QUE LEITOR SE DESTINA?**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, na área de concentração da Teoria da Literatura, pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr.....

Prof. Dr.....

Prof. Dr.....

Ofereço a minha filha Ana Carolina, que acompanhou comigo cada etapa da elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos.

À prof. Dr. Vera Teixeira de Aguiar pelo incentivo para fazer o mestrado.

À minha orientadora, prof. Dr. Alice Therezinha Campos Moreira pela orientação segura e crítica e pela calma, tranquilidade e confiança em todos os momentos.

Um agradecimento especial a Luís Carlos Paes Machado, pelo incentivo e apoio, nos momentos de presença e pela compreensão nos momentos de ausência.

A todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram na elaboração desse trabalho, entre elas meu irmão Breno; o Eduardo, a Débora, a colega Anelise, pelas conversas e trocas e a amiga Rosa.

É pelo exercício do ato de ler que se singulariza o leitor, e este se torna tanto mais saliente, quanto mais pessoal for seu procedimento no desempenho daquela atividade. Todavia esta não transcorre de modo espontâneo, nem ingênuo ou natural, já que cada pessoa carrega consigo os juízos que introjetou ao longo de sua formação, para a qual contribuiu decisivamente a escola, pois foi ela que o converteu num leitor.

De sua educação e interação social, resulta um horizonte cognitivo e histórico, que lhe permite a circulação no meio e a decodificação de seu contorno, mas que na verdade o domina. Como está constituído pelas convenções de diferente espécie que internalizou, este procedimento orienta suas percepções do contexto circundante, imprimindo-se no seu comportamento e nas decisões que toma.

Regina Zilberman

RESUMO

Este trabalho dedica-se ao estudo dos textos de literatura infanto-juvenil publicados na *Revista do Globo* (1929 -1967), no período compreendido entre 1930 e 1959, utilizando como aporte teórico na análise dos textos selecionados, a Estética da Recepção, tendo como foco o leitor implícito, categoria intratextual marcada, com o objetivo de identificar o leitor visado pela Revista no momento da seleção e publicação dos referidos textos. Como a produção literária não é um fato isolado, mas ocorre num determinado contexto, fez-se necessário a contextualização histórica, política, social e cultural da época das publicações. É importante ressaltar também a relevância do papel desempenhado pelos periódicos - neste caso específico, pela *Revista do Globo* - na divulgação da literatura e dos autores nessa época, permitindo assim, estabelecer as conexões entre literatura infantil, história e cultura de massa. A pesquisa revelou que, ao disponibilizar um espaço para a literatura infanto-juvenil, a *Revista do Globo* mostrou-se sensível às mudanças culturais e educacionais ocorridas na época, e buscou dialogar com a criança inserida nessa sociedade, facilitando o acesso à leitura e publicando textos, de um lado moralizantes e de outro emancipatórios, demonstrando a divisão de rumos por que passava a literatura infantil naquele momento. Ao término da análise dos referidos textos, a partir da Estética da Recepção, foi possível constatar que o leitor visado pela Revista era a criança e o jovem em formação. A grande maioria dos textos caracteriza-se por seu caráter moralizante e pedagógico, com clara intenção educativa e de transmissão dos valores vigentes na sociedade da época, com autores e editores fazendo uso da literatura como instrumento de formação moral do leitor. Em menor número, aparecem os textos que privilegiam a literariedade, que buscam enriquecer o imaginário do seu receptor e levar o leitor a enxergar as coisas sobre outro prisma, estimulando uma atitude autônoma e crítica ao repensar sua inserção social.

Palavras-chave: Literatura infantil; Revistas; Recepção; Leitor.

ABSTRACT

The purpose of this work is the study of infant-juvenile literature texts published in Revista do Globo (1929-1967) in the period of time between 1930 and 1959, using the Aesthetics of Reception as theoretical basis for the analysis of the selected texts, keeping the focus on the implicit reader, marked intratextual category, with the purpose of identifying the aimed reader by the Revista at the moment of the selection and publication of the texts previously mentioned. Considering that literary production is not an isolated fact, but it occurs in a specific context, it is necessary the historical, political, social and cultural contextualization at the time of publication. It is also important to point out the relevance of the role performed by the periodicals - in this specific situation, the Revista - in the dissemination of literature and authors at that time, allowing to establish the connections among literature for children, history and mass culture. The research revealed that, in making available a space for infant-juvenile literature, the Revista do Globo showed sensitivity to the cultural and educational changes at that time, and tried to establish a dialogue with the children inserted in that society, making easier the access to reading and publishing texts, moralizing in on one hand and on the other hand emancipating, showing the division of ways in which the infantile-juvenile literature was going through. After the analysis of the texts previously mentioned, from the Aesthetics of Reception view, it was possible to conclude that the kind of reader aimed by the Revista was children and teenagers in the process of formation. Most of the texts was characterized by their moralistic and pedagogical aspects, with a clear educational intention of disseminate the values of the time, with the authors and publishers using literature as an instrument for moral formation of the reader. In a smaller scale there are texts that privilege literature, and try to enrich the imaginary of the receptor and make the reader see things through a different light, stimulating an autonomous and critical attitude, in rethinking their social insertion.

Key-words: Infant literature; Periodicals; Reader; Implicit reader.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O LEITOR E O TEXTO LITERÁRIO	14
1.1 A relação do leitor com o texto	14
1.2 A Função dos vazios e das zonas de indeterminação	18
1.3 O leitor implícito	20
2 A LITERATURA INFANTIL NO CONTEXTO DE SEU SURGIMENTO	24
2.1 A literatura infantil e seus aspectos históricos	24
2.2 A literatura infantil no Rio Grande do Sul	32
2.3 A <i>Revista do Globo</i> e a divulgação da literatura	39
3 UMA REVISTA EM BUSCA DE SEU LEITOR	43
3.1 A literatura infantil na <i>Revista do Globo</i>	43
3.2 Catalogação dos textos	55
4 A LITERATURA INFANTIL NA REVISTA DO GLOBO E SEU DESTINATÁRIO	57
4.1 Seqüências narrativas	57
4.2 Os contos e a moral	60
4.3 Os textos, as personagens e o leitor	66
5 CONCLUSÃO	72
6 REFERÊNCIAS	75
ANEXOS	81

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata das narrativas para o público infanto-juvenil publicadas na *Revista do Globo*. Insere-se na linha de pesquisa Literatura: Memória e História, abrangendo as áreas da Literatura Infantil e da Estética da Recepção. Para a compreensão do contexto cultural em que tal literatura foi produzida, bem como do sistema de divulgação do gênero literário infanto-juvenil, no Rio Grande do Sul, e sua relação com a formação do público leitor, utilizaram-se obras de História e sobre a história da Imprensa.

Sabe-se que a literatura infantil surge somente quando a especificidade da infância, como período de desenvolvimento do ser humano, é reconhecida pelos diversos segmentos da sociedade, que passa então a produzir, difundir e consumir bens culturais específicos para essa faixa etária. Os estudos que determinaram tal mudança de comportamento em relação à criança e os cuidados com sua educação, voltaram-se também para o texto literário escrito para o pequeno leitor, que propõe uma constante reflexão sobre a concepção que a sociedade possui dessa faixa etária, representada na criação literária.

Embora numerosos, atualmente, os estudos teóricos sobre a literatura infantil são ainda incipientes quanto à preocupação com o receptor do texto literário, a criança, o que se confirma pelo reduzido número de trabalhos nessa área, comparativamente aos trabalhos sobre o pólo produtor, o autor.

A escolha como tema desta dissertação pela produção infanto-juvenil publicada na *Revista do Globo* se deve à constatação, em primeiro lugar, de que sendo uma revista veículo de comunicação de massa, exige não só menor investimento que o livro, como também torna mais fácil o acesso do público à leitura, conseqüentemente, viabilizando a formação de um público leitor infantil e juvenil; em segundo lugar, pela dificuldade de encontrar trabalhos de pesquisa que abordem esse tipo de publicação literária e preencham tal lacuna, uma vez que, na sua maioria, as análises literárias se reportam a publicações em livros, deixando de lado os periódicos, jornais e revistas.

Acrescente-se a isso a mudança do paradigma histórico, que oportunizou o trabalho de construção de micro-histórias, em que se dá a escolha de determinados momentos ou de determinados tipos de obras instaurando-se uma série – no caso específico deste trabalho, a análise da produção e da recepção pelo leitor, da literatura infantil publicada na *Revista do Globo*, em meados do século passado, formando e consolidando um público leitor mirim, no Rio Grande do Sul. Sendo o suporte analisado, uma revista, um veículo de comunicação de massa e, portanto, formadora de opinião, de valores e de novos comportamentos, interessada em aumentar o consumo, modificar hábitos, educar e informar, procurou-se estabelecer a relação de interação entre os meios de comunicação, os valores sociais e a cultura da época em que foram realizadas as publicações.

Ciente de que a produção literária publicada na *Revista do Globo* não obedecia a uma postura isolada, mas estava inserida no contexto histórico-social, fez-se necessário inserir tal produção num contexto mais amplo, o das publicações para crianças no País, e no estado do Rio Grande do Sul, entre os séculos XIX e XX, época em que se abriu espaço, na sociedade, para uma produção literária dirigida ao público infanto-juvenil. A pesquisa possibilitou, assim, o estabelecimento de relações entre o conjunto de textos literários publicados pela *Revista*, o leitor projetado nos textos escolhidos pela mesma, e o contexto histórico de produção e publicação de literatura infantil.

Como foi ressaltado acima, a criança, leitora da obra, precisa ser levada em consideração para que se possa compreender o processo de recepção do texto de literatura infantil e, a partir de então, consolidar um projeto de formação de leitores mirins. Para tanto se faz necessário traçar o percurso, e posterior análise, de publicações infantis também em suporte mediático, utilizado para veicular a literatura, mas pouco visado pela pesquisa: a publicação infantil em revistas e jornais.

O surgimento da Livraria do Globo, com sua revista e casa editora, teve forte influência no desenvolvimento da educação, tornando-se importante veículo de comunicação, divulgando a literatura, incluindo aí autores e obras, lançamento de obras principalmente literárias, e da própria literatura infantil. As obras vendidas e/ou publicadas pela Livraria do Globo e Editora Globo, ao longo do século XX, e divulgadas pela *Revista do Globo*, ao longo de quase 38 anos de circulação – de 1929 a 1967 – influenciaram o

desenvolvimento do mercado editorial brasileiro e a formação do público leitor de literatura, notadamente, no Estado do Rio Grande do Sul, atingindo todas as categorias de leitores e oferecendo conhecimentos em diversas áreas, obras técnicas, de literatura e de cultura geral. Apesar da falta de investimentos no mercado editorial e livreiro, a Livraria do Globo se destacou na consolidação da instituição literária no país.

Amplio material sobre literatura, ainda não devidamente investigado e analisado, está publicado e disponível na edição digital (CD-ROM) da coleção completa, da *Revista do Globo*, o Catálogo Literário da *Revista do Globo*. Para que este projeto se tornasse viável, fez-se necessário realizar um recorte: as publicações na Seção Infantil da *Revista do Globo*, a fim de compor um painel do qual pudesse sobressair o leitor da época. O trabalho consiste na classificação destes textos por gênero, na descrição das páginas, na análise dos textos selecionados, na delimitação do espaço reservado na Revista para esta literatura; quando e de que forma era apresentada ao pequeno leitor e que efeito era pretendido na recepção dos textos, bem como os mecanismos de divulgação, ligados à sua publicidade veiculada nesse mesmo periódico.

Assim, após o levantamento – via catálogo - dos autores e dos textos publicados, entre 1930 e 1959, período em que a *Revista do Globo* dedicou espaço à literatura infantil, o *corpus* desta dissertação ficou constituído de um conjunto de cópias fac-similares impressas dos textos publicados na Seção Infantil da *Revista*, abrangendo os seguintes gêneros: contos (37), poema (1), fábulas (15), lendas (3), histórias em quadrinhos (6), apólogo (1), anedota (1) textos descritivos (2) perfazendo um total de 66 títulos. Devido à extensão do *corpus*, optou-se por selecionar alguns textos que ilustram os aspectos selecionados para análise e interpretação, a partir da teoria da Estética da Recepção, com foco no leitor implícito.

Após o levantamento dos textos, a organização e a descrição do material recensionado, desenvolveu-se uma pesquisa de caráter bibliográfico, realizada a partir de estudos sobre o referencial teórico e histórico a seguir explicitado. Fundamentaram a análise e a interpretação dos dados colhidos, quanto à Teoria da Literatura Infantil, os pressupostos teóricos da Estética da Recepção, de Wolfgang Iser, da Escola de Constança, especificamente, no que se refere à recepção e ao efeito da obra sobre o leitor e sua relação assimétrica, a função dos vazios e das zonas de indeterminação;

quanto ao leitor implícito, recorreu-se à observação da estrutura textual, identificando nela as estratégias do emissor para captar o interesse do leitor, em outras palavras, o efeito de cunho intra-literário, condicionado pela obra sobre o leitor. A partir da leitura, os textos foram reduzidos em seqüências narrativas e, posteriormente, selecionados os mais adequados e representativos para a análise e aplicação teórica. Todas as seqüências dos textos analisados.

Quanto aos aspectos relativos ao contexto histórico, são apresentados os principais acontecimentos sociais, políticos, econômicos, culturais e intelectuais ocorridos na época das publicações em estudo, bem como, as características e as relações entre literatura adulta e infantil no Brasil e no Rio Grande do Sul. Com relação às questões da constituição e desenvolvimento do mercado editorial e da imprensa periodística, procurou-se demonstrar a importância dos periódicos, jornais e revistas, na publicação e divulgação da cultura, de autores e obras e na disseminação da leitura, bem como, sua influência na formação de um público leitor.

Os instrumentos utilizados para desenvolver as atividades previstas na pesquisa foram as listagens de ocorrências dos diversos gêneros que constituem o *corpus*, adquiridas a partir do Catálogo Literário da *Revista do Globo*, que faz parte da edição digital da *Revista* (CD-ROM e Internet). Elaboraram-se fichas com especificação dos campos a serem indexados, para catalogação informatizada do material, a partir dos objetivos propostos, assim como organizaram-se gráficos e tabelas com o objetivo de melhor explicitar os dados levantados na pesquisa. Os modelos dos referidos instrumentos fazem parte dos anexos, assim como, os textos que compõem o *corpus* da pesquisa.

A dissertação apresenta, além da introdução e da conclusão, uma estrutura composta por quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma revisão dos pressupostos teóricos que fundamentaram a análise pretendida, enfatizando o leitor implícito representado nos textos. O segundo capítulo tece um breve histórico do surgimento e da evolução da literatura infantil no Brasil e no Rio Grande do Sul, sua relação com o contexto histórico-social, com a educação, com a indústria cultural e os meios de literatura de massa. O terceiro capítulo apresenta a descrição das páginas da seção infantil da *Revista*, destacando o espaço destinado para essa seção, seus diversos

formatos, sua diagramação, período de duração e número de ocorrências; a normatização dos textos que constituem o *corpus* deste trabalho por meio de seqüências narrativas. No quarto capítulo, apresenta-se a análise de um conjunto de textos selecionados, como apoio do suporte teórico e histórico. Este capítulo possui um caráter interpretativo, pois, a partir da análise da imagem de leitor projetada nos textos e da identificação da concepção de criança aí representada, chega-se à conclusão de qual público leitor infanto-juvenil a *Revista do Globo* pretendia formar, em seu projeto editorial.

Esta pesquisa, vinculada à produção de literatura infantil veiculada pela *Revista do Globo*, visa a abrir espaço para outros estudos que busquem contribuir para alargar o conhecimento sobre a divulgação desse gênero literário em periódicos, e sobre o processo de recepção do texto literário, considerando-se os agentes que dela fazem parte, quais sejam, autor-texto-leitor, mediados por instâncias sociais como a editora, a revista, o jornal, a família e a escola, em um dado contexto histórico-cultural.

1. O LEITOR E O TEXTO LITERÁRIO

1.1 A relação do leitor com o texto

As teorias sobre leitura e concretização do texto literário foram desenvolvidas pelos pesquisadores alemães a partir de 1967. Com a aula inaugural de Hans Robert Jauss, na Universidade de Constança, em 1967, e posterior publicação, sob o nome de *A história da literatura como provocação à ciência da literatura*, surgia a Estética da Recepção, assinalando a preocupação com o leitor do texto. Os principais articuladores da Estética da Recepção – Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser – propunham, aliar a qualidade estética da obra com a presença do leitor, destacando o potencial comunicativo do texto.

Jauss se preocupou com a historicidade da compreensão e da recepção, de uma obra literária, ao longo do tempo. Para o Autor, a obra se mantém viva na medida em que se relaciona com seu receptor. Sua aceitação pode ser medida pelo horizonte de expectativas. Consoante o teórico, o “horizonte de expectativas” é a soma de comportamentos, conhecimentos e idéias pré-concebidas com que se depara uma obra no momento de sua aparição e segundo a qual ela é medida. O horizonte de expectativa do público vai influir na recepção de um texto. Uma obra pode satisfazer o horizonte de expectativa do público ou provocar sua alteração. Iser, por sua vez, empenhou-se em verificar como esses resultados são produzidos.

A Estética da Recepção, conforme Zilberman (1989), substituiu a teoria do texto, pela teoria do leitor, enfatizando o sistema produção, recepção, comunicação. Nessa mudança de paradigma, a recepção da literatura e o efeito sobre o leitor se tornaram as principais questões. Não se tratava mais de determinar o que o texto significava, mas o efeito que provocava nos receptores.

Seguindo esta linha de pensamento, o valor estético do texto se faz na consciência do leitor, sendo a obra uma provocadora dos efeitos. Iser ainda mostrará o papel ativo do leitor previsto pela própria estrutura da obra literária, e configurado através da categoria de leitor implícito.

De acordo com o teórico, o texto possui uma estrutura de apelo que o caracteriza enquanto modalidade de comunicação. O leitor constrói o texto, ao preencher os lugares vazios, desempenhando um papel já previsto pela obra. Ao preencher os pontos de indeterminação, transforma o significado, em significação. Dessa forma, os vazios e as negações da obra literária cumprem uma função na interação com o leitor.

O texto ficcional apresenta uma organização simbólica que não remete a um dado real. O autor ao selecionar aspectos da realidade, apresentando-os fora de sua contingência, oferece condições para que se constitua uma face do imaginário. No ato da leitura do texto ocorre a sua despragmatização e o questionamento de sua validade.

Ao considerar a obra como uma despragmatização do real, Iser concorda com o conceito de estranhamento dos formalistas russos,¹ estando as marcas desse processo presentes na estrutura textual e lingüística do texto. A função pragmática da literatura, portanto, é a de despragmatizar os componentes das estruturas reais selecionadas por ela, para criar a estrutura de ficção.

Segundo o autor é preciso estudar a obra literária, em sua bipolaridade como objeto artístico (o texto) e como objeto estético (a concretização). Comprometido com os efeitos estéticos que o texto possa provocar, o receptor vai formando seus próprios correlatos de sentença ao pensar sua inserção social, face ao vazio. No vazio, desencadeia-se o processo da busca da convergência, que ocorre numa relação dialógica entre texto e leitor, diferente daquela que acontece face a face nos atos de fala.

Fora da situação face a face, há no texto apenas uma organização esquemática dessas relações, pois a obra literária apresenta uma série de indicações em potência, resultante de sua riqueza polissêmica, que devem ser atualizadas pelo leitor. Tal esquema leva o leitor a buscar novos pontos de vista para interpretar o que lhe foi apresentado de modo descontínuo, possibilitando novas conexões. Ao leitor cabe reunir

¹ De acordo com os preceitos dos formalistas russos, a obra relaciona-se com a realidade e seu estatuto deve ser definido pela negação das normas vigentes e pela recriação da linguagem, e deve provocar estranhamento no leitor. O autor para dar margem ao processo de desautomatização da linguagem, apresenta a fala usual de modo inusitado, surpreendendo o leitor e levando-o a adquirir novos significados.

os códigos fragmentados no texto que orientam essa interação, para que ocorra a interpretação.

De acordo com o Autor:

Podemos dizer que os elementos indeterminados da prosa literária - talvez até mesmo de toda literatura – representam o elo mais importante entre o texto e o leitor. É o interruptor que ativa o leitor a usar suas próprias idéias, a fim de preencher a intenção do texto. Isto significa que é a base de uma estrutura textual a que o papel do leitor já está incorporado. Nesse aspecto, os textos literários diferem dos que formulam um sentido concreto ou uma verdade. Textos do último tipo são, por sua própria natureza, independentes do leitor individual, pois o significado ou verdade que expressam existe independente de qualquer participação do leitor. Porém, quando o elemento mais vital da estrutura do texto é o processo de leitura, o texto é forçado a contar com o leitor individual para a concretização de um possível significado ou verdade. O sentido é condicionado pelo próprio texto, mas de alguma forma que permita ao próprio leitor trazê-lo à luz. (ISER, 1999a, p.40-41)

Nos textos ficcionais a construção de imagens pelo leitor não obedece ao princípio da “boa continuidade”, visto que, as normas de repertório e seus segmentos de perspectivas não são apresentados em uma seqüência previsível. Para que a seqüência seja percebida, os vazios ganham relevância, permitindo a criação de imagens que passam a integrar a obra. Essas imagens podem ocorrer em dois níveis: as de 1º grau que possibilitam a criação de objetos imaginários; e as de 2º grau que seriam as imagens formadas a partir das reações do leitor. A interação ocorre na integração do imaginário do texto, com o imaginário do leitor.

Os atos de apreensão da significação da obra são orientados pelas estruturas textuais, mas não são totalmente controlados por ela, pois é no ato da leitura que o objeto dos textos ficcionais vai se constituir. É pela interpretação que a idealidade vai ser apreendida, sendo o texto uma formulação de uma realidade já formulada.

O leitor ideal deve ser capaz de realizar, no ato da leitura, todo o potencial de sentido do texto ficcional. O leitor, porém, ao atualizar a obra com suas vivências e experiências, comprova que os textos podem se atualizar de diferentes formas.

O leitor implícito é a idéia de um leitor possível para o autor de um texto, não tem existência real, é uma possibilidade que escapa ao controle do autor, o que dá a esse leitor uma condição virtual de existência.

De acordo com Iser (1996), o texto de ficção surge, mediante o efeito que desencadeia no leitor, pois sua leitura implica uma (re) elaboração da obra por parte de seu receptor. O leitor concretiza o objeto estético a partir de seu repertório pessoal. Os efeitos causados pela obra literária são essenciais para a descrição de seu significado e sua concretização requer a participação do imaginário de seu receptor.

Para o Autor (1996), o texto de ficção em sua relação: real, fictício e imaginário, expõe estruturas materiais porosas, que devem ser preenchidas pelo leitor para que os componentes da tríade sejam organizados, consolidando o significado da obra literária. Desse modo, o leitor está na intersecção entre retenção e propensão (ISER, 1999 b), onde cada nova correlação realizada pelo leitor corresponderá a algumas expectativas, estimulando outras.

A concepção de leitor implícito condiciona uma tensão, que se cumpre no leitor real, quando ele assume seu papel. Essa tensão resulta da assimetria entre texto e leitor, ou seja, da diferença entre o que o texto diz, com economia, e o que o leitor entende que o texto diz, e que ele deve completar. Cada sentença prefigura um horizonte, que se transforma no pano de fundo para o correlato seguinte. Nesse processo, o que já foi lido sofre alterações, interagindo com os novos correlatos.

A construção ficcional pode relacionar-se direta ou indiretamente com os sistemas dominantes de uma época. Pode oportunizar ao receptor o exame da sua realidade ou ser conivente com essa realidade. A interferência do leitor na construção da obra, através do preenchimento de lacunas, influi na sua permanência ao longo do tempo.

É a estrutura dialógica² do texto que determina a polifonia, levando o leitor a constituir novos sentidos e a se perceber como ser social. O texto apresenta um repertório

² O conceito de dialogismo e polifonia remete a Bakhtin, que considera que o discurso narrativo é dirigido ao "outro", referindo-se às relações entre locutor e interlocutor na criação literária. O autor, ao escrever, considera as posições ideológicas de seu receptor.

de normas sociais e de normas estéticas. Essas convenções, fora do seu contexto original, aparecem em novas relações, funcionando como tema ou horizonte sobre o qual um tema é privilegiado.

1.2 A função dos vazios e das zonas de indeterminação

A crença de que todo o texto necessita do destinatário para adquirir significação, encontrou sustentação na teoria de Roman Ingarden. Retomados pela Escola de Constança, os conceitos a respeito da concretização do texto pelo leitor e dos índices de indeterminação vão constituir uma base importante para os estudos sobre a recepção.

Numa perspectiva fenomenológica, Ingarden considera a obra de arte literária como uma produção esquemática intencional, uma vez que o texto é formado por elementos potenciais que devem ser atualizados, e pontos de indeterminação que devem ser preenchidos pelo leitor, sendo a obra de arte a representação da totalidade. Para o teórico, na concretização do texto, o leitor atualiza os elementos potenciais da obra. Os pontos de indeterminação têm função de sugestão de uma complementação, não sendo possível concretizar a obra de diferentes formas.

Nas operações de preenchimento e de atualização, apenas um resultado é perseguido, sendo desconhecido o efeito dessa ação sobre uma obra cuja regra fosse a assimetria e a multiplicação de zonas de indeterminação. A função dos vazios e as experiências anteriores do leitor são ignoradas, bem como as sucessivas recepções de uma mesma obra. Sua contribuição quanto ao conceito dos pontos de indeterminação, porém, chama a atenção sobre a estrutura de recepção da obra.

Para Iser, os pontos de indeterminação e os elementos potenciais indiciam as seleções realizadas pelo autor para compor personagens, ambientes e ações. Sua função é a de induzir o leitor a suspender o processo automatizado de decodificação e a questionar a realidade. Esse caráter de não-identidade com o contexto do leitor constitui o caráter comunicacional do texto artístico.

Conforme o teórico, os lugares indeterminados, da teoria de Ingarden, exigem uma complementação por parte do leitor; os lugares vazios, por sua vez, exigem uma combinação entre os esquemas do texto gerando novas representações e possibilitando a conexão entre os segmentos textuais. Esses conceitos levam à indeterminação no texto.

Para Ingarden, o preenchimento do lugar indeterminado deve aproximar o objeto intencional da obra de arte aos objetos reais. De acordo com essa teoria, existe apenas uma concretização adequada na configuração do objeto, o que a distingue das idéias de Iser, para quem as lacunas do texto possibilitam a entrada do repertório do leitor, permitindo diferentes configurações de sentido e ocasionando a mudança de perspectiva do receptor.

No ato da leitura, é possível preencher as lacunas de indeterminação, porém, o processo de determinação da seqüência de cada perspectiva faz surgir novas lacunas, oferecendo ao leitor um jogo de interpretação.

Iser enumera algumas condições que propiciam o surgimento de indeterminação no texto: a estratégia do corte ou segmentação, com a quebra da continuidade, os ganchos que desencadeiam outros significados, o suspense, a introdução repentina de novos personagens, o surgimento de novas linhas de enredo, os comentários do narrador, a contradição.

Os segmentos estruturados no texto organizam o ponto de vista do leitor, estimulando a transformação de tema para horizonte. Cada vez que um tema torna-se horizonte muda o vazio. As lacunas ocasionam uma inversão entre tema e horizonte. A posição tematicamente vazia age como o ângulo a partir do qual se realiza uma participação seletiva. Com isso, os segmentos textuais são observados de diferentes ângulos, tornando claros aspectos ocultos do texto.

Conforme Iser (1996), esse tipo de lugar vazio funciona no eixo sintagmático da leitura. No eixo paradigmático, o Autor considera a negação como a outra estrutura da indeterminação do texto literário. Ela ocorre quando o repertório do texto contradiz as expectativas do leitor, estimulando-o a criar o não-dito e a formular o não-dado. Sua imaginação é estimulada a perceber os segmentos de outros ângulos. Deste modo, a

obra literária pode fazer sentido em diferentes contextos históricos e se revelar como a reformulação de uma realidade.

Nesse sentido,

[...] no repertório de um texto ficcional as normas implicadas não são totalmente rejeitadas, mas podem ser parcialmente negadas; as negações parciais destacam o aspecto considerado problemático, marcando o caminho para a reorientação da norma. (Iser, 1999b, p.172)

Os vazios devem ser combinados mediante as projeções do leitor, que deve desautomatizá-las, por meio da despragmatização das normas do seu repertório, modificando suas expectativas habituais e ampliando seu horizonte.

1.3 O leitor implícito

No texto literário, o autor cria uma perspectiva de mundo, a partir da realidade. A forma como o produtor do texto se relaciona com seu contexto, demonstra sua convivência com as normas vigentes ou a transgressão dessas normas.

O escritor real projeta-se no texto através das seleções que realiza durante a produção do objeto ficcional. Ele dá forma a uma perspectiva do potencial da recepção do seu tempo. Quando as convenções e as expectativas do sistema vigente são retiradas de sua função e reordenadas para a consecução de um projeto simbólico e a criação de um mundo ficcional, seus valores são alterados.

O narrador é a categoria ficcional que provoca o leitor implícito; ele regula as informações fornecidas ao leitor, levando-o à atividade de preenchimento dos vazios textuais para a constituição de um sentido. O narrador da história é um ente ficcional presente no contexto da obra, o autor implícito, responsável pela matéria narrada e pela organização da estrutura textual.

Iser pensa a leitura como um processo de comunicação com base em dados objetivados pelo narrador e preenchidos pelo leitor. A posição que o narrador manifesta em relação aos fatos pode legitimar ou frustrar a intenção participativa do leitor.

Para entender o que ocorre no ato da leitura, é necessário acercar-se do correlato intencional do leitor real, que se opõe como contraponto do papel estruturador do autor implícito. A figura do leitor implícito³ refere-se tanto à estrutura textual como aos atos estruturados do leitor real que a implementam.

O leitor implícito não tem existência real; pois ele materializa o conjunto de pré-orientações que o texto ficcional oferece, como condições de recepção, a seus leitores possíveis. Em consequência, o leitor implícito não se funda em um substrato empírico, mas sim na estrutura do texto. Se daí inferimos que os textos só adquirem sua realidade ao serem lidos, isso significa que as condições de atualização do texto se inscrevem na própria construção do texto, que permitem constituir o sentido do texto na consciência receptiva do leitor. A concepção do leitor implícito designa então uma estrutura do texto que antecipa a presença do receptor (ISER, 1996, p.73)

A concepção de leitor implícito enfatiza as estruturas de efeitos do texto, relacionando o receptor a ele através dos atos de apreensão. O texto literário oferece determinados papéis a seus possíveis receptores. O papel do leitor se define como estrutura do texto e como estrutura do ato. A função central do leitor implícito é proporcionar o quadro de referências para a diversidade de atualizações históricas e individuais do texto, possibilitando analisar sua peculiaridade.

[...] se a estrutura do texto estabelece o ponto de vista para o leitor, então isso significa que ela leva em conta uma regra elementar da nossa percepção que diz que nosso acesso ao mundo sempre é de natureza perspectivística (ISER, 1996, p.78).

Na leitura de um texto ficcional, o leitor pode identificar as novas relações estabelecidas a partir das decisões seletivas do escritor. Ao tentar interpretá-las, pode

³ Os conceitos de autor e leitor implícito, não são criação de Iser que refere sua dívida a Boot (1961), Fish (1970), Wolf (1971), e Riffaterre (1973). Sua originalidade está em entender esses componentes como estruturas textuais e modelizadores dos atos estruturados de organização e interpretação dos textos ficcionais.

atender a estruturas de apelo previsíveis ou a operar nas zonas de indeterminação que requerem sua intervenção e participação.

As reações do leitor são influenciadas pela estrutura de apelo da obra, mas dependem também de suas vivências e de seus valores, possibilitando dois tipos de concretização. O primeiro refere-se ao horizonte de expectativas extraliterárias, ao efeito condicionado pela obra. O segundo refere-se ao horizonte implícito de expectativas, é intraliterário, está relacionada à recepção pelo leitor. Temos aí a configuração do leitor implícito, instância prefigurada pelo texto.

Para que ocorra a comunicação, o leitor precisa constituir o texto na sua consciência. A indeterminação impulsiona a atividade de constituição de sentido, mediante a dialética do dito e do não-dito. Cada ato de leitura define uma atualização do texto, permitindo novas configurações de sentido orientadas pelo texto.

A polaridade realidade/ficção, é substituída pela tríade real, fictício e imaginário. O texto ficcional comunica algo acerca da realidade, por meio da organização de elementos inseridos nessa realidade, porém, não se restringe à repetição, mas no ato de fingir, que concretiza um imaginário vinculado com a realidade mediada pelo texto.

O leitor constrói o seu imaginário tanto pelo contato com o mundo real, como pelos contatos com o mundo da ficção. O fictício é uma transgressão do autor e do leitor, em relação à realidade, pois envolve o imaginário ao criar um novo objeto.

Os atos de fingir obedecem ao processo de seleção e de combinação. A seleção apresenta a intencionalidade do texto ao apresentar certos campos de referência em detrimento de outros. A combinação corresponde aos elementos intratextuais, dessa forma, o mundo organizado no texto ficcional tem como função provocar reações no leitor.

O repertório, as estratégias e as realizações constituem o sentido do texto. O repertório engloba o contexto cultural, normas sociais e históricas. Tais normas podem permitir a sobrevivência do sistema dominante ou apresentar ao leitor uma representação diversa da realidade. As estratégias seriam as condições formais estabelecidas no texto, que provocariam seus vazios: a técnica de fragmentação e montagem, comentários do

narrador. As realizações são as expectativas do leitor, que podem ser superadas, ou não, no ato da leitura da obra.

A produção do texto literário ocorre mediante a integração do fictício e do imaginário. O fictício alude ao texto e o imaginário evoca o leitor. Os atos dessa interação compõem o texto literário. Por ser aberto e universal, o texto artístico é transcendente.

2. A LITERATURA INFANTIL NO CONTEXTO DE SEU SURGIMENTO

2.1 A literatura infantil e seus aspectos históricos

Com o surgimento da idéia de infância, a criança passou a possuir o *status* de indivíduo especial, sendo considerada um ser em formação, que necessita ser preparado pela família e pela escola para fazer parte do modelo burguês de sociedade. À medida que a classe burguesa ascendeu socialmente, incentivou as instituições familiar e escolar que trabalhavam a seu favor. Nesse contexto, a literatura infantil ficou a serviço da escola, que promove e estimula a circulação de livros, tornando a literatura infantil portadora de valores subjacentes à sociedade e vinculada a objetivos pedagógicos.

A preocupação com o didático e a relação com o popular remontam à natureza da literatura infantil. Charles Perrault, no século XVII, durante o classicismo francês, adaptou contos e lendas medievais, fundando na Europa o gênero contos de fadas. Até então, as primeiras histórias produzidas para as crianças eram resultado de adaptações de textos escritos para adultos. Foi nesse contexto que surgiu o primeiro livro infantil, *Histoires ou contes du temps passé*, publicado em 1697, escrito por Perrault. É oportuno salientar que, quando esse Autor deu nascimento ao gênero infantil, recolhendo e fixando, em linguagem escrita, contos populares que circulavam na Europa medieval, o gênero já surgiu vinculado à educação e ao moralismo.

Perrault reproduziu-os de forma a que eles tanto agradassem às crianças, como transmitissem padrões de comportamento social e individual a serem incorporados pelo indivíduo. Deste modo, os textos para crianças priorizaram a exemplaridade, a autoridade familiar e a avaliação da conduta humana, condensada numa visão maniqueísta, em que a bondade é premiada, e quem pratica o mal é castigado.

Se a literatura infantil européia teve seu início no século XVII, no Brasil, a literatura infantil começa a ser veiculada no século XIX, com a vinda da família real para o País. A chegada de D. João VI ocasionou mudanças na sociedade brasileira. No âmbito cultural tivemos a criação de escolas de ensino superior, como a Faculdade de Medicina, na Bahia, a instalação da Imprensa Régia, a fundação da Biblioteca Real, do Museu Real e

do Horto Real, e ainda a criação da Academia de Belas Artes e a Academia Real Militar. De acordo com Lajolo e Zilberman (1987), foi com a implantação da Imprensa Régia, em 1808, que se iniciou a atividade editorial no País.

O tardio surgimento de uma literatura infantil brasileira, se considerarmos Figueiredo Pimentel seu iniciador, pode ser estabelecido no ano de 1894 como data inaugural: vésperas do século XX, dois séculos após a publicação de Perrault. Apesar da distância cronológica, Figueiredo Pimentel retomou Perrault: muitas das histórias presentes nos Contos da Carochinha, publicadas por esse autor foram extraídas da obra de Perrault e de outros compiladores europeus, como os Irmãos Grimm.

Leonardo Arroyo (1958, p.212), ao traçar um amplo panorama da literatura infanto-juvenil brasileira, do período colonial até a produção de Monteiro Lobato, considera que sua tendência foi a de prosseguir no uso dos velhos temas nacionais, com perspectivas e formulações novas: tradicional (folclore), educativa (didática) e ficcional (criação).

Em decorrência desse contexto histórico, a formação do acervo infantil valeu-se de material já existente, como a adaptação dos clássicos e dos textos folclóricos (lendas, mitos, cantigas, contos de fadas). Esses eram considerados como textos infantis porque incorporavam elementos típicos dos contos de fadas, tais como a presença do maravilhoso e a peculiaridade de apresentar um universo em miniatura. Tal vinculação estrutural aos contos de fadas fez com que a literatura infantil sofresse o mesmo processo de transformação ocorrido com essa forma (TAVARES, 1996).

Com o advento da República no Brasil, se inicia a construção de uma imagem de criança, a qual é valorizada por ser considerada a herdeira do novo regime político, demonstrando a preocupação de formar o futuro cidadão da Nação. A República traz consigo a modernização do País. Na tentativa de transformar a sociedade predominantemente rural em urbana, o governo investe na escola, que se torna responsável pela transmissão dos valores ideológicos, oportunizando, assim, a produção de bens culturais e o espaço para a produção literária e didática voltada para o público infantil.

De acordo com Lajolo e Zilberman (1996), entre 1890 e 1920, o desenvolvimento urbano e o fortalecimento da classe média ascendente, propiciou o surgimento de um público consumidor de literatura infanto-juvenil.

No princípio, como já foi dito, as obras infantis que circulavam no Brasil, eram traduções e adaptações. No início do século XX, surgiram histórias enaltecendo a pátria e sua natureza, produzidas por autores nacionais, temos como exemplo: *Contos pátrios* (1904), de Olavo Bilac e Coelho Neto, as *Histórias da nossa terra* (1907), de Júlia Lopes de Almeida, e *Através do Brasil* (1910), de Olavo Bilac e Manuel Bonfim. Esse período da literatura infantil brasileira se encerrou em 1919, com a obra *Saudade*, de Tales de Andrade.

No período de 1920-1945, a produção literária para crianças se intensificou, no Brasil, aumentando o interesse das editoras e o número de obras publicadas para o público infantil, com predominância de textos narrativos. Monteiro Lobato iniciava sua produção para crianças em 1921, com *Narizinho arrebitado* e, ao longo do período, escritores oriundos da geração modernista aderiram ao gênero infantil. Na década de 20, entre as criações de autores nacionais visando à infância, registram-se as obras de Lobato e de Tales de Andrade.

Na década de 30, a ficção infantil brasileira cresceu; escritores de destaque no panorama literário nacional passaram a escrever para crianças: Graciliano Ramos, Menotti Del Picchia, Viriato Correia, José Lins do Rego, Cecília Meireles, Érico Veríssimo e, principalmente, Monteiro Lobato.

As transformações políticas, econômicas e sociais ocorridas no País, após a Revolução de 30 e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, tinham determinado mudanças políticas, sociais e econômicas. Os sérios problemas que afetavam a sociedade brasileira: o crescimento da população urbana resultante do êxodo rural, a falta de mão de obra qualificada para trabalhar na indústria, no comércio e no serviço público e o alto índice de analfabetismo da população refletiu um sistema educacional inoperante. Tornou-se necessário, então, organizar um sistema mais eficiente, que habilitasse o trabalhador para o mercado industrial. Comprometidos com este projeto de

modernização, políticos e pedagogos participaram dos movimentos a favor da educação e defenderam a escolarização para as camadas populares.

Visando ao desenvolvimento industrial do País, o governo atendeu parte das reivindicações da população. Em 1930, foi autorizada a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública. Essa iniciativa ocasionou inúmeras mudanças: o ensino primário tornou-se obrigatório, houve a implantação de cursos profissionalizantes e a criação de faculdades e universidades. No Rio Grande do Sul foi criada, em 1934, a Universidade de Porto Alegre, posteriormente denominada Universidade Federal do Rio Grande do Sul e no final da década de 1940, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (DE BONI, 1992, p.234-235).

O processo de urbanização e escolarização possibilitou a expansão da literatura infantil que se desenvolveu atrelada aos interesses do Estado e às suas instituições, relacionando-se ainda, com as mudanças sociais ocorridas no País nessa época: a consolidação da classe média, a industrialização e modernização do Estado, a escolarização crescente da população urbana e a nova postura da arte após o movimento modernista.

Tais mudanças culturais, ao se refletirem na literatura infantil, propiciaram o surgimento de duas correntes distintas neste período. Uma delas, encabeçada por Monteiro Lobato, influenciada pelo movimento modernista, optou por uma produção estética inovadora; a outra, insistiu na vertente didática e pedagógica, atendendo aos interesses governamentais.

Os autores e críticos de 30 participaram da evolução da literatura infantil brasileira, de diferentes formas. Alguns recorreram ao folclore e às histórias populares optando pelo resgate da temática nacional, consoante a proposta modernista, através da utilização do acervo folclórico local. Como exemplo citam-se as obras: *Histórias de Tia Nastácia* (1937), de Monteiro Lobato; *Histórias da velha Totônia* (1936), de José Lins do Rego; *Histórias da lagoa grande* (1939) de Lúcio Cardoso; de Luís Jardim, *O boi Aruá* (1940); e *Alexandre e outros heróis* (1944), de Graciliano Ramos. Apesar do esforço de nacionalizar a produção infantil, os temas de origem estrangeira persistiram em adaptações como as realizadas por Lobato em *Peter Pan* (1930) e *D. Quixote* (1936).

Outros escritores preferiram a criação de narrativas, como Érico Veríssimo em *As aventuras do avião vermelho* (1936) ou Graciliano Ramos com *A terra dos meninos pelados* (1939); Menotti Del Picchia, com as histórias de aventuras; Cecília Meireles, com sua produção didática; e Max Yantok, até então ilustrador da revista Tico-Tico. Nessa relação figuram também os nomes de Lúcia Miguel Pereira, Marques Rebelo, Jorge de Lima e Antônio Barata.

A poesia infantil teve pouca representatividade nessa época, podendo-se referir como produção dos modernistas *O sonho de Marina* e *João Pestana* de Guilherme de Almeida, ambos de 1941; de Murilo Araújo, *A estrela azul* (1940); e o livro de poesias de Henriqueta Lisboa, *O menino poeta* (1943).

O crescimento da demanda por leitura influenciou as editoras, que passaram a investir na publicação de novos autores e títulos, como a Globo, que editou Érico Veríssimo, Lúcio Cardoso, Cecília Meireles, entre outros; ou a Companhia Editora Nacional que publicou Monteiro Lobato e Viriato Correia, bem como a Melhoramentos e a Editora Brasil que investiram no lançamento de traduções. Visando, principalmente, ao mercado escolar, editores e autores investiram no gênero. Com o intuito de atender aos programas de ensino, os autores abordaram temas como nacionalismo, patriotismo e moralismo. Dessa forma, escola e literatura infantil participaram do projeto de ascensão da classe burguesa.

No universo dos escritores dessa fase, que optaram pela reprodução da história oficial, Graciliano Ramos se destacou, ao trilhar o caminho inverso e optar pela desmistificação dos fatos nacionais, criando uma narrativa que fugiu à regra das obras de fundo didático: *Pequena história da República*. Esta obra, editada durante o Estado Novo, destoa do quadro geral dos livros infantis da época, repletos de um patriotismo e nacionalismo exacerbado.

Os escritores de livros infantis, publicados sob o patrocínio do Departamento Nacional de Imprensa e Propaganda, do Estado Novo, que se utilizou desse veículo para divulgar suas idéias e propostas, revelaram em suas obras finalidades educativo-pedagógicas. Em suas publicações para o público infantil, nota-se um nacionalismo

ufanista. Entre esses autores temos: Murilo Araújo, Antônio Carlos de Oliveira Mafra e Mary Buarque.

Da mesma forma, parte da poesia publicada nessa época, surgiu associada ao dirigismo ideológico do regime de Vargas, são exemplos: *A estrela azul* (1940), de Murilo Araújo; *Episódios da história do Brasil em versos e lendas para as crianças* (1941), de Antônio Carlos de Oliveira Mafra; e de Mary Buarque, *O pracinha José* (1945). Nessa fase temos também as histórias de cunho religioso, que visavam a propagação da fé. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1987, p. 81). As obras de temática religiosa tiveram seu público leitor garantido graças à influência da Igreja na educação do País.

O ruralismo esteve presente na produção literária infantil, desde o início. Este fato se deve a origem da literatura infantil, ligada às narrativas folclóricas e aos contos de fadas, fábulas e outros relatos que apelavam para o ambiente rural, com personagens ligadas ao campo. Como exemplo temos as obras de Tales de Andrade e de Viriato Corrêa, *A arca de Noé* (1930) e *Cazuza* (1938). O ruralismo aparece também em *O Sítio do Pica-Pau-Amarelo*, de Lobato. Mas, nesse período, com a falência do mundo rural, houve um deslocamento dos heróis que passaram a residir nas cidades. O campo passou a ser apresentado nas obras como local de lazer para os jovens passarem as férias, como podemos observar em *A ilha perdida* (1945), de Maria José Dupré.

No aspecto formal, observou-se que a linguagem, considerada culta, foi sendo substituída pela linguagem coloquial, evidenciando a intenção dos autores de aproximação com os leitores, embora tenha persistido um grupo de narrativas que obedeceram à norma escrita e ao padrão culto, não se adaptando ao estilo de linguagem do Modernismo.

Responsável pelo rompimento com a tradição moralista e patriótica, utilizando linguagem coloquial e abordando temas folclóricos, Monteiro Lobato mereceu destaque. Sua produção contribuiu para a consolidação da literatura infantil brasileira e para a formação de um público leitor. Junto com Lobato e Graciliano, mereceu referência, pelas características de sua produção infantil, Jeronymo Monteiro.

O número de obras do período aumentou, com o surgimento de novos escritores e com o crescimento do público leitor através das campanhas de escolarização. Houve renovação na linguagem e no tema, porém, a partir de 1945, comprometida com o projeto educacional da Escola Nova parte da produção literária infantil incorporou o espírito desenvolvimentista da época.

Em 1942, Getúlio Vargas alinhou o Brasil ao lado das forças aliadas. Este fato aproximou o País dos Estados Unidos, abrindo espaço no mercado para a entrada do capital estrangeiro e para a circulação de produtos culturais importados, como o cinema, a história em quadrinhos e a literatura, causando insatisfação nos intelectuais brasileiros.

Nos anos 40, esses produtos invadiram o País, isso resultou na retração da indústria nacional e em mudanças na cultura. Essas mudanças possibilitaram o surgimento de tendências artísticas variadas. Na poesia, os autores da “geração de 45”, influenciados pelas vanguardas européias, valorizaram formas literárias mais acadêmicas.

Estas opções estéticas favoreceram uma produção literária voltada para um público leitor mais qualificado, restringindo seu acesso. Um setor mais amplo de leitores foi atraído para a cultura de massa. Em meio às segmentações da cultura brasileira, que se estendeu até o final dos anos 50, a literatura infantil se dividiu: por um lado continuou mantendo um vínculo com o nacionalismo e a educação; por outro lado tentou manter distância da associação com o popular e a vulgarização.

Nos livros do período, os autores continuaram a trabalhar com a representação do mundo rural. Comparando o espaço representado nesta fase, em relação à fase anterior da literatura infantil, constatou-se que ele adquiriu novo significado. Deixou de ter o sentido simbólico de projeção de uma imagem do Brasil, para se converter em cenário da ação.

Nessa fase tivemos também as narrativas protagonizadas pelos bandeirantes no interior do Brasil. Neste caso o espaço rural tem outro sentido: Identifica-se com o primitivo, anterior à invasão e colonização do homem branco e a terra contém riquezas. Embutida nessa representação está a ideologia da ocupação das terras selvagens com fins civilizatórios, encobrendo os objetivos principais: a extração de matéria-prima e uma

alternativa de habitação para as populações pobres do Nordeste (LAJOLO, ZILBERMAN, 1986). Jeronymo Monteiro é o único autor desta fase, a contradizer o mito nela embutido.

Os livros publicados nos anos 40 e 50 procuraram seguir o modelo de Monteiro Lobato, muitas vezes, porém, ao retomar a estratégia narrativa deste escritor, os autores deste período apresentaram os protagonistas, as crianças, com comportamentos domésticos e dependentes, com atitudes pueris e personalidade frágil. Como exemplo temos *O cãozinho Samba*, da obra de Maria José Dupré.

Jeronymo Monteiro é o autor que se sobressai, ao contradizer o estereótipo das personagens infantis contidos nos textos. Como exemplo temos o seu personagem Bumba, do livro *Bumba, o menino que quis virar gente*. Alfredo Mesquita também se diferencia ao apresentar uma estrutura narrativa mais inovadora, como podemos perceber em seu livro, *Sílvia Pélica na liberdade*.

Novidade na literatura infantil é a presença do índio, nos livros desse período. Porém, este só aparece do lado certo quando se civiliza, convertendo-se ao cristianismo, aproximando-se do homem branco, como podemos ver em *A cruz de Anhanguera* de Ofélia e Narbal Fontes. Jeronymo Monteiro mais uma vez se diferencia com *Corumi, o menino selvagem*. Apesar dessas iniciativas, a cultura indígena continuou desconhecida, mesmo quando seu acervo lendário foi utilizado para a composição de livros infantis, conforme fez Hernani Donato, em *Histórias dos meninos índios* (1951).

A literatura para o público infantil e juvenil, embora não tenha se desvinculado de seu comprometimento patriótico, acompanhou as mudanças de seu tempo: no geral não concedeu espaço à expressão popular, nem rompeu com as cadeias de dominação, como fizeram anteriormente, Monteiro Lobato e Graciliano Ramos. Por isso não se constrangeu em fazer uso de procedimentos da cultura de massa.

As características e mudanças na literatura infantil brasileira, não se refletiram de modo homogêneo nas instâncias regionais. No Rio Grande do Sul, a literatura infanto-juvenil apresentou algumas características próprias, como podemos ver a seguir.

2.2 A literatura infantil no Rio Grande do Sul

Os primeiros textos destinados a crianças e adolescentes, no Rio Grande do Sul, datam de 1880. Nessa época, no Brasil, ocorriam mudanças políticas e sociais, como a abolição da escravatura e a proclamação da República.

A constituição de 1891 instituiu a forma federativa, ampliou o eleitorado, e permitiu aos Estados elegerem seus governantes. A unidade política básica da República Velha era o partido estadual. Nesse contexto apenas três estados tinham autonomia política: São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Os dois primeiros se uniam na disputa pela presidência, excluindo o Rio Grande do Sul e caracterizando esse período como República café-com-leite. O presidente era indicado pelo Estado produtor do café (São Paulo) ou pela terra dos laticínios (Minas Gerais). Dessa forma, o sistema político da primeira República, legava o poder aos Estados, sob a hegemonia dos economicamente mais fortes. Liberal na forma, oligárquico no funcionamento (SOUZA, 1978).

Neste período, a atividade produtiva no País era a atividade agrária, que tinha como produto principal, a cultura do café, produto de exportação brasileira. Interessava aos Estados produtores o comércio externo, o Rio Grande do Sul, porém, visava o comércio interno de produtos agropastoris. No Rio Grande a agricultura e o pastoreio eram exercidos pelos homens livres. A abolição da escravatura, portanto, não acarretou grandes conseqüências para o Estado, diferente das regiões que tinham sua produção voltada para a exportação e que faziam uso de mão de obra escrava.

A cultura do País acompanhava essa época de mudanças. Em 1881, Machado de Assis publica *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (publicadas, no ano anterior na *Revista Brasileira*)⁴ e Aluísio de Azevedo *O mulato*. Estes livros delineiam duas tendências, a análise, nos trabalhos de Machado e a naturalista, prefigurada em *Coronel Sangrado* de Inglês de Souza e *Um casamento no arrabalde* de Franklin Távora. A feição regionalista teria destaque mais adiante (PEREIRA, 1973).

⁴ O desenvolvimento da imprensa constituiu base para a publicação, divulgação e crítica de literatura, principalmente a partir do romantismo.

Nessa época, os caminhos da ficção tomaram diferentes rumos – uma vertente optou pela análise da alma humana privilegiando o homem, e a quebra de valores; outra fez a crítica às instituições sociais e uma terceira fixou costumes, tipos e linguagens locais. Todos numa perspectiva de busca da nacionalidade e de uma linguagem que expressasse o homem e o cenário brasileiros.

Na década de 1910, se destacaram no cenário nacional, por sua produção literária, Lima Barreto e os escritores regionalistas: Afonso Arinos, Domingos Olímpio, Monteiro Lobato, Simões Lopes Neto, entre outros. Na década de 1920, o Movimento Modernista viria acentuar o nacionalismo.

Na literatura sul-rio-grandense o nacionalismo veio acompanhado pelo regionalismo. Foi com o surgimento da “Sociedade Partenon Literário”, em 1868, que se iniciou o ciclo regionalista no Estado. O grupo, entre variados temas: sociais, políticos, religiosos, estéticos, filosóficos, buscava a fixação da literatura regional. De acordo com Ligia Moraes Leite, os contos regionalistas das duas primeiras décadas do século XX, caracterizaram-se por um código fixo e uma retórica conservadora, representando o mito do gaúcho-herói. Ainda segundo a autora, o Movimento Modernista no Rio Grande do Sul, teve caráter conservador devido às pressões pela continuidade da produção com características regionais.

Na literatura infanto-juvenil brasileira também é possível observar a busca de uma expressão nacional para temas nacionais. Conforme pesquisa de Leonardo Arroyo, sobre o material de leitura destinado ao público jovem, no século passado, verifica-se que este material consistia em livros didáticos, textos portugueses, traduções como os livros de Júlio Verne, Andersen e a Condessa de Ségur; e adaptações, como: *D. Quixote de La Mancha*, de Cervantes, *Robson Crusóé*, de Daniel Dafoe e *Viagens de Gulliver*, de Swift. De onde se conclui que, textos escritos por autores brasileiros, retratando a realidade nacional, eram quase inexistentes nesta fase.

A reação ao predomínio da literatura infanto-juvenil importada, teve início no período pós-romântico. Esboçando uma primeira tentativa de nacionalização, Figueiredo Pimentel publicou, em 1894, os *Contos da carochinha*, seguido pelas *Histórias da*

avozinha (1896), e as *Histórias da baratinha*. Em 1918 surgiram os *Contos da avozinha ou contos nacionais para crianças*, de autoria de F. Adolfo Coelho. Desde então, inúmeros autores começaram a produzir textos, peças de teatro e seletas para a infância e a juventude, mas foi com Monteiro Lobato que a literatura infanto-juvenil alcançou a sua realização.

A literatura infanto-juvenil gaúcha se insere no contexto da literatura infanto-juvenil brasileira. Como foi possível observar, nesse período, a produção literária para a criança e a juventude era quase nula. As obras infantis escritas por autores gaúchos foram publicadas, na sua maioria, no Rio de Janeiro, visando ao público do centro do País. Podemos destacar, no entanto, três obras que foram publicadas em Porto Alegre: o livro de poesias infantis de José Fialho Dutra, *Flores do campo*, em 1882; e duas histórias infantis, *Natal triste* (1920), de Dario Bittencourt e *Juca ratão hydróphobo* (1929), de Augusto Gonçalves de Souza Júnior.

Cabe destacar também a grande incidência de traduções e adaptações, consoante com o movimento editorial da época, em relação à literatura infanto-juvenil. Ressaltam-se nessa fase os livros de Carlos Jansen, com belas ilustrações: *Contos seletos das "Mil e uma noites"*, prefaciado por Machado de Assis e publicado em 1882; *Robinson Crusóé*, com prefácio de Sílvio Romero, publicado em 1885; Nesse mesmo ano, temos *Contos seletos extraídos para a mocidade brasileira*; *As viagens de Gulliver a terras desconhecidas* (1888), com prefácio de Rui Barbosa; e as *Aventuras maravilhosas do celeberrimo Barão de Munchausen*, de 1891.

O autor mais significativo desta fase foi Carlos Jansen. Estava aberta a via para a criação de textos para um público infantil; no Rio Grande do Sul, este caminho foi trilhado inicialmente por Érico Veríssimo.

Segundo Regina Zilberman (1992b), a primeira produção significativa de textos produzidos para a criança, no Rio Grande do Sul, ocorreu na década de 30, sob a liderança de Érico Veríssimo. Entre 35/40, o escritor produziu inúmeras histórias infantis, período em que a editora em que Erico trabalhava, a Livraria do Globo, mantinha um programa visando ao público infantil e juvenil. Em 1935, Érico Veríssimo ingressou, como

escritor, no mercado destinado ao público infanto-juvenil, dando feições particulares à literatura produzida no Estado.

De acordo com a divisão estabelecida por Zilberman e Lajolo o tempo compreendido entre 1935 e 1956, abrange dois períodos da história da literatura infantil, (1986, p.15): o final do segundo período (1920-1945), no qual a literatura consolidou-se com a multiplicação do público, de títulos e autores, e o início do terceiro (1945-1965), quando o gênero reflete a modernização do País.

Os textos produzidos no RS entre 1935 e 1959 foram editados, em grande parte, no Estado, destinando-se ao público leitor regional. O crescimento das publicações no período estava ligado a uma série de alterações econômico-sociais, dentre as quais a existência de um público escolarizado; aumento do mercado livreiro, e facilidade na distribuição das obras, devido ao surgimento de novas editoras. Os textos procuravam atender às necessidades culturais das crianças e dos jovens gaúchos.

O processo de urbanização e as transformações do mundo rural repercutiram na produção literária infanto-juvenil gaúcha do período. Nessa época, tivemos a ocorrência de obras díspares: algumas com os autores postulando antigos padrões de comportamento para a criança, e outras que apontavam para a renovação da literatura infantil rio-grandense.

Érico Veríssimo foi o mais significativo autor desse período, inaugurando, em 1935, uma nova fase da literatura infantil e juvenil sul-rio-grandense. Entre as obras publicadas pelo Autor temos: a primeira produção de Érico para o público jovem, *A vida de Joana D'Arc*, em 1935; seguido pelos infantis: *As aventuras do avião vermelho*, *Os três porquinhos pobres*, *Meu ABC*, *Rosa Maria no Castelo Encantado*; o autor lançou, em 1937, visando o público juvenil, *As aventuras de Tibicuera*; Em 1938, publicou *O urso-com-música-na-barriga*; em 1939, outras obras foram lançadas no mercado gaúcho e nacional, *A vida do elefante Basílio*, *Outra vez os três porquinhos*, *Viagem à aurora do mundo* e uma didática: *Aventuras no mundo da higiene*.

Dentre os autores gaúchos que publicaram textos para o público infantil e infanto-juvenil, nesta época, além de Érico Veríssimo temos: Antônio Guerra Acauan, Antônio

Barata, Dirceu Chiesa, Paulo Dias Fernandes, Itamar Marques Guimarães, Paulo Corrêa Lopes, Inocêncio Galvão de Queirós, Max Yantok, Alceu Masson, Deoclécio de Antunes, Gastão Nogueira Gorrese, Antônio Ildfonso Lima, Augusto Gonçalves de Souza Júnior, Athalcio Pithan, Waldomiro Antunes Pacheco, Edy Lima, Heitor Rossato, Tassilo Orpheu Spalding, Paulina Vissoky, Mário Quintana e Lopes de Oliveira (AGUIAR,1979). Alguns desses autores tiveram seus livros divulgados nas seções literárias da Revista do Globo.

Em relação ao gênero literário, predominaram, nas publicações infantis e juvenis de autores gaúchos, dessa fase, os textos de ficção; na poesia tivemos apenas duas publicações: *Festas escolares* e *Poesias escolares*, de Francisco Martins Cardoso Filho, publicadas em 1945, ambas com objetivos pedagógicos.

Nesse período constatou-se o predomínio de textos originais, embora traduções e adaptações continuassem freqüentes. Na tradução, Pepita de Leão se destacou, contabilizando 28 títulos editados, quase na totalidade, pela Editora Globo de Porto Alegre. Também traduziram e adaptaram obras infantis, no Estado: Antônio Guerra Acauan, que traduziu, em 1942, *Dois meninos e um cachorro* e adaptou, em 1943, *Dom Quixote de la Mancha* e *Os três mosqueteiros*, também pela Editora Globo; Itamar Marques Guimarães, que em 1941 adaptou *Simbad, o marítimo*, pela Editora Thurmman; e Lauro Blauth, que adaptou para o teatro *O gato de botas*, publicado, em 1955, pela Editora Paulinas.

As traduções e adaptações de histórias européias constituíram-se num dos projetos da Editora Globo, que teve em Pepita de Leão uma de suas tradutoras. Dentre os livros que traduziu figuram obras de autores famosos como Lewis Carroll, Joana Spyri, David Wyss, Robert Louis Stevenson, Charles Dieckens e Hans Christian Andersen. Em 1937, Pepita de Leão lança no Estado a obra *Conta uma história*, resultado de um trabalho de compilação de contos. Na obra, temos histórias de fadas, mistérios, aventuras e relatos de viagens, colhidos da tradição oral.

A literatura gaúcha adulta, nesse período, assim como a nacional, preocupou-se com a documentação da realidade, denunciando os problemas sociais e analisando os conflitos humanos. O regionalismo permaneceu constante no Sul, mas com uma nova abordagem. Na década de 20, a prosa regionalista se caracterizava pela idealização de

um passado distante. Nos anos 30, alguns autores sulinos buscaram gerar obras com valor documental, colocando em voga as transformações por que passou a economia gaúcha, e representando em suas obras o processo de marginalização e alienação do homem do campo.

Darcy Azambuja com, *No galpão*, é o responsável por este elo entre o passado nostálgico regionalista e a mudança dessa vertente, revelando as mutações que ocorriam na economia agrícola e pecuária do Estado. Este autor, em 1928, lançou no mercado gaúcho um livro com características peculiares, *Contos rio-grandenses*, com o subtítulo “Leituras escolares”. Na literatura infantil, esta obra correspondeu ao movimento regionalista, que persistiu na literatura adulta do Estado. Publicado em Porto Alegre, pela editora Globo, seu aspecto externo chama atenção. A abertura de cada conto apresenta uma ilustração, seu formato foi reduzido (14cm x 19cm) e a capa ganhou resistência pelo acréscimo da capa cartonada. Tais cuidados indiciam o seu público-alvo, crianças em fase escolar, que deveriam levar o livro para a sala de aula.

Alguns dos contos publicados neste livro, já figuravam em *No galpão*, de 1925, vencedor do Primeiro Prêmio de Contos da Academia Brasileira de Letras. A atitude do Autor ao reeditar os contos visando o público infanto-juvenil, indicia o crescente mercado da literatura infantil.

Foi na década de 30, porém, que ocorreram as transformações que iriam alterar as bases ideológicas do regionalismo. Essas mudanças precisam ser vistas no contexto histórico das mudanças no País e na literatura brasileira. Getúlio Vargas ascendeu ao poder, com uma proposta nacionalista e industrializante, apoiado por uma aliança de contrários. A economia, alicerçada na exportação e na subsistência, passou para o setor industrial, visando a inserção do País no capitalismo internacional. Essas mudanças econômicas ocasionaram a expansão da indústria nacional e a modernização da sociedade brasileira. O desenvolvimento oportunizou a ascensão da classe burguesa e o surgimento de novos grupos sociais formados por industriais, comerciantes, profissionais liberais e operários, concentrados nos grandes centros urbanos.

Esses grupos urbanos, com interesses distintos, passaram a pressionar o governo com suas reivindicações. Com a intensificação dos movimentos sociais, o governo

populista de Vargas, com características fascistas e ao mesmo tempo paternalista e nacionalista, optou por um tom conciliatório na solução dos problemas, o que culminou na decretação do Estado Novo, em 1937. O governo outorgou uma constituição de caráter autoritário, estabeleceu o controle policial, censurou as manifestações intelectuais e suspendeu as liberdades civis.

Deposto em 1945, por um golpe militar, Getúlio retornou ao poder em 1951. Entre 1946 e 1951 o general Eurico Gaspar Dutra foi o presidente do País. No seu governo, foi promulgada a nova Constituição do Brasil e restabelecida a democracia. Em 1956, Juscelino Kubitschek inaugurou a fase desenvolvimentista do País. Estado e multinacionais investiram na infra-estrutura, em estradas e nas comunicações. As distorções regionais e a recessão econômica acirraram os movimentos políticos e sociais, resultando no afastamento do capital estrangeiro e no fracasso de seu Plano de Metas.

O Rio Grande do Sul, durante esse período, deteve o controle federal e no Estado Novo, permaneceu sendo a terceira potência estadual, embora se limitasse a fornecer gêneros de subsistência para o mercado interno. A situação do Estado só melhorou com os investimentos americanos nos setores frigoríficos, de energia e comunicação e com os incentivos federais na agropecuária e na indústria de matéria prima local. Quando Juscelino assumiu o poder da Nação, porém, o Rio Grande do Sul perdeu apoio do governo central.

A mecanização da lavoura e o desenvolvimento industrial, ocasionou o êxodo rural e o crescimento das cidades, com o aumento de seu contingente populacional e conseqüente surgimento da pobreza e de grupos marginalizados oriundos da zona rural e sem preparo para o trabalho na indústria e no comércio.

Os efeitos repercutiram também na literatura. As produções mais revolucionárias do modernismo, não se refletiram no Rio Grande do Sul. A narrativa de 30, portanto, se diferenciou da produção que lhe antecedeu. O retorno à vertente localista, como já acontecera no pré-modernismo, ocorreu de outra forma, rompendo com o ufanismo remanescente do romantismo. Foi no âmbito temático que a narrativa de 30 se particularizou. Ocorrendo na mesma época da modificação política, ficou evidente a relação entre a mudança estética e administrativa. O deslocamento do mando político do

campo para a cidade, com a ascensão da burguesia industrial e a conseqüente modificação do modelo econômico, conduziu a atenção para a realidade social brasileira. Em vista disso, a narrativa incorporou novos temas e mudou os rumos da ficção nacional.

A prosa rio-grandense, esteve afinada aos novos rumos da ficção moderna brasileira, correspondendo às novas conformações literárias. Cyro Martins, Pedro Wayne, Aureliano de Figueiredo Pinto e Ivan Pedro de Martins ilustram a produção regionalista deste período, denunciando as condições sociais predominantes na campanha. Os autores recuperaram os aspectos do regionalismo, porém sem o ufanismo gauchesco, trocando a índole idealista pela expressão das desigualdades sociais. Foi entre 1935 e 1945, durante a administração de Vargas, que ocorreu a eclosão desta prosa realista, voltada aos recursos ficcionais da novela em detrimento do conto.

O autor mais produtivo do período é Cyro Martins, com sua trilogia do “gaúcho a pé”. O Autor fez uso da temática rural, para mostrar a penúria econômica e o afastamento das raízes do homem do campo, vivendo como um pária na sociedade urbana. A ascensão das massas urbanas e a estratificação social ocasionaram essas mudanças no romance regionalista brasileiro.

Cabe agora dar prosseguimento à análise das outras instâncias atingidas pelas transformações ocorridas nessa década.

2.3 A *Revista do Globo* e a divulgação da literatura

Numa época de grandes mudanças econômicas, políticas e sociais no Brasil surgiu a *Revista do Globo* (1929). O crescimento das relações capitalistas teve um efeito positivo no desenvolvimento do parque gráfico brasileiro, estimulando a atividade editorial, a partir de 1930. Ressalta-se que, antes de ser possível editar livros no Estado, os periódicos promoveram a literatura através da publicação de textos literários e da divulgação de edições e lançamentos de livros.

Nesta época, no Brasil, a participação dos homens de letras nos jornais era uma constante, pois os escritores buscavam, nesse veículo, a divulgação de seu trabalho, bem como, retorno financeiro e reconhecimento público. Ao mesmo tempo esta prática tornava a leitura de literatura mais acessível, e promovia a consolidação do público leitor.

Os jornais, porém, foram adquirindo novas formas, dando ênfase à informação e à reportagem, reduzindo o espaço para a literatura, refletindo o interesse da sociedade no mundo mercantil. Nesse contexto, as revistas ilustradas, surgiram com uma nova proposta, ao expor e difundir idéias, novidades, suscitar debates e revelar talentos, atraindo os homens de letras.

Nesse contexto, surgiu a *Revista do Globo*,⁵ periódico com finalidades culturais que se tornou a principal publicação do gênero no sul do País, obtendo abrangência nacional. As matérias publicadas no ano de fundação da Revista (1929), além de versarem sobre assuntos literários, registraram a situação político-social vigente no Estado, que culminou na “Revolução de 30”. Os intelectuais do Estado aderiram a essa revolução, em oposição ao governo de Washington Luís, redigindo um manifesto político na RG nº 19 de 1930, intitulado: “Ao Rio Grande e ao Brasil” (Ver anexo A). Tal apoio influenciou positivamente na política de Getúlio Vargas, que assumiria a chefia do governo provisório da nação em 3 de novembro de 1930. Em 1934, por ocasião da visita do então presidente da República ao Estado, a Revista publicou um artigo em homenagem a Getúlio Vargas. (Ver anexo B)

A *Revista do Globo* visava ao público em geral, inclusive infantil. Textos literários e informativos dividiam espaço com imagens, fotografias e anúncios. Com periodicidade quinzenal, foi importante veículo de cultura de massa, divulgando os principais acontecimentos no Estado, no Brasil e no mundo.

A linha editorial da RG se relacionava com o projeto editorial da Livraria do Globo. Os autores que ali publicaram artigos, em sua grande maioria, eram autores do Rio Grande do Sul. Essa linha editorial está explícita nos textos e seus autores, nas estratégias para atingir o leitor, na representação da matéria consoante com a Revista, a Editora e a Livraria do Globo.

⁵ A sigla RG substituirá, em alguns trechos deste trabalho, a expressão Revista do Globo.

Conforme dados da pesquisa de Fabiane Fraga (2004), a Revista, ao longo de sua permanência, teve vários diretores. De 1929 a 1938, assumiu a direção da RG, Mansueto Bernardi, seguido de Octávio Tavares, Erico Veríssimo e Luiz Estrela, dirigentes que optaram por uma linha editorial claramente literária, priorizando a publicação e divulgação da literatura e de seus autores. No período de 1938 a 1947, com Justino Martins na direção, foi priorizado o fato jornalístico, com o intuito de atingir o grande público. Justino consagrou-se como revisteiro, promovendo a RG em nível nacional. Sob sua direção a Revista noticiou importantes acontecimentos nacionais e internacionais, como a saída de Getúlio Vargas da Presidência da República e a Segunda Guerra Mundial.

Após a Segunda Guerra Mundial, houve a expansão da cultura norte-americana, fato que se refletiu nos meios de comunicação, como a televisão, o rádio e principalmente o cinema. Justino Martins promoveu ampla divulgação, na Revista, do cinema e da cultura norte-americana. Durante sua administração o periódico passou por um processo de modernização, adquirindo um caráter de grande magazine.

Nos vinte anos seguintes, de 1947 a 1967, a *Revista* teve na direção Henrique e José Bertaso Filho, que deram ênfase, na sua administração, à divulgação da Livraria e da Editora, ficando sob responsabilidade do chefe de redação, a matéria a ser publicada.

As imagens, fotos e ilustrações, ocuparam espaço de destaque no periódico. De acordo com Moreira (2005), o periódico teve ao todo 53 ilustradores profissionais, entre pintores e desenhistas, citando-se Sotero Cosme, criador da capa do primeiro número, uma mulher segurando um globo nas mãos.

A RG divulgava lançamentos e reedições, autores nacionais e internacionais, sendo distribuída em todo território brasileiro; promovia a literatura e as obras editadas pela Editora Globo. Destinava-se também ao público infantil; publicando textos literários destinados aos pequenos leitores, demonstrando, assim, preocupação com a educação das futuras gerações (MOREIRA, 2005). Dentre as iniciativas visando ao público mirim temos as coleções infantis editadas pela Globo: Coleção Nanquinote, Burrinho Azul e Coleção Aventura, divulgando o lançamento dessas obras infantis, bem como as

traduções e adaptações de obras estrangeiras editadas pela Globo, além de manter uma seção com narrativas infanto-juvenis que compõem o *corpus* deste estudo.

A *Revista* circulou de cinco de janeiro de 1929 até dezessete de fevereiro de 1967 contando a coleção com 941 fascículos e dois números especiais: um sobre a “Revolução de 30” e outro sobre a grande enchente de 1941, totalizando 943 fascículos. Em 17 de fevereiro de 1967, quando ocupava o 2º lugar em vendas no País, ficando atrás apenas da revista *Cruzeiro*, a RG interrompeu sua circulação (FRAGA, 2004).

3. UMA REVISTA EM BUSCA DO SEU LEITOR

3.1 A literatura infantil na *Revista do Globo*

A descrição da literatura infantil publicada na RG, no período de 1930 a 1959, aborda o formato das páginas, o espaço destinado à seção na *Revista*, o total de ocorrências de seções e textos e seu período de maior concentração, os gêneros literários, os aspectos relevantes das narrativas que vão configurar o projeto editorial para a formação de um público leitor infantil.

As publicações na seção infantil iniciaram em julho de 1930, com a publicação do conto *A princesa e o rei Barbabranca*. A Revista publicava contos, lendas, fábulas, histórias em quadrinhos, apólogos, anedotas e poema com a finalidade de cativar o leitor infante-juvenil. Em 1937, a RG interrompeu a publicação de literatura infante-juvenil e, após um intervalo de 22 anos, em dezembro de 1959 aparece o conto *Os sapatos vermelhos*, de Hans Christian Andersen, apresentado como conto de Natal, sendo este o último texto infantil publicado na Revista. Esse retorno singular, provavelmente, fazia parte de uma estratégia publicitária, pois, no ano anterior, 1958, a Editora Globo havia lançado uma edição primorosa, com ilustrações de Nelson Boeira Fäedrich, de *Contos de Andersen*, vinte histórias traduzidas por Pepita de Leão. No entanto, a grande maioria dos textos publicados na seção infantil da RG não registrou o nome do autor nem dos ilustradores. Tal atitude demonstra a pouca valorização que a literatura infante-juvenil recebia na época, sendo considerado um gênero menor.

Quanto à diagramação e a distribuição do número de textos na página, esta ocorria de forma variada; há páginas com apenas um texto, que vem acompanhado por gravuras infantis; outros textos longos e ilustrados, que ocupam várias páginas; páginas com duas ou três ocorrências e também com a continuação de diferentes textos: várias fábulas, duas ou três, ou pequenos contos na mesma página entremeados por fotos de crianças.

A literatura infantil foi apresentada, inicialmente, sob a forma de seções, para facilitar a busca e incentivar a leitura, reservando ao pequeno leitor um espaço próprio na Revista.

Tabela 1: Seções, datas e ocorrências

SEÇÃO	ANO	OCORRÊNCIAS
Guri	1931	13
Guri	1932	2
Página das Crianças	1932	5
Para as crianças	1932	3
Para os pequenos	1932	5
O mundo das crianças	1933	3
Não nomeada	1935	7

Como podemos observar na tabela acima, a seção infantil na RG surge com uma sucessão de variantes em sua apresentação. A periodicidade das seções e das ocorrências de gênero, não se manteve constante, assim como o formato e a diagramação da página, que variou muito ao longo dos anos, demonstrando não haver uma proposta consistente da Revista para a literatura publicada para o público mirim. A frequência dos gêneros literários aí publicados também não foi regular, prevalecendo o conto, como gênero com maior número de ocorrências. Cabe aqui ressaltar que as páginas desta seção eram acetinadas, nas cores creme ou branco e passaram a ser numeradas, somente a partir de 1934, de resto, como as demais da RG.

Observa-se que os textos são longos, sempre ilustrados, a exceção das lendas que não apresentam ilustrações e dividem a página com as histórias em quadrinhos. A partir de 1933 os textos se estendem por várias páginas, em alguns casos, para melhor aproveitamento espacial da página, ocorre a publicação de anúncios de diversos produtos, não relacionados ao universo infantil. A extensão e o conteúdo desses textos deixa claro que o leitor visado é o leitor infanto-juvenil. As lendas aparecem em letra script, em textos um pouco mais longos e sem ilustração, denotando, pelas características observadas, visar a um público já alfabetizado.

Foi possível observar, a partir da pesquisa realizada, que os anos de maior ocorrência de textos infantis e juvenis, na RG, sendo mais frequentes a fábula e o conto, foram os anos de 1931 e 1932, época em que estavam na direção da *Revista Mansueto Bernardi* (de 1929 a 1931) e posteriormente, Octávio Tavares (1931) e Erico Veríssimo (1931 a 1936). Em 1931, ocorre um total 20 títulos publicados, 10 na gestão de Mansueto,

4 na gestão de Octávio Tavares. Em outubro de 1931, Erico Verissimo assume a direção da RG, sendo responsável pelo restante das publicações de 1931; em 1932, ao todo foram 29 textos infantis publicados. Pela observação da tabela abaixo, é possível relacionar a frequência das publicações de textos de literatura infanto-juvenil na Revista, com a proposta literária dos diretores da época.

Tabela 2: Diretores e ocorrências de textos literários infantis

ANO	DIRETOR	Nº DE OCORRÊNCIAS
1931	Mansueto Bernardi	10
1931	Octávio Tavares	4
1931	Erico Verissimo	6
1932	Erico Verissimo	29
1933	Erico Verissimo	1
1934	Erico Verissimo	5
1935	Erico Verissimo	4
1936	Erico Verissimo	5
1959	José Bertaso Filho	1

Entre os textos publicados, em agosto de 1932, estão *Nico e o paraíso perdido* e *O burrico, o palhaço e outros bichos*, ambos de autoria de Erico Verissimo. Estas publicações, porém, não aparecem na seção infantil da Revista, mas na página de rosto (Ver anexos C, D), que apresenta, no cabeçalho, o nome do diretor, Octávio Tavares e do secretário, Erico Verissimo, bem como o endereço da gerência na Livraria do Globo, à Rua dos Andradas, 1416. Ressalta-se que, nessa época, Érico ainda não havia iniciado a publicação de sua produção infanto-juvenil, que teve sua primeira ocorrência em 1935, com a obra destinada ao público juvenil, *A vida de Joana D'Arc*, editada pela Globo e com ampla divulgação na RG (Ver anexos). As ilustrações e capitulares foram realizadas por Nelson Boeira Faëdrich. Seguindo a estratégia da Editora e Livraria com a Revista, na divulgação das obras editadas, consta na Revista um artigo de Erico, comentando a obra lançada naquele ano (Ver anexo E). Também a divulgação do livro e do lançamento de

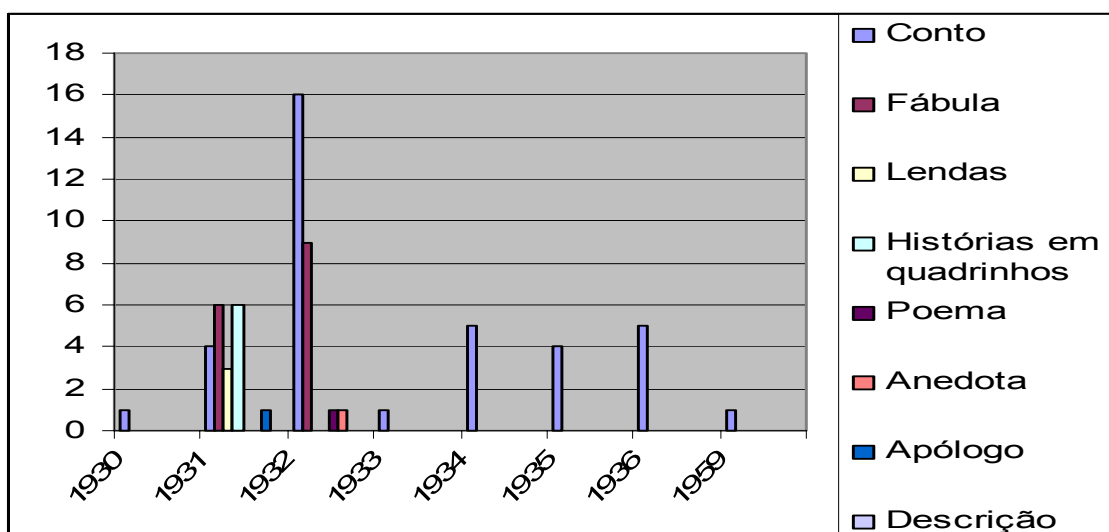
um filme da Universum-Film A. G. (Ufa) de Berlim, sobre a heroína (Ver anexo F), a divulgação ocorreu também no Natal (Ver anexo G).

Nos anos subseqüentes, 1934, 1935, 1936, os textos infantis apresentaram baixa freqüência, passando a aparecer, a partir de 1934, no mês de dezembro; como exceção, registram-se duas ocorrências, uma, o conto *Uma Aventura do Miguelzinho*, no mês de março de 1935, e outra, *O Troca-bolas*, em agosto de 1936. Após 1936, como já referido, somente em 1959, a RG publicou um único e último texto de literatura infanto-juvenil.

Em relação ao número de ocorrências por tipo de narrativa, tem-se, em 1930, apenas um conto, conforme já citado anteriormente. Em 1931, foram publicadas três lendas, seis histórias em quadrinhos, quatro contos, seis fábulas e um apólogo, totalizando 20 publicações; em 1932 são 29 ocorrências, sendo um poema, uma anedota, nove fábulas, 16 contos e a descrição das brincadeiras infantis: “Um jogo sírio” e “Jogo do dragão do Ano Novo”; em 1933, abril e maio, um texto publicado em cinco capítulos, *O gato que andava sozinho*, do autor britânico Rudyard Kipling, em formato de folhetim;⁶ em 1934, são cinco contos, todos publicados em dezembro; em 1935, são em número de quatro; em 1936, cinco e em 1959 apenas um. Quanto às histórias em quadrinhos, foram publicadas seis, todas em 1931.

Tais dados são verificáveis no quadro abaixo:

Gráfico 1: Gêneros e ocorrência



⁶ Iser considera que a organização do texto em capítulos, com o intuito de despertar o interesse pela continuação da leitura, propicia o aumento da indeterminação no texto.

Cada um desses gêneros apresenta características próprias: As lendas são narrativas da tradição oral, de caráter ficcional, que são transmitidas de geração em geração; a ação geralmente é localizada no espaço e no tempo. A história é modelada pelo maravilhoso. Como exemplo temos as lendas de mouras encantadas, os milagres de santos ou a lenda cristã. As lendas publicadas para o público juvenil, na RG, entre elas: *Lendas de São João*, e *Lenda do Miosótis*, visa manter a base espiritualista e religiosa, para as futuras gerações, oportunizando dessa forma, a manutenção da tradição e da cultura.

Com relação às histórias em quadrinhos, estas surgem alinhadas à cultura de massa e conquistam o leitor com facilidade, sua estrutura aliada à imagem, é um fator de atração, principalmente para o leitor jovem. Cabe aqui ressaltar que, na época das publicações na RG, as histórias em quadrinhos eram legendadas, pois ainda não era usado o recurso dos balões, como vemos atualmente. A letra usada era a bastão maiúscula, caracterizando a escrita para crianças pequenas, em fase de alfabetização. Não podemos deixar de mencionar o pioneirismo da RG, revista de cultura e lazer, na publicação de histórias em quadrinhos, visto que, até então, esse gênero era publicado somente em revistas destinadas exclusivamente ao público infantil, como a revista Tico-Tico, por exemplo.

A poesia teve pouca representatividade na Revista, limitando-se a uma ocorrência apenas, o que remete ao que já foi citado no capítulo anterior, sobre a pequena produção de poesia destinada ao público leitor infanto-juvenil. Cabe aqui destacar o poeta Mário Quintana que, em 1948, lançou *O batalhão das letras*, obra escrita em versos para o público infantil, publicada pela Editora Globo, na coleção Biblioteca de Nanquinote, com ilustração de Edgar Koetz. Apesar do título, a obra não é didática, nem pedagógica. O poeta trabalha a poesia de forma diferenciada dos autores da época, que se utilizavam do fazer poético como veículo transmissor de ensinamentos e normas, abordando temas patrióticos ou religiosos. Quintana opta pela forma lúdica, por apresentar um universo onde a criação, a brincadeira, a fantasia e a rebeldia tenham seu espaço garantido, dialogando e compartilhando com a criança leitora.

O conto, categoria literária com maior representatividade na RG, caracteriza-se por ser um relato pouco extenso que tende a concentrar os eventos de forma linear e

concentrada. Na RG temos os contos de fadas e também os contos exemplares, estes com propósito educativo e moralizante.

As fábulas apresentam estruturas simples, relatos breves, geralmente com o intuito de moralizar. Seus personagens, animais antropomorfizados, apresentam características humanas. O apólogo possui uma estrutura parecida com a da fábula, personifica os seres inanimados e transforma-os em personagens da história, ilustrando lições de sabedoria ou ética. Este tipo de narrativa apresentou apenas uma ocorrência. A anedota é uma história curta com final surpreendente ou engraçado.

A tabela abaixo apresenta a sistematização dos dados apresentados até aqui, com a referência de toda a literatura infanto-juvenil, publicada na Revista do Globo. A reprodução da ficha do catálogo se encontra em anexo.

Tabela 3: Literatura Infanto-juvenil na *Revista do Globo*: Quadro de Referências

REFERÊNCIAS				TÍTULO
Ano	Data	n.º	p.	
1930	26/jul	14	40	A princesa e o Rei Barbabranca
1931	10/jan	1	12	A lenda da princesa Moura
1931	17/jan	2	19	Jeca, Juca e Joca
			28	Sem título
			28	Aventuras de Jeca, Juca e Joca
1931	24/jan	3	19	Lendas de São João
1931	24/jan	3	22	Luizinha, o gato e o tico-tico
1931	31/jan	4	21	Lenda do Miosótis
			21	Sem título
1931	7/fev	5	22	Aventuras do capitão barbicha
1931	11/abr	11	39	Pedro, o pirata
1931	18/jul	18	38	O tesouro
1931	12/set	22	40	O Orgulhoso
			46	Os animais e a peste
1931	24/out	25	32	A garça velha

1931	7/nov	26	34	A lagartixa astuta
1931	21/nov	27	42 42	O gato vaidoso Mal maior
1931	5/dez	28	40 40	Liga das Nações O burro sábio
1931	24/dez	29	49	Os dois viajantes na macacolândia
1932	16/jan	1	36	O lobo velho
1932	30/jan	2	43 43	Um jogo sírio Sorrisos
1932	27/fev	4	41-42	A esperteza de um peixinho
1932	12/mar	5	41-42	Carmina
1932	9/abr	7	35 35-36	O carreiro e o papagaio O macaco e o gato
1932	9/abr	7	35	A mosca e a formiguinha
1932	23/abr	7	30 30-31 36 30	Um sabiá na gaiola O cão e o lobo Qualidade e quantidade O leão, o lobo e a raposa
1932	18/jun	12	36	Contos de mãe gansa
1932	7/mai	9	37 37 37	O peru medroso A raposa sem rabo O burro na pele do leão
1932	21/mai	10	19 19 19-20 20	Os dois burrinhos O cavalo e as mutucas O ratinho, o gato e o galo Os dois pombinhos
1932	13/ago	16	41	Chuca e o homem da areia
1932	27/ago	17	9	O burrico palhaço e outros bichos
1932	10/set	18	20	Jogo do dragão do ano novo
1932	8/out	20	16	Flecha direita
1932	24/dez	25	36-37 38-40 41 42-43 44	Era uma vez um gnomo A pedra O pato e o canguru O corvo Era uma vez um porco
1933	5/abr	6	46	O gato que andava sozinho

	19/abr 3/mai	7 8	44 43-44	
	17/mai 31/mai	9 10	42 46	
1934	22/dez	24	41-47 48-49 50-51 52-53 54-55	
1935	23/mar	6	32	
				As aventuras de Dick e de seu gato O acampamento de Tonico Aventuras de dois coelhinhos O gênio da maldade O lobo mau Uma aventura do Miguelzinho
1935	25/dez	174	18 18-19, 71 20,72	O bravo Tommy O Natal de Maria Cristina O príncipe Lancelot e as fadas
1936	8/ago	188	37	O Troca-bolas
1936	22/dez	197	41-43 44-46, 95 47-50, 92-94 51-54, 89-91	A menina do Chapeuzinho Vermelho O príncipe encantado Branca de Neve Joãozinho Felizardo
1959	24/dez	758	22-24	Os sapatos vermelhos

Legenda:

 Lenda	 Conto	 Histórias em quadrinhos	 Anekdota
 Fábulas	 Poesia	 Apólogo	 Descrição

Nos textos infantis publicados nesta época observa-se forte apelo ao leitor infantil, com páginas em diferentes formatos e textos dispostos na página divididos em duas colunas para facilitar ao infante a leitura do texto. Entre as estratégias para atrair o leitor infantil temos o cabeçalho. Na seção GURI! (Ver Anexo H) o cabeçalho ocupa toda a parte superior da página, em módulo em forma de cercadura, com a ilustração apresentando animais antropomorfizados, presentes nas histórias infantis, como o coelho, a cigarra, a joaninha, a abelha, a borboleta, que se dirigem a um parque de diversões, local de lazer e diversão para as crianças. O uso desse cabeçalho vai de janeiro de 1931

a janeiro de 1932, vigora, portanto, durante um ano, totalizando nove ocorrências neste período.

Quanto ao cabeçalho, em 1931, ocorrem duas exceções: uma em abril, na página onde está a história em quadrinhos, *Pedro o pirata*, a seção GURI não vem com o seu cabeçalho tradicional ilustrado, aparecendo apenas o nome da seção. No mesmo ano, por ocasião da publicação do conto *O tesouro*, a página traz no seu cabeçalho, a denominação: Página das crianças GURI, sendo essa a única vez que a seção recebe essa dupla referência. No período de fevereiro a maio de 1932, a seção infantil da RG, muda de nome e de formato. Passa a se denominar Página das crianças e não vem ilustrada. Esta forma muda em agosto do mesmo ano. Após uma lacuna de quase três anos, apresentará uma ocorrência em 1935, por ocasião da publicação do conto infantil, *As aventuras de Miguelzinho*. Em agosto de 1932, a seção infantil da RG passa a se denominar Para as Crianças, com o nome localizado na parte superior da página, acompanhado por desenhos de brinquedos infantis como: bola, boneca, carrinho, cavalo de pau, tendo no lado esquerdo da página, uma senhora com uma vassoura e um balde. Esta seção apresentou apenas três ocorrências, mais especificamente em agosto, setembro e outubro de 1932. Em dezembro de 1932, a seção passa a ser nomeada Para os pequenos, o cabeçalho não apresenta ilustração.

Em 1933, ano da publicação da história *O gato que andava sozinho*, publicado em capítulos, em formato de folhetim, a seção passa a ser nomeada como: Mundo das crianças, escrito em letra cursiva, em negrito, em tamanho grande. O cabeçalho não é ilustrado. A partir de 1934, com exceção do texto já citado, o espaço reservado na Revista para a publicação de textos infanto-juvenis, não apresentou cabeçalho que a caracterizasse como página para um público específico. De 1934 a 1936, a seção infantil não é nomeada, aparecendo apenas o nome da Revista centralizado no topo da página, com o número da página disposto à esquerda e a data, à direita. Os textos, por sua vez, pelas suas características, conteúdo temático e extensão, visavam um público jovem e não a criança pequena, o que talvez esclareça a despreocupação da Revista com o cabeçalho ilustrado.

Ao longo dos anos, nas páginas da seção reservada ao público infanto-juvenil, apareceram gravuras e ilustrações representando crianças. Estas aparecem

representadas em situações do cotidiano, algumas vezes do mundo dos adultos. Quando ocorre essa situação, são utilizadas personagens infantis travestidas de adultos, por suas atitudes e vestimenta. Em 1931, em apenas duas edições, janeiro (em preto e branco) e novembro (colorida e com texto ilustrado), a seção GURI apresentou, como símbolo, a imagem de um cachorrinho segurando a RG, tendo a sua própria imagem representada na revista que está segurando. Esta imagem e o colorido são usados como apelo, para atrair a criança para a compra e leitura da Revista. Nesse período, as páginas são ilustradas, alternando páginas coloridas com outras em preto e branco; Pelo seu apelo visual, esses recursos deixam clara a intenção da RG de cativar, através da imagem e do texto, a atenção do leitor mirim. Assim as páginas se tornam atrativas, também, pelos seus aspectos visuais.

Também inicia em setembro de 1931, terminando em janeiro de 1932, a série, “Os melhores caricaturistas do mundo”, com gravuras de M. L. Attwell e Chloê Preston, com ilustrações representando crianças; ao todo são quatro ocorrências, duas de cada ilustrador. Os desenhos são apresentados em detalhes, sempre legendados; o apelo representado pelas ilustrações torna-se mais um atrativo para a criança, que tem sua curiosidade despertada e atraída pela imagem na página, ao mesmo tempo em que toma conhecimento da literatura ali publicada.

Na seção intitulada Para os pequenos, de 1932, o nome aparece no alto e no centro, da página, com letras em tamanho pequeno, sendo a ênfase dada aos títulos dos textos, que aparecem centralizados, em letras grandes e em cores fortes para dar maior destaque. Nessa seção, ocorrem textos ilustrados, facilitando para a criança a compreensão da história que está sendo lida, e dando oportunidade ao leitor para que faça associações, além disso, os textos são coloridos, configurando apelo visual ao receptor. Esses recursos imagéticos permitem uma comunicação visual imediata, oportunizando ao leitor se inserir como espectador, decodificando a cena e ressignificando a imagem.

Na seção Página das crianças, os textos infantis dividem o espaço da folha com fotos de crianças de diferentes idades, no período de abril a maio de 1932. Nas legendas das fotos vem a identificação da família a que pertence o infante. O apoio no recurso fotográfico demonstra a tentativa de vincular o leitor infantil e infanto-juvenil às imagens e

aos textos aí publicados, levando-o a identificar-se com as crianças aí representadas, induzindo-o, assim, à leitura dos textos. Configura-se também como um apelo à família, que ao ver seu filho aí representado, opta por comprar e/ou adquirir a assinatura da Revista.

Quanto às personagens dos textos publicados, temos a presença de crianças, adultos, velhos, animais e seres fantásticos (gnomos, duendes, fadas, Peter Pan). Nos contos de fadas predominam as personagens humanas, adultos e jovens; seguidos dos seres mágicos, (fadas, bruxas, duendes). Nas fábulas prevalecem os animais. Nas histórias em quadrinhos temos personagens humanas e animais. Nas lendas prevalecem as personagens humanas, adultos e jovens. Nas outras narrativas, o espaço da intriga comporta diferentes personagens, com a predominância da criança ou jovem como protagonista da história, principalmente a partir de 1934.

Quanto aos animais representados que aparecem nas histórias, estes podem vir caracterizados como trabalhadores - a formiga -, explorados, ludibriados ou menos inteligentes - o burro -, espertos e astuciosos - a raposa. Já os felinos aparecem representados como fortes, comandando as decisões. Esses animais antropomorfizados remetem a imagens já conhecidas de outras fábulas e histórias infantis.

Com relação ao espaço representado nas histórias publicadas, geralmente predomina o espaço rural. A exceção aparece em alguns contos publicados em 1934 e 1935, onde aparece o espaço urbano.

Quanto ao tempo, nos contos clássicos e nas lendas, é um tempo distante daquele em que a criança vive, possibilitando ao leitor ampliar seu horizonte, ao adentrar num universo mágico e distante do seu cotidiano. Nas histórias em quadrinhos, o tempo nem sempre é definido, mas pelo teor das histórias que falam em passeios de bote, em piratas, em cavernas, parece estar mais distante da criança leitora. Nos contos temos alguns que acontecem num tempo distante, como em *Joãozinho Felizardo*, por exemplo, e outros que ocorrem num tempo próximo ao leitor, como em *O Natal de Maria Cristina*, onde aparecem elementos do cotidiano da criança urbana como, a boneca que fala, pedida pela menina no Natal, o rádio, o avião, o automóvel, ou seja, objetos da atualidade. Em *Uma aventura do Miguelzinho*, temos a referência à *Revista do Globo*, demonstrando ser

uma história próxima à realidade da criança leitora, possibilitando ao receptor dos textos maior identificação com os personagens.

Pelos dados levantados na pesquisa podemos observar que o gênero de maior frequência nas páginas da seção infantil da RG, como foi citado anteriormente, foi o conto seguido pela fábula. As lendas e as histórias em quadrinhos apresentaram baixa frequência no fascículo, concentrando suas publicações no ano de 1931. A partir de 1933, o único gênero publicado na Seção Infantil da Revista foi o conto. A propósito das lendas, Erico Veríssimo, em artigo publicado na folha de rosto da Revista, em 10 de janeiro de 1931, intitulado *O crepúsculo dos deuses*, chama atenção para as três raças que formaram o povo brasileiro, o português, com suas lendas mouras, o índio e o negro que contribuíram com suas lendas e os seus deuses. De acordo com o Autor “Veio o progresso com P. maiúsculo. E começou o crepúsculo dos deuses”. A invasão da cultura norte-americana, com seu imperialismo *yankee*, seus automóveis, seu whisky Johnny Walker e seus produtos que chegam ao Brasil made in U.S.A. ajudaram a espantar nossas lendas e credices. (Ver anexo I).

Outro aspecto ligado à divulgação da literatura infanto-juvenil pela RG é a publicidade feita sobre o lançamento de edições e coleções. Nos anos de 1935, 38, 39, 43, 44, 46, 49, 60, registram-se notícias de lançamento de obras infantis. A categoria Literatura Infantil apresentou 11 obras da Editora Globo, citadas na RG, dentre elas, cinco títulos de Erico Verissimo: *A vida do elefante Basílio*, *Outra vez os três porquinhos*, *Urso-com-música-na-barriga*, *Histórias dos bichos* e *Novas proezas dos três porquinhos*; e dois de Marques Rebelo: *A casa das três rolinhas* e *Marafa*. Ao todo são obras de seis escritores, sendo dois de fora do Estado: Marques Rebelo, do Rio de Janeiro, e Antônio Barata, do Pará. Observou-se ainda a presença de duas escritoras: Odila Barros Xavier, autora de *A cartilha de Zé Toquinho*, e Marieta Mena Barreto Costa, com *Bons companheiros*.

No caso específico deste gênero literário dedicado às crianças, ainda, ocorria a divulgação dos lançamentos na Seção Feira Livre (Ver anexo J), juntamente com notícias sobre a literatura em geral. De acordo com a pesquisa de Fabiane Fraga, esta foi a seção que mais citou literatura infantil, com 16 registros. Quanto aos escritores editados pela Globo que tiveram suas obras divulgadas nesta seção, destacam-se as obras de Erico

Verissimo: *A vida do elefante Basílio, Urso-com-música-na-barriga e Outra vez três porquinhos*. Cita-se, também a Seção Escritores e Livros (Anexo K) que informava sobre as novidades literárias, noticiando os lançamentos da Editora, dando prosseguimento a uma conduta editorial que visava à formação de um público leitor para as traduções, reedições e lançamentos da Editora Globo. No gênero infantil, divulgou as obras: *O livro dos piratas*, de Antônio Barata, e *O rei do mundo perdido*, de Hamilcar Garcia. A subseção Livros Novos divulgou, o lançamento de *Bons companheiros*, de Marieta Mena Barreto Costa.⁷

Pelos dados pesquisados, pode-se avaliar a contribuição da *Revista do Globo*, para a cultura, a divulgação da literatura infantil e a promoção da leitura, no Estado, contribuindo para a formação de um público leitor infantil e juvenil.

3.2 Catalogação dos textos

O grupo Acervo Literário da *Revista do Globo* editou, em suporte digital, em 1996, o Catálogo Literário da *Revista do Globo*, peça fundamental para a realização do presente trabalho, visto que foi o ponto de partida para a organização do corpus, utilizando-se os textos aí digitalizados. Como o Catálogo não contemplasse todas as informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa, foi necessária a elaboração e a instalação de uma ficha catalográfica (Ver anexo L) para a indexação dos elementos dos textos que compõem o *corpus* e suas características de gênero, personagens, espaço, tempo e ações, visando colher os dados necessários à análise das histórias.

Para a informatização das fichas catalográficas, foi utilizado um programa desenvolvido pela Organização Internacional do Trabalho, que é um sistema de gerenciamento automatizado de informações científicas, o sistema Micro-ISIS⁸ um *software* desenvolvido pela UNESCO para “Armazenamento e Recuperação de Informação, comandado por menus, projetados para o gerenciamento de bases de dados

⁷ Dados colhidos da dissertação de mestrado de Fabiane de Souza Fraga, *A interface literária Revista do Globo/Editora Globo*.

⁸ Software Micro-ISIS. Gerenciador de banco de dados. Manual de Referência mini/micro CDS/ ISIS- versão 2.3

não numéricos”. Este *software* permite marcar os termos dos dados indexados possibilitando o cruzamento de informações. Os artigos da RG foram indexados neste programa.

Neste trabalho, foi necessária também a utilização de programas, para elaborar tabulações e gráficos, a fim de sistematizar os dados levantados, como forma de demonstração dos resultados. Convém ressaltar que o nome dos autores, e das obras citados no texto, tiveram suas grafias atualizadas pela norma vigente.

O complemento dos dados catalográficos sobre os textos publicados na seção infantil da RG teve, como finalidade, além de fundamentar e classificar o *corpus*, desta dissertação, dar acesso a possíveis interessados nos textos infantis publicados na RG, bem como, ser mais um núcleo gerador de pesquisas que, a partir do catálogo, poderão ser implantadas tendo como fonte o acervo da RG. O banco de dados formado pelas fichas catalográficas dos textos infantis, será integrado ao catálogo da edição em CD-ROM, “*Revista do Globo (1929-1967): catálogo e texto*”.

4. A LITERATURA INFANTIL NA REVISTA DO GLOBO E SEU DESTINATÁRIO

Os textos infanto-juvenis selecionados pelo corpo editorial da *Revista do Globo*, para serem publicados na RG são compostos por contos de fadas, adaptações de contos populares, contos exemplares, fábulas, histórias em quadrinhos, traduções e com menor representatividade a poesia, o apólogo e a anedota. Os textos apresentam estruturas narrativas simples, comuns ao folclore e ao conto popular, portanto, conhecidas do receptor. Uma análise desses textos ajuda a compor um painel da literatura produzida e consumida no Estado e no País, permitindo identificar e contextualizar, o leitor visado pela *Revista*.

4.1 Seqüências narrativas

Antes de iniciar a análise das narrativas selecionadas para este estudo, apresentam-se os textos reduzidos a seqüências mínimas, não só para encaminhar a análise sob a ótica da Estética da Recepção, mas também para aproximar o leitor do conteúdo das histórias, objeto deste capítulo, embora o texto integral (Ver anexo M) e as seqüências narrativas dos demais textos estejam reproduzidos nos anexos (Ver anexo N). A seguir a tabela com as seqüências narrativas dos textos analisados:

Seqüência Narrativa: Fábula (1932)

<u>A mosca e a formiguinha</u>	<u>O ratinho, o gato e o galo</u>	<u>Os dois pombinhos</u>
1 A mosca desdenha da formiguinha que trabalha;	1 Um ratinho sai da toca, para conhecer o mundo;	1 Os dois pombinhos amigos eram felizes;
2 A formiga está contente com seu trabalho e compara a mosca ao parasita e ao ladrão;	2 Num quintal vê um animal de pelo macio dormindo;	2 Um dos pombinhos parte para conhecer o mundo;
3 A formiga e a mosca se encontram;	3 Pensa que é amigo e se aproxima dele;	3 O amigo previne sobre os perigos;
4 A mosca faminta e exausta fica trancada na casa;	4 Aparece um galo de aspecto ameaçador;	4 Na viagem salva-se de um temporal;
5 A formiga segue livre.	5 O ratinho pensa que era o gato e corre para casa;	5 Um menino prende o pombinho num laço;
	6 A mãe esclarece o engano;	6 Ele consegue escapar;
	7 <i>Quem vê cara não vê coração.</i>	7 Volta para casa machucado;
		8 O companheiro diz;
		9 <i>Boa romaria faz, quem em casa fica em paz.</i>

Seqüência Narrativa: Conto (1931)

Liga das nações

1. A onça quer fundar a Liga das Nações;
2. Convida o gato do mato, a jagatirica e a irará;
3. Propõe que cacem juntos e dividam a caça;
4. Os animais aceitam;
5. Caçam um veado;
6. A onça come todos os pedaços sozinha;
7. Os animais desistem da sociedade.

Seqüência narrativa: Apólogo (1931)

O orgulhoso

1. O jequitibá despreza as plantinhas por serem pequenas.
2. Uma violenta tempestade derruba as árvores grandes, entre elas o jequitibá orgulhoso.
3. *Quanto maior a altura, maior o tombo.*

Seqüência Narrativa: Conto (1932)

<u>O cão e o lobo</u>	<u>Carmina</u>	<u>O corvo</u>
<ol style="list-style-type: none"> 1. O lobo faminto lamenta seu estado; 2. Um cão bem alimentado cita as coisas que ele pode ter; 3. O cão propõe ao lobo mudar de vida e ele aceita; 4. Acompanha o cão, mas nota que o amigo usa coleira; 5. O cão explica que é para prendê-lo à corrente; 6. O lobo muda de idéia, prefere ser livre. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Todos achavam Carmina feia; 2. Ela era boa, trabalhadora e paciente; 3. Quando lavava roupa viu sua imagem na água; 4. Deixou cair o sabão na água; 5. Ela seria castigada pela tia; 6. Seguiu a maré e encontrou uma velhinha; 7. A velhinha era uma fada e ajudou Carmina; 8. Ela deixou Carmina bonita; 9. Carmina voltou para casa com o sabão e uma carita bonita. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Um casal de velhos não tinha mais dinheiro para os alimentos; 2. Esperava pelo filho que prometera voltar rico; 3. Fizeram uma sopa com as verduras; 4. O velho encontrou um corvo ferido e cuidou dele; 5. Depois disso, eles encontraram carne na panela de sopa; 6. Comeram a carne, sem entender o acontecido; 7. Eles dividiam a carne com os animais e o corvo; 8. O fato repetiu-se durante vários dias; 9. O filho voltou para casa com um saco de ouro; 10. Nunca mais faltou carne, mas a família nunca esqueceu do corvo

Seqüência narrativa: conto (1933)

O gato que andava sozinho

- 1 Os animais e o homem eram selvagens;
- 2 Acaabaram domesticados pela mulher;
- 3 O gato não se deixou domesticar.

Seqüência Narrativa: Conto (1934)

Aventuras de dois coelhos

- 1.Os coelhos, Orelha Grande e Bigodinho, pedem à mãe para ir à feira;
- 2.A mãe nega porque eles devem ir à escola;
- 3.Os coelhos decidem desobedecer à mãe;
- 4.Na feira andam no carrossel que começa a andar muito rápido;
- 5.Eles não conseguem parar a máquina e ficam tontos;
- 6.Os gnomos salvam os coelhos e os levam para casa;
- 7.À noite, sua família vai à Feira, mas eles ficam em casa.

O lobo mau

- 1.A mãe de Chapeuzinho Vermelho manda-a levar doces para a avó.
- 2.A avó, doente, mora do outro lado da floresta.
- 3.A menina passa pela cabana dos três leitões.
- 4.O mais velho preparava a casa contra o lobo.
- 5.A menina conversa com os dois leitões mais jovens.
- 6.Eles, contra as advertências do irmão, decidem acompanhar Chapeuzinho;
- 7.Na floresta encontram o lobo disfarçado, mas o disfarce cai.
- 8.Os leitões correm para casa.
- 9.Chapeuzinho corre para a casa da avó.
- 10.O lobo chega antes da menina
- 11.A avó se esconde no armário.
- 12.O lobo está deitado na cama.
- 13.A menina faz perguntas e o lobo corre atrás dela.
- 14.O leitão mais velho, avisado pelos irmãos, vai à casa da vovó;
15. Espanta o lobo com ferro incandescente.

Seqüência Narrativa: Conto (1935)

Uma aventura do Miguelzinho

- 1.Miguelzinho acorda no meio da noite.
- 2.Ouve batidas na janela do quarto.
- 3.O menino se aproxima da janela e Peter Pan entra no quarto.
- 4.Peter Pan convida o menino para visitar o país das Ilusões.
- 5.Miguelzinho aspira o pozinho das fadas e parte com Peninha.
- 6.Vê palácios, doces e quase esquece os pais.
- 7.Quando abre a porta de uma casa, um ogro o persegue;
- 8.O menino foge e aspira o pó mágico e volta para casa;
- 9.Miguelzinho recebe outra visita de Peter Pan que dá de presente ao amigo um exemplar da *Revista do Globo*.

O Natal de Maria Cristina

- 1.Maria Cristina espera a chegada d.o Papai Noel;
- 2.Os objetos da casa adquirem vida e convidam-na para dançar;
- 3.Recebe os presentes que pedira: o coelho branco e a bonequinha-que-fala;
- 4.Eles convidam a menina para um passeio;
- 5.Vivem inúmeras aventuras;
- 6.Maria Cristina acorda, no seu quarto, foi tudo um sonho;
- 7.Vê a bonequinha e o coelho pedidos de presente de Natal;
- 8.A menina corre a abraçar os presentes.

Seqüência Narrativa: Conto (1935)

<u>Joãozinho Felizardo</u>	<u>A menina do chapeuzinho vermelho</u>
<ol style="list-style-type: none"> 1. Joãozinho avisa o patrão que volta para a casa da mãe; 2. Recebe, como pagamento, um pedaço de ouro; 3. Na estrada, encontra um cavaleiro e troca seu ouro pelo cavalo; 4. Encontra um camponês e troca o cavalo pela vaca; 5. Mais adiante troca a vaca por um leitão; 6. Depois troca o leitão por um ganso; 7. E ainda troca o ganso por um rebolo de afiar facas; 8. Chega contente à casa da mãe. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. A mãe pede à Chapeuzinho para levar bolo e vinho para a vovó. 2. Recomenda que não abandone o caminho. 3. A menina promete obedecer e parte; 4. A menina desobedece e entra no mato; 5. Encontra o lobo que lhe pergunta aonde vai. 6. A menina responde e se distrai olhando as flores. 7. O lobo vai à casa da vovó, entra e a devora. 8. Põe as roupas dela e aguarda a chegada da menina. 9. Quando ela chega é devorada pelo lobo; 10. O lobo adormece na cama da vovó. 11. Um caçador que passava, ouve seu ronco; 12. O caçador entra na casa e vê o lobo que roncava; 13. Desconfia que o lobo tenha devorado a vovó. 14. O caçador abre seu ventre com uma tesoura. 15. A vovó e Chapeuzinho saem com vida da barriga do lobo. 16. A menina enche a barriga do lobo com pedras. 17. Quando acorda, o lobo não consegue fugir e cai morto. 18. Todos ficam contentes. 19. Chapeuzinho Vermelho nunca mais abandonará o caminho que sua mãe recomendou.

O procedimento de análise adotado visa a identificar o leitor implícito, que se encontra na estrutura da obra. Para atingir este objetivo, torna-se necessário avaliar a postura do narrador diante da realidade narrada, a fim de evidenciar os valores privilegiados nos textos, que serão repassados ao leitor da época, permitindo assim, formar um perfil do leitor que a Revista buscava cativar.

4.2 Os contos e a moral

A maioria dos textos publicados na RG não traz a autoria. Dentre os autores que publicaram na seção infantil da RG, foi possível identificar Affonso Arinos, Jacques Raimundo, Rudyard Kipling, Constance Heward, Berta Leonardi, Erico Veríssimo e os pseudônimos: Gilberto Miranda (usado por Erico Veríssimo), Tia Margarida e vovô. Ao lado dos textos sem autoria, estão adaptações dos clássicos infantis, igualmente, sem identificação do adaptador. Escolheram-se dois destes contos para iniciar o exame da literatura infanto-juvenil na RG. Contrariando as versões das narrativas clássicas originais, foram fundidos, num só, no conto *O lobo mau* publicado em dezembro de 1934, dois contos distintos: *Chapeuzinho Vermelho* e *Três porquinhos* - no caso denominados

leitõezinhos. As versões originais de cada um desses contos pertencem à categoria dos contos de fadas que constituem parcela significativa da literatura oferecida ao pequeno leitor.⁹

Dois anos depois, em dezembro de 1936, foi publicado o conto *A menina do Chapeuzinho Vermelho*, em sua versão tradicional. Apesar das diferenças entre os textos publicados, as duas versões apresentam alguns pontos em comum, como por exemplo, o início da história, com a apresentação da personagem e descrição da beleza da menina e da origem de seu nome. Em nenhuma das duas versões, a mãe, ao mandá-la à casa da avó, previne-a em relação ao perigo de encontrar o lobo. Na primeira história, quem avisa Chapeuzinho e os dois leitõezinhos a respeito desse perigo é o mais velho dos três irmãos.

Na história de 1934, as advertências são ignoradas no início, mas ao encontrarem o lobo na floresta, os três desobedientes, conscientes do perigo, fogem; na segunda, de 1936, a menina recebe ordens maternas de não sair do caminho, mas como essas não diziam respeito ao lobo, quando a menina o encontra, não tem noção do perigo que ele representa, portando-se de modo ingênuo e desviando-se do caminho, para observar as flores indicadas pelo lobo e colher algumas para a avó. Desse modo, a criança é apresentada como frágil e imatura, numa posição de inferioridade em relação ao animal, que é mais ágil, esperto e astucioso.

A primeira história termina com Chapeuzinho sendo salva pelo leitãozinho mais velho. Na segunda, ela e a avó são salvas pelo caçador, numa versão fiel à original (dos Irmãos Grimm). A criança conclui: “- Nunca mais na minha vida eu abandonarei o caminho, quando a mamãe me proibir”. Esta fala funciona como moral da história, ressaltando as vantagens da obediência e da atenção. A visão maniqueísta da vitória do bem sobre o mal e a necessidade de punição apontam para a proposta normativa do narrador. Em ambos os casos, a criança é representada no texto como um ser dependente do mais velho, o adulto, papel desempenhado, no primeiro caso, pelo irmão primogênito dos três leitõezinhos, caracterizado como ajuizado e com comportamento protetor em relação aos menores. No segundo caso, pelo caçador.

⁹ Na atualidade, tal recurso, de reunir vários contos num só, foi utilizado no filme *Shrek.*, numa outra linguagem, a cinematográfica, e na série televisiva *Hoje é dia de Maria.*

Com o intuito de atrair o possível receptor dos textos, o narrador, ao reescrever o conto tradicional, optou por determinados procedimentos compositivos. Através das estratégias utilizadas por ele, foi possível delinear sua postura diante do receptor, bem como o destinatário visado por ele, nesse caso a criança pequena. Com intenção de conquistar o público infantil, o narrador apresenta a criança ou os leitões, personagens com características infantis, como protagonistas das histórias. Tais personagens interagem em suas relações familiares, no caso de Chapeuzinho, com a mãe e a avó; no caso dos leitões com os irmãos. Ao mesmo tempo o narrador controla a simpatia do receptor dos textos, ao descrever as personagens com características próprias da infância. A partir da leitura e interpretação das histórias, é possível identificar sua opção pelo repasse dos princípios que regem a sociedade, como o reforço à ordem familiar, as vantagens da obediência e a preservação da ordem estabelecida.

Estes mesmos princípios são repassados em várias outras histórias que fazem parte do *corpus* constituído para este estudo. Em alguns casos, a curiosidade das personagens por conhecer novos espaços e o espírito de aventura, são tolhidos pela valorização do espaço familiar e da volta ao lar, como podemos observar no conto *As aventuras de dois coelhos* e na fábula *Os dois pombinhos*, neste caso, o aspecto destacado fica evidente no fechamento da fábula: “Boa romaria faz, quem em casa fica em paz”.

No conto *As aventuras de dois coelhos*, em vez de ir para a escola, os coelhos desobedecem à mãe e vão à Feira que está sendo montada. Ao chegar lá, resolvem andar num brinquedo. No intervalo de almoço dos gnomos que lá trabalham, os dois ligam o carrossel, que começa a girar cada vez mais rápido, deixando-os tontos. Quando o brinquedo pára, eles estão atordoados e necessitam ser levados para casa pelos gnomos. À noite, quando a família vai passear na Feira, eles ficam em casa de castigo.

Na fábula, *Os dois pombinhos*, um deles decide conhecer terras novas, “respirar novos ares”, porém, é alertado pelo amigo: “Há mil perigos pelo mundo, incertezas, traições...” mas de acordo com o narrador, “De nada valerem os bons avisos”. Depois de

passar por inúmeros percalços, enfrentando temporais e perseguições, cansado e machucado, o pombinho retorna para casa.

Como é possível observar através das duas narrativas, a instituição familiar foi reforçada no final, com a volta da personagem infantil à segurança do lar. Para isso, as personagens, embora aventureiras, mantiveram atitudes pueris e personalidade frágil, prevalecendo, no texto, a voz do adulto, mais uma vez apresentando a criança como um ser impotente, que necessita da proteção, que só vai encontrar na segurança do lar, em companhia da família. A criança representada nessas histórias é imatura e ingênuo. O percurso da personagem criança só obtém resultados positivos na medida em que se enquadra nos parâmetros desejados pela sociedade e ditados pelo adulto. A desobediência implica em perigo para a personagem infantil. Como a criança é concebida como carente, os preceitos a ela imputados objetivam a sua proteção. Os textos são circulares, retornando às circunstâncias iniciais, depois de corrigidos os pretensos desvios.

Apresentando a mesma temática e a mesma estrutura temos também: *O ratinho, o gato e o galo*. Nessas histórias, a posição dos narradores com relação à criança orienta-se pelo caráter pedagógico, ao se converterem em veículos de propagação de normas referendadas pelo mundo adulto. Dessa forma, o leitor implícito, nesses textos, é ingênuo, submisso à ordem estabelecida e dependente. O comprometimento ideológico com os interesses do adulto, subjacente a essas narrativas, impede que a criança-leitora assuma uma postura questionadora, uma vez que a personagem principal é manipulada pelo narrador, dessa forma o texto não estimula a autonomia do seu receptor.

O texto *O tesouro* gira em torno de dois irmãos órfãos e pobres que recebem uma herança de um parente distante. Eles largam tudo e partem em busca de sua herança. Acabam descobrindo que a herança “se constitui em vastos campos incultos”. Muito desanimados, recebem a visita de uma velhinha, que lhes conta que nessas terras existe um tesouro escondido. Cabe a eles lavrar, semear e plantar a terra, até descobrir onde está enterrado o tesouro. Anos mais tarde a velhinha vai visitá-los. Encontra a terra florida, com frutos e vinhedos. Os rapazes contam que não encontraram o tesouro escondido na terra. A velhinha responde: “O tesouro, filhos é o produto bendito do

trabalho [...]”. O texto em questão privilegia os valores centrados no trabalho e na perseverança, que sustentam a sociedade capitalista.

Outro texto exemplar nesse sentido é a fábula *A mosca e a formiguinha*, onde se reconhece a intertextualidade com a fábula de Esopo e de La Fontaine, *A cigarra e a formiga*. Destoa de ambas na escolha e construção da personagem mosca que, além de desdenhar o trabalho da formiga, é um ser nocivo, diferente da cigarra, no texto original uma representação da função do artista, e que reconhece a competência da formiga, pois lhe pede auxílio. Aproxima-se do original, porém, pela abordagem temática, enaltecendo os valores centrados no trabalho e apresentando o lazer como um comportamento negativo, uma vez que dele não se auferem lucros.

Nas publicações infanto-juvenis na RG, também aparece a presença do elemento mágico. Em *Uma aventura do Miguelzinho* e em *O Natal de Maria Cristina*, é o elemento mágico, que leva a criança a viajar e dá vida a seres inanimados, facultando que ela viva aventuras. As narrativas estruturam-se em dois níveis: o real e o fantástico. A primeira refere-se aos fatos vividos no quarto de Miguelzinho, que acorda no meio da noite, e a outra, na casa de Maria Cristina, que aguarda ansiosamente a chegada do Papai Noel. O deslocamento espacial ocorre no fantástico, onde os personagens vivem aventuras. Miguelzinho, a convite de Peter Pan, e fazendo uso do pozinho das fadas, parte para o País das Maravilhas, no reino mágico do Encantamento. No caso de Maria Cristina, são os seres inanimados que ganham vida e a convidam para passear.

Os mundos visitados pelas personagens das diferentes histórias, porém, são inverossímeis, desvinculados de um tempo e um espaço possível, portanto, as experiências vividas nesse mundo não repercutem no real e não causam modificações nas crianças. Nestes casos, o foco incide sobre personagens que se encontram na fase infantil, estabelecendo relações de dependência dos adultos e experiência limitada. Ambos os textos terminam com o retorno à situação inicial. Daí conclui-se que, para a infância, a experiência não promove a aprendizagem, conservando-se o distanciamento entre o mundo adulto e o infantil.

Em *Carmina*, temos uma jovem que apresenta comportamento passivo e submisso, mesmo quando sofre a agressão das outras crianças devido à sua feiúra, como podemos observar na seguinte passagem: “Em compensação, a Carmina era boa, trabalhadora e paciente, sofrendo com resignação a troça das outras crianças e os modos bruscos da tia, que tomara conta dela quando a mãe lhe morrera”. A moça acaba resolvendo seus problemas através de expedientes mágicos, com o auxílio de uma boa fada. Neste caso a solução das dificuldades não está vinculada ao poder do adulto, mas do elemento mágico. Em ambos os casos, o jovem mais uma vez é representado como incapaz de tomar a iniciativa para resolver situações de conflito, necessitando do auxílio de terceiros.

Os textos até aqui analisados, são normativos. A narração serve à transmissão dos valores consagrados pela sociedade, que repassem às crianças as normas indispensáveis a seu ajuste social, como a obediência e a conformação, resultando na circulação de uma literatura previsível pelo consumidor, e que não propicia a emancipação do leitor enquanto sujeito. O público leitor tem seu horizonte limitado por narrativas que repetem valores sociais já introjetados pelo receptor dos textos. Os autores de tais histórias lançam mão de recursos literários a fim de auxiliar na formação moral do leitor. A leitura é dirigida e inculca valores e comportamentos desejáveis, tornando-se agente educativo da criança.

Na história de *Joãozinho Felizardo*, o protagonista é um jovem trabalhador que resolve voltar para a casa da mãe. Em pagamento pelos serviços prestados, durante sete anos, seu patrão lhe dá ouro. No trajeto de volta para casa, o jovem vai fazendo inúmeras trocas, todas com desvantagens para ele. Em nenhum momento da narrativa o jovem se dá conta que está sendo ludibriado. Fica sempre agradecido pelas trocas feitas com os adultos e acaba chegando em casa sem nada, mas feliz. A personagem principal é apresentada como ingênua, manipulada, sem criticidade nenhuma. O jovem é retratado como tolo e submisso ao adulto. Em nenhum momento o narrador toma posição na narrativa, limitando-se a descrever os encontros do rapaz com os diferentes adultos que cruzam seu caminho e reproduzir os diálogos entre as personagens. A personagem principal é apresentada de forma caricata.

A história fornece ao leitor um modelo de mundo. Suas personagens são apresentadas com qualidades exageradas, o patrão é tão bom que dá um saco de ouro

para o empregado, como pagamento pelos serviços prestados. O jovem protagonista é ingênuo ao extremo. Tais características desencadeiam o processo de recusa de identificação com o receptor. Aponta, ainda, para comportamentos que não são verbalizados. Em nenhum momento o narrador faz comentários ou emite juízos de valor sobre as ações das personagens. Dessa forma, problematiza o leitor, que tem que ler o que está implícito no texto. Sendo o texto indicado para um público juvenil, e não infantil, pode-se depreender, pelas estratégias utilizadas pelo narrador, que o leitor, no ato da leitura, entrará em conflito e passará a duvidar dos códigos referendados pela comunidade em que transita. Face ao não-dito no texto, o leitor formula o não-formulado no mundo ficcional. A participação do leitor, no ato da leitura, na construção e interpretação do texto, vai possibilitar diferentes concretizações e efeitos, dependendo das experiências anteriores do leitor, e de seus códigos e valores.

4.3 Os textos, as personagens e o leitor

Dentro deste universo, um texto já analisado no capítulo anterior apresentou características peculiares, trata-se de *Uma aventura do Miguelzinho*. No prólogo, o narrador apela para o aspecto afetivo para se aproximar do leitor, como podemos observar a seguir. Tal escolha implica a utilização de procedimentos, que por sua adequação às condições existenciais que o narrador intui serem próprias de seu consumidor, possam promover a aproximação entre ambos e efetuar a comunicação. Resultam daí alguns traços distintivos do texto em pauta, como podemos observar na transcrição do prólogo abaixo:

Vovô, o amigo das crianças, é quem vos escreve alguns contos, que no meu tempo de criança ouvi da boca de meu pai que, por sua vez, os ouviu do seu.
 O fim desta seção é dar às crianças alguns minutos de alegria quando papai e mamãe comprarem a *Revista do Globo*.
 Vovô espera, portanto, de seus netinhos que obedeçam sempre a mamãe se quiserem que ela vos compre a *Revista do Globo*.
 Vovô também espera de vocês alguns retratinhos para guardar no seu baú das relíquias, naturalmente depois de publicá-los na *Revista do Globo*.
 E estudem bastante se quiserem que papai vos contemple no fim do ano com uma assinatura da *Revista do Globo*.

O ponto de vista, neste caso, altera-se, pois a voz do narrador que assume o papel de “vovô” das crianças, alia o mundo ficcional, onde coexistem elementos da realidade com seres fantásticos (Peter Pan), ao mundo real; vincula a história à divulgação e compra de um objeto que faz parte desse mundo: a *Revista*. Tal enunciado transcende o

universo ficcional e contamina-se com a estratégia publicitária, dirigida a um destinatário empírico – o leitor do texto – representante de uma comunidade de possíveis leitores e consumidores da *Revista do Globo*. Pelo seu conteúdo, esse texto tem a finalidade de motivar o leitor e inseri-lo no contexto de divulgação/recepção da *Revista*.

Ao mesmo tempo, o narrador vincula a aquisição da Revista, à obediência e bom comportamento, o que o aproxima da família das crianças, que também precisam ser cativadas, visto que são os pais que detêm o poder aquisitivo e o poder de decisão de compra. A ênfase no caráter educativo e normativo demonstra a intenção da Revista de ser um auxiliar da família e da escola, na formação do leitor infantil. A solicitação das fotos remete ao que já foi descrito no capítulo anterior sobre a estratégia publicitária incutida na publicação de fotos de crianças e adolescentes nas páginas da RG. Esta é mais uma estratégia para atrair, não só a criança, mas também a família, para a leitura e consumo da Revista.

Outros textos se diferenciam pela representação da personagem infanto-juvenil, na história. É o caso, por exemplo, dos textos *O cão e o lobo* e *Liga das nações*, em que animais antropomorfizados representam a criança ou o jovem na história. Na primeira narrativa, o lobo, vivendo uma vida livre e errante, mas passando inúmeras necessidades, encontra um cão bem alimentado, forte e de pêlo macio. O cão tenta convencê-lo a largar a vida errante e seguir com ele para a casa de seus patrões, onde terá uma vida regalada, com comida e conforto. Quando o lobo está quase cedendo ao convite, pergunta ao cão:

- Que diabo é isso que tens no pescoço?
- É a coleira.
- E para que serve?
- Para me prenderem à corrente.
- Então não és livre, não vais para onde queres, como eu?
- Nem sempre. Passo, às vezes, vários dias preso, conforme apetece ao meu dono. Mas que tem isso se a comida é boa e vem à hora certa?
- O lobo entreparou, refletiu e disse:
- Sabes que mais? Até logo! Prefiro viver assim, magro e faminto, porém livre e senhor de meu focinho, do que gordo e liso como tu, mas de coleira ao pescoço. Fica-te lá, com a tua gordura de escravo que eu me contento com a minha magreza de animal livre.

No caso deste texto, ocorre uma quebra de expectativa, pois o final da história parece previsível, até que, repentinamente, o lobo parte para o questionamento e muda

de idéia. É um texto emancipatório, pois apresenta uma situação dialética de discussão de valores, levando o leitor ao questionamento e reavaliação dos valores introjetados por ele.

Em *Liga das nações*, de autoria de Monteiro Lobato, apresenta-se uma situação semelhante. A onça propõe ao gato do mato, à jaguatirica e à irará, que cacem juntos e dividam igualmente o produto da caça. Os três aceitam a proposta e caçam um veado. Na hora da divisão, a onça enumera diferentes razões para ficar com todos os pedaços da caça. Insatisfeitos, os animais não se submetem aos caprichos da onça e desistem da sociedade.

A partir da leitura dos dois textos acima, foi possível observar que os personagens em situação de inferioridade, no primeiro caso o lobo faminto e andarilho; no segundo, os animais convidados pela onça, não se submeteram às regras impostas pelos mais fortes. O lobo preferiu a liberdade a uma vida servil. Os outros não aceitaram serem injustiçados na partilha da caça. Tais textos evidenciam uma outra concepção de mundo, e de criança, ao apresentar os menos favorecidos, o lobo, e os mais fracos, gato do mato, jaguatirica e irará, personagens que representam a criança ou o jovem, como seres ativos, que não se submetem às regras sociais impostas pelos poderosos e reagem a elas de acordo com sua consciência. O leitor implícito, nos textos, reflete a busca por um jovem ativo, questionador e autônomo. Os textos apresentam uma estrutura dialógica, nesse sentido, o autor busca a convergência entre o texto e o leitor, oportunizando ao receptor o exame de sua realidade, levando-o a repensar sua inserção social.

Ao adentrar o universo narrado, o receptor se identifica com a personagem, trazendo para o interior da narrativa suas próprias vivências. O contato com o mundo fictício leva o leitor a enxergar-se no texto como um ser atuante, sujeito da história. Os textos podem então, tornarem-se agentes de mudança. O leitor infante-juvenil se configura como sujeito, na perspectiva apontada. Nesse sentido, o texto ficcional pode oferecer-lhe experiências que repercutam no seu modo de ver o mundo, oportunizando ao leitor se colocar como sujeito diante de sua realidade social.

No apólogo *O orgulhoso*, um jequitibá, soberbo e orgulhoso da sua estatura e força, despreza as plantas menores, porém, não resiste à tempestade, como a pequena árvore, que verga mas não quebra. Neste caso, a criança pequena ao se identificar com a protagonista da história, que sobrevive, sente-se valorizada, pois embora sendo menor e mais fraca, a plantinha conseguiu sobreviver às intempéries e ter uma vida mais longa que a dos considerados grandes e fortes, como o jequitibá.

A assimetria entre o narrador e o leitor, identifica-se pelos procedimentos adotados pelo narrador para organizar a estrutura narrativa. Desse modo, a obra infantil denuncia, através da categoria de leitor implícito, a concepção de criança que o narrador defende. No caso destes textos, o narrador problematiza o leitor ao apresentar uma mudança de perspectiva, levando o receptor a uma atuação mais autônoma.

O conto juvenil *O corvo* trata da história de um casal de idosos, que vive com um cachorro e um gato. Os dois estão à espera do filho marinheiro, que prometeu voltar para casa trazendo muito dinheiro. Enquanto o filho não volta, a comida escasseia, restando apenas um pão e verduras para fazer uma sopa. Um dia o velho encontra um corvo com as asas feridas. Leva-o para casa e o coloca próximo à chaminé para que se aqueça, enquanto a velha coloca as verduras no fogo para fazer a sopa. De repente, os idosos encontram na sopa um pedaço de carne. Assim acontece sucessivamente, até o retorno do filho para casa. Este chega com ouro e nunca mais falta comida para a família. O conto termina com a frase: “Tiveram sempre carne para botar na panela, mas nunca, nunca, esqueceram do corvo bondoso”.

Este texto apresenta lacunas e indeterminações, pois em nenhum momento da leitura fica explícito quem coloca a carne na sopa. Numa passagem do texto o narrador apela ao leitor. “Agora eu espero que os meus queridos leitores já tenham desconfiado...” Mais adiante, o velho desconfia do corvo: “Desconfio que foste tu quem trouxe a carne...” mas os questionamentos ficam sem resposta, eles se configuram como pistas, demonstrando o implícito no texto, que deve ser completado pelo leitor, no ato da leitura, permitindo dessa forma que o texto se constitua na consciência do leitor e acione o seu imaginário, levando-o a participar da sua construção.

Outro texto que merece destaque é o texto do autor inglês, Rudyard Kipling, *O gato que andava sozinho...* que chama atenção tanto pela estratégia de publicação, em formato de folhetim, como já destacado anteriormente, como pela conduta dos protagonistas, a mulher e o gato. No prólogo, o narrador já faz um apelo ao leitor, ao apresentar a história e o autor. A história inicia apresentando o mundo habitado por seres selvagens, animais e homens. De acordo com o narrador, é a mulher que inicia o processo de domesticação desses seres: “Naturalmente, o Homem também era selvagem. Era espantosamente selvagem! Ele só começou a se domesticar, quando encontrou a Mulher, e ela lhe disse que não gostava daquela vida selvagem”.

Pela fala do narrador, podemos depreender mais uma peculiaridade neste texto, qual seja, o poder da mulher sobre o homem, fator de estranhamento na época das publicações, visto que esta era apresentada, preferencialmente, como mãe, esposa, dona de casa. Seu poder de persuasão se reflete também no ato de domesticação dos animais selvagens, o cão, o cavalo, a vaca. Somente o gato não se deixa persuadir e enfrenta o poder das práticas persuasivas femininas. Ao assistir ao processo de domesticação dos outros, o gato diz para si mesmo: “[...]ela é uma mulher muito sábia, mas não é tão sábia como eu” A partir daí, inicia-se um jogo entre a mulher e o gato, ele tentando adentrar o espaço ocupado por ela sem se submeter às suas artimanhas.

O leitor vai acompanhando o jogo no texto, instigado pela sensação de estranhamento que a obra provoca através da relação estabelecida entre os personagens. O leitor atento, ao prosseguir com a leitura, pactua com as regras da narrativa, posicionando-se frente ao narrado. O narrador, ao apresentar, no mundo ficcional, uma situação diversa da habitual, provoca efeitos no leitor, estimulando-o a formar novos correlatos de sentença e ver as coisas sob um novo foco, questionando sua realidade. As reticências no título do texto já apresentam um apelo ao leitor, demonstrando que o texto possui lacunas e requer a participação do receptor na construção da sua significação.

Chama atenção também a fala freqüente do gato que diz: “Eu sou o gato que anda sozinho e todos os lugares são iguais para mim”. O fato de ser sozinho, remete à individualidade da personagem, que é autônoma, independente e não se deixa seduzir e domesticar. Nesse sentido, se aproxima da personagem lobo, do texto *O cão e o lobo*,

que prefere sua vida de necessidades a se deixar domesticar e perder a liberdade. O implícito no texto, portanto, busca mostrar uma realidade diversa do cotidiano, a sensação de estranhamento que provoca permite que o leitor busque novos pontos de vista para interpretar o que lhe foi apresentado, alargando sua capacidade de crítica ao estado de mundo no qual está inserido.

O público de determinada época valoriza um tipo de literatura que reflete suas atitudes e normas. Pela maneira como são apresentados no texto, os sistemas de valores de uma época, podem questionar, ou não, os valores do leitor. Assim sendo, o significado da obra, estabelecido durante o processo de leitura, pode suscitar diferentes significados, em diferentes épocas.

Nos textos analisados temos exemplos que ilustram essas duas concepções de texto ficcional. A evolução da literatura infanto-juvenil, no entanto, mostra que a obra literária destinada a este público, deve ser capaz de romper com as concepções de mundo de um determinado período, tornando possível à criança, ampliar suas experiências e enriquecer o seu imaginário.

5. CONCLUSÃO

Ao cabo dessa visão panorâmica, foi possível constatar que os textos publicados nas páginas da seção infantil da *Revista do Globo*, para o leitor em formação, no Rio Grande do Sul, eram compostos por textos adaptados provenientes do acervo literário europeu e de textos nos quais predominava a aventura. Estes textos podem ser descritos como contos conhecidos, curtos e com poucas personagens, com a presença de animais e seres fantásticos; prevalecem os textos ricos em ingredientes que possibilitam a transmissão de normas morais e sociais ao leitor. A seu lado, em menor número, estão outros capazes de apresentar uma visão de mundo em que a infância tenha voz, possibilitando ao receptor do texto uma nova elaboração da sua realidade. Alguns textos se diferenciam ao contrariar de forma explícita ou implícita, os valores, a moral. São textos que seguem a cultura popular, privilegiando a esperteza, são eles: *O lobo velho*, *O macaco e o gato*, *Os dois viajantes na macacolândia*, *O leão*, *o lobo e a raposa*.

Quanto ao perfil do leitor, a faixa etária para a qual essa produção se destinava variou ao longo dos anos. No início (1930-1932), parte dos textos da RG priorizava a criança pequena, recém-iniciada na alfabetização, aspecto evidenciado pelo número de fábulas, história em quadrinhos, ilustrações e colorido, presentes nos textos e nas páginas da *Revista*. Visava também ao público jovem, fato que pode ser observado pelo grande número de textos destinados a essa faixa etária: entre os doze e os dezessete anos, aproximadamente, seja pela extensão das narrativas, seja pelo tema desenvolvido.

Os textos criados para a infância e para a juventude, no período em estudo, manifestam reflexos de sua época. Essa literatura apresenta-se dividida com textos formativos, moralistas e pedagógicos de um lado, que enfatizavam a obediência, a moral, a hierarquia familiar e a transmissão de normas sociais. E de outro, textos com uma característica inovadora, privilegiando a literariedade do texto infantil. Nessa fase, é no indivíduo que as narrativas se fundam.

A assimetria entre autor e leitor é acentuada, em parte dos textos, através da predominância da voz do adulto, com o reforço à instituição familiar, à transmissão de

normas sociais e ao incentivo à obediência infantil. A aproximação do autor ao seu destinatário ocorre pela representação da criança ou jovem, como protagonista da história. As personagens humanas predominam nas narrativas infantis e juvenis, porém dividem espaço com personagens mágicas, seres fantásticos e animais antropomorfizados. Esses personagens foram direcionados a um público específico, o leitor infanto-juvenil em formação, demonstrando o interesse da Revista na conquista desse público leitor.

O leitor participa do processo criativo da obra ao preencher o que está implícito na sua estrutura. Partindo dessa premissa, pode-se afirmar que o leitor também está em construção. Esse estatuto torna-se mais significativo no caso do leitor infantil, visto que ele é mais suscetível em assimilar os valores e as regras de comportamento que norteiam a sociedade em que vive e que estão subjacentes nos textos lidos.

A imagem do leitor implícito nos textos analisados evidencia-se pela conduta do narrador que, através de diversos expedientes, se comunica com seu destinatário. A concepção que o narrador tem da infância influi na construção do universo imaginário. Características das personagens, natureza dos conflitos, organização das ações e determinação do tempo e do espaço estão condicionadas pelas expectativas que o narrador possui de seu público leitor.

Pelas pistas que fornece, constrói o modelo de leitor que tem em mente, recaindo a focalização na personagem criança ou jovem, elemento de identificação do receptor. O autor do texto fornece ao leitor um modelo de mundo. Pode apontar, para comportamentos ideais, reforçando os códigos referendados pela comunidade em que vive ou problematizar o leitor, duvidando das regras sociais em vigor, levando ao processo de despragmatização do real. A partir desse processo o leitor amadurece, emancipa-se, ao reformular sua posição diante da realidade, tornando-se sujeito ativo nesse processo.

A obra, portanto, ao simular as estruturas sociais e os valores de sua época, pode ser conivente com essas regras ou romper com as normas estabelecidas e redimensionar o código estético e social. O exercício da leitura leva o sujeito a perceber os indícios

textuais e os múltiplos sentidos de um texto, oportunizando ao leitor posicionar-se diante dos mesmos. Nesse viés, contribui para alargar o horizonte de expectativas do público, alterando seus valores sociais e estéticos, desestabilizando suas certezas e redimensionando o universo em que está inserido.

Pelos dados pesquisados e aqui explicitados, pode se ter uma dimensão da importância da *Revista do Globo*, para a cultura em geral e para a literatura infantil, em particular, ao oportunizar um espaço para esse gênero em seu periódico, tornando a leitura mais acessível e contribuindo para a formação de um público leitor infantil e juvenil no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. *Comunicação literária na pré-escola: elementos históricos e ficcionais do ato narrativo*.1988. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre,1988.

AGUIAR, Vera Teixeira de. A literatura infantil no compasso da sociedade brasileira. In: ZILLES, Urbano (Org.). *Gratidão de ser*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

_____.A literatura infanto-juvenil no Rio Grande do Sul: das origens à realização. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: PUCRS, N.36. Ano 12, p.23-35, jun.1979.

ARIÈS, Philippe. *História Social da criança e da família*. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978.

CADEMARTORI, Lígia. Em defesa dos quadrinhos. In: Zilberman, Regina (org.). *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 81-92.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 5.ed. São Paulo:Nacional,1976.

----- . *Formação da literatura brasileira*. 5.ed. São Paulo: USP, 1975, V.1 e 2.

CASTRO, Maria Helena Steffens de. *A publicidade na Revista do Globo: intercorrência da literatura na construção do discurso publicitário sul-rio-grandense*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

CÉSAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil / juvenil brasileira*. 3.ed. São Paulo: Quíron, 1985.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Global, 2004. v.6

DE BONI, Luis Alberto. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius. *RS: imigração e colonização*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 234-255.

DEBUS, Eliane Santana Dias. *Entre Vozes e leituras: a recepção da literatura infantil e juvenil*. Florianópolis: UFSC, 1996.

EIKHENBAUM, B. et al. *Teoria da Literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1973.

FRAGA, Fabiane de Souza. *A interface literária Revista do Globo / Editora Globo*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

HAUSER, Arnold. Sociología del público. In: _____. *Sociología del arte* Barcelona: Labor, 1977.v. 04.

INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

ISER, Wolfgang. A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Série Traduções. Tradução de Maria Ângela Aguiar. Porto Alegre, v.3, n.2, março de 1999.

_____. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.83-132.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. v.1. São Paulo: 34, 1996.

_____. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*, v.2. São Paulo: 34, 1999.

_____. *O fictício e o imaginário: Perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.

_____. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: Luiz Costa Lima (Org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 2 v. p. 957-985.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

JESUALDO. *A literatura infantil*. São Paulo: Cultrix, 1982.

KHÉDE, Sônia Salomão. *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. (Série Princípios)

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Um Brasil para crianças, para conhecer a literatura infantil brasileira: história autores e textos*. 3.ed. São Paulo: Global, 1986.

_____. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LEITE, Lígia C. Moraes. *Regionalismo e modernismo*. São Paulo: Ática, 1978.

LIMA, Luiz Costa. O leitor demanda (d)a literatura. In:_____,Org. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro, Paz e Terra,1979.

LUYTEN, Sônia M. Bibe. *O que é história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MARCHI, Diana Maria.*A literatura infantil gaúcha: uma história possível*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000.

MELO, Veríssimo de. *Folclore infantil*. Rio de Janeiro, Cátedra; Brasília, INL, 1981.

MOREIRA, Alice Campos. *Laboratórios de acervos digitais: Revista do Globo*, Porto Alegre: PUCRS, 15 CD-ROMS.

_____.(Org.). As interfaces literárias na Livraria do Globo. *Cadernos do centro de pesquisas literárias da PUCRS*. Porto Alegre, v.11, n.1, nov.2005.

MOREIRA, Maria Eunice (Org.). História da literatura em questão. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias* da PUCRS. Porto Alegre, v.10, n. 1, set. 2004.

_____. *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

MOTTIN, Antonio João Silvestre; MOREIRA, Alice T. Campos Moreira e outros. Catálogo Literário da Revista do Globo, Porto Alegre: 1996. Base de dados desenvolvida em software Micro-ISIS, de propriedade da UNESCO, V.3.07.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira*. Prosa de ficção de 1870 a 1920. Rio de Janeiro: José Olympio. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973.

PERROTI, Edmir. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 9-27.

PONDÉ, Glória Maria. Poesia e folclore para a criança. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 117-146.

PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da Literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. 2005. Tese (Doutorado em Letras)-Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. Dicionário de narratologia. Coimbra: Almedina, 1987.

RELATÓRIO DA DIRETORIA: 100 anos (1883-1983). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1983.

REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre: Barcellos, Bertaso e Cia Ltda. 1929-1967.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *Histórias da educação no Brasil; 1930/1973*. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

ROTHER, Arnold. O papel do leitor na crítica alemã contemporânea. Tradução de Vera Teixeira de Aguiar. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v.39, p.7-18, mar. 1980.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da cultura brasileira*. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

SOUZA, Maria do Carmo Campello de. O processo político-partidário na Primeira República. In: -- *Brasil em perspectiva*. Rio de Janeiro: Difel, 1978. p.162-226.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. *Teoria literária*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1996.

THORSTENBERG, Valdiria. *Página de rosto; uma amostra do potencial literário da Revista do Globo*. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil: livro, leitura, leitor. In: _____ (Org.). *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p. 93-115.

_____. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

_____. *Roteiro de uma literatura singular*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1992.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *A literatura infantil na escola*. 4.ed. São Paulo: Global, 1985.

_____. A literatura e o apelo das massas. In: AVERBUCH, Lygia (Org.). *Literatura em tempo de cultura de massa*, São Paulo: Nobel, 1984.

_____. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC, 2001.

_____. (Org.). *Os preferidos do público: os gêneros da literatura de massa*. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. A literatura infantil e o leitor. In: ZILBERMAN, Regina, MAGALHÃES, Ligia C. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 61-134. (ensaios, 82)

_____. O lugar do leitor na produção e recepção da literatura infantil. In: KHÉDE, Sônia Salomão (Org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p.19-32.

_____. A conquista do jovem leitor. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: PUCRS, n.142 dez. 2005 p.23-24.

ANEXOS

ANEXO A – AO RIO GRANDE AO BRASIL

REVISTA DO GLOBO

QUINZENÁRIO DE CULTURA E DE VIDA SOCIAL

DIRECTOR: MANSUETO BERNARDI ↔ EDITORA: A LIVRARIA DO GLOBO

ANNO II

PORTO ALEGRE, 11 DE OUTUBRO DE 1930

N. 19

AO RIO GRANDE E AO BRASIL

Honrando os seus compromissos assumidos com a Nação, o Rio Grande do Sul, sem distincção de côres partidarias, declarou-se em armas contra o Governo revolucionario, desregrado e immoral do sr. Washington Luis.

Nenhum rio-grandense digno de tal nome, em que se resume uma fulgurante tradição de altruismo, de bravura e de protesto contra todos os despotismos, pôde ficar indifferente ao glorioso e empolgante espectáculo da insurreição nacional.

O Rio Grande do Sul não se lança a uma guerra civil gerada em odios fraticidas, nutridas de despeitos ou norteadas pela ambição do mando. Aliando-se de corpo e alma ao protesto armado contra as praticas anti-republicanas de um dos mais corruptos e grosseiros governos da America, vae o Rio Grande do Sul contribuir com a sua força e o seu prestigio para repôr o Brasil dentro da lei, da moral politica e do respeito á dignidade humana.

Poucas palavras bastam para assentar, perante o mundo civilisado, as razões do nosso protesto armado. No Brasil dos nossos dias, a Constituição e as leis só têm existencia ficticia: não são cumpridas nem respeitadas. Os homens publicos, a começar por aquelle que devêra ser o chefe imparcial e austero da Nação, outra cousa não fazem sinão offender e desmoralisar as leis e a Constituição. Fóra da lei e em opposição á vontade do povo, não ha governo legal, mas arbitrio, tyrannia e abuso de poder. Contra a força bruta, exgottados todos os recursos da lei e da persuasão, só se pôde agir com a força. E' o que está fazendo a Nação Brasileira, na mais justa, na mais legitima e necessaria das reivindicações collectivas.

Realmente, que fazer num paiz em que o falseamento do voto é a vergonha generalisada, o acinte systematico, a brutalidade sem exemplo das eleições de 1.º de março? Que fazer numa situação em que o Congresso Nacional, desfibrado, inescrupuloso e obediente aos caprichos inconfessaveis do presidente da Republica, individuo mediocre e atrabiliario, manda depurar em massa os eleitos da Parahyba e sacrificar pela metade a representação de Minas Geraes? Que fazer num regimen em que já nem do assassinato politico se envergonham os poderosos, e em que o supremo responsavel por tantos escandalos, depois de enxovalhar a administração com a mais infrene das politicagens, se colloca arrogantemente fóra da Constituição para calcar aos pés a dignidade da Parahyba e offender de frente a autonomia dos Estados e o regimen federativo?

Verdade é que o governo da Republica desceu, entre

nós, ás ultimas possibilidades da ignominia. Ao povo já não resta outro recurso sinão o do protesto pela força. Não levantar este protesto collectivo contra tantas vergonhas que nos pésam, seria para a Nação Brasileira acto de verdadeira desconstituição ou suicidio moral.

A insurreição nacional é a desafronta do Brasil. Ella estalou simultaneamente na Capital da Republica, em Minas Geraes, na Parahyba heroica e soffredora de João Pessôa, no Rio Grande do Sul, no Paraná, em Santa Catharina, em varios pontos de São Paulo, em Pernambuco, Piahy, Ceará e outros Estados do Norte e do Nordeste.

O glorioso Exercito Nacional, que tão grandes responsabilidades tem na nossa vida institucional, não combaterá a insurreição do povo. Os soldados que o fizessem não seriam cidadãos brasileiros, mas mercenarios sem consciencia.

Rio-grandenses!

Mostremos com o nosso denodo aos que tanto nos offenderam com as suas provocações e os seus insultos, mostremos aos assassinos de João Pessôa, aos violadores da lei e aos expoliadores da Nação que o espirito da nossa raça é immortal e que a mesma capacidade de sacrificios que fez a grandeza sem par da geração dos Farrapos é ainda a dos nossos dias, neste glorioso crepusculo da Republica Brasileira!

Rio-grandenses!

Communiquemos ao povo brasileiro a certeza de que não nos arreceiamos de provações nem de sacrificios, por amor do Brasil, pela dignificação da Republica e pelos drcitos do cidadão!

Rio-grandenses!

Todos unidos em marcha para a Victoria!

Porto Alegre, 4 de Outubro de 1930.

Alcides Maya, André Carrazzoni, Augusto Meyer, Aurelio Porto, Athos Damasceno Ferreira, Adroaldo Mesquita da Costa, Angelo Guido, Carlos Dante de Moraes, Clemenciano Barnasque, Darcy Azambuja, Dante de Laitano, Edgar Luiz Schneider, Ernani Fornari, Emilio Kemp, Eduardo Duarte, Fabio de Barros, Fernando Caldas, Isolino Leal, João Carlos Machado, José Carlos de Sousa Lobo, Lindolfo Collor, Leonardo Truda, Luiz Vergara, Mauricio Cardoso, Mansueto Bernardi, Mario Totta, Martim Gomes, Moysés Vellinho (Paulo Arinos), Mem de Sá, Manoel de Faria Corrêa, Mario de Sá, Pedro Vergara, Paulo Corrêa Lopes, Raul Pilla, Roque Callage, Raul Bittencourt, Raymundo Gonçalves Vianna, Ruy Cirne Lima, Renato Costa, Ruben Machado da Rosa, Raul Totta, Sergio de Gouvêa, Theodemiro Tostes, Telmo Vergara, Vargas Netto, Waldemar Vasconcellos, Zeferino Brazil.

ANEXO B – S. EXCIA. O PRESIDENTE E A REVISTA DO GLOBO

1 - XII - 1934

REVISTA DO GLOBO

N.º 5

Revista do Globo

MAGAZINE QUINZENAL

DIRETOR:
ERICO VERISSIMOGERENTE:
HENRIQUE MAIASECRETÁRIO:
LUIZ ESTRELAEDITORES:
BARCELLOS, BERTASO & CIA.

N.º 23 • PORTO ALEGRE - 1.º DE DEZEMBRO DE 1934 • ANO VI.

S. EXCIA. O PRESIDENTE E A REVISTA DO GLOBO

Temos a honra de dedicar esta edição da Revista do Globo ao exm. sr. dr. Getúlio Dornelles Vargas, que, após quatro anos de ausência, volta ao pego numa viagem de repouso.

Nossa homenagem não visa apenas o Chefe da Nação. É dirigida também ao cidadão, — aquele homem simples e afável, sorridente e acolhedor que em 1929, como Presidente do Estado, congregava a seu redor os melhores nomes da intelectualidade do Rio Grande e que uma tarde, por ocasião de uma de suas memoráveis palestras na Livraria do Globo, lembrou aos que o cercavam a necessidade de fundar em Porto Alegre uma revista que fosse o espelho da vida social e cultural do Estado.

A "Revista do Globo", pois, nasceu dumha sugestão do dr. Getúlio Vargas, que encontrou decidido apoio da parte dos sócios da firma proprietária da Livraria do Globo.

Transcrevemos trecho dumha nota que publicamos em nosso primeiro número: "A Revista do Globo não poderia deixar de significar neste seu primeiro número a sua gratidão verdadeira a dois homens eminentes pelas qualidades de caráter e prestígio político — o Presidente Getúlio Vargas e o esforçado Secretário do Interior, dr. Osvaldo Aranha. Nasceu a sugestão de se fundar uma revista moderna e digna de nosso ambiente cultural dumha palestra entre

ambas em que se comentara mais co: uma capital de ritmo quasi cosmopolita, com quatrocentos mil uma vez o seguinte caso excêntrico-habitantes, centro de cultura, vida social intensa, incapaz até agora de alimentar a esperança nos destinos de uma simples revista. O caso a resolver seria então uma empresa forte, disposta a capitalizar a tentativa, englobando tudo no mesmo sistema interno. A Livraria do Globo, ofereceu a garantia de capital como a única solução segura e transformou portanto a simples possibilidade numa realização bem compreendida."

Coube ao brilhante homem de letras Mansueto Bernardi a direção deste quinzenário nos seus primeiros anos de vida.

Quando foi da memorável campanha liberal, a Revista do Globo desenvolveu em suas páginas uma propaganda entusiasta e decidida em prol da candidatura Getúlio Vargas — João Pessoa.

Nas proximidades de outubro de 1930, quando o Rio Grande resolvera já fazer a revolução, este incapaz em sua página de honra publicava um poema de Mansueto Bernardi que era bem uma profecia da arrancada memorável. Seu último quarteto dizia:

Setembro aí vem desordenadamente,
carregado de zinho e de porvir.
Aí vem. E ao seu aflúvio milagroso,
as próprias sepulturas vão florir.

Vem a revolução. Sem um momento de hesitação, sem atitudes dúbias, a Revista do Globo pôs-se ao serviço da causa do Rio Grande, que era a causa do Brasil. E fiel a ela se manteve, desde os dias incertos e dolorosos da luta até a manhã radiosa da vitória.

Quatro anos se passaram. Quatro anos de lutas, de reformas, de reviravoltas, de ódios e paixões. Um quadriênio dramático em que o Presidente Getúlio Vargas soube conservar uma admirável, uma rara e providencial serenidade.

Hoje o Rio Grande tem a honra de pela primeira vez em sua História receber a visita dum Presidente da República em exercício.

O dr. Getúlio Vargas retorna ao seu Estado Natal. O povo o recebe de braços abertos, com aplausos, com simpatia. O Presidente volta com algumas rugas a mais, e com a fisionomia um pouco mais envelhecida. Mas vem com a consciência tranqüila, o coração vazio de ódios. E sorri sempre, numa esplêndida lição de otimismo que acabará por contagiar toda a nação.

E a Revista do Globo — que tão de perto tem acompanhado a vida pública desse eminente brasileiro nestes últimos seis anos — saudá-o respeitosamente e lhe deseja um feliz repouso na sua tranqüila S. Borja.

ANEXO C – NICO E O PARAÍSO PERDIDO

EXPEDIENTE
 Numero avulso... 1\$500
 Assignat. por anno... 40\$000
 " " sem. ... 25\$000
 Por mez excedente
 de um semestre... 3\$000
 As assignaturas terminam
 sempre em 30 de Junho
 e 31 de Dezembro.

Revista do Globo

DIRECTOR: OCTAVIO TAVARES
 SECRETARIO: ERICO VERISSIMO
 EDITORA: A LIVRARIA DO GLOBO

GERENCIA
 RUA DOS ANDRADAS
 N. 1416 — 2.º ANDAR —
 LIVRARIA DO GLOBO
 TELEPHONE N. 4232
 PORTO ALEGRE

ANNO IV

PORTO ALEGRE, 13 DE AGOSTO DE 1932

N. 16

NICO E O PARAÍSO PERDIDO

COMO está chovendo e mamãe não o deixa sair para o patio, Nico procura brinqueado dentro de casa. O gato ronrona no canto da sala. A chuva bate na janela. Mamãe costura ao pé da mesa. O batalhão de soldadinhos de chumbo morreu derretido na boca do fogão. Quem foi que expandongou o polichinelo de quinze mil réis que o tio Quincas me deu? Foi o pato, foi o pato, foi o pato! Cadê o boné-quinho de massapão que estava ali em riba da prateleira? O gato comeu. Nico sente uma bruta raiva do gato. Péga duma faca e atira nele. O bicho, muito ligeiro (conhecem aquela historia do pulo que o gato não ensinou ao tigre?) salta para o lado, a faca passa zunindo e vai espatifar o vaso de porcelana que tem uma japonezinha verde pintada no bojo. Mamãe levanta-se, tiririca. Nico se encolhe. A chinela entra em cena: lépt. Depois da sóva — castigo. Quarto escuro. Para não ser desabotinado. (Desabotinado é palavra que a mamãe gosta muito de usar).

O quarto escuro é a biblioteca do pai. Com olhos molhados de lagrimas, Nico olha: Tudo está embaciado. Só depois de enxugar as lagrimas é que Nico verifica que o quarto escuro é claro. Vê livros na prateleira. Uma idéa. Vamos vêr figuras pra passar o tempo. Vêr figura é bom. Nico tem paixão pelas figuras, principalmente pelas coloridas. Péga um livro E' grosso, está empoeirado. Uma traça sai correndo mas o dedo do Nico é agil como o gato. Paf! Esmaga a traça. Nico está vingado. Abre o livro. Uma obra mui antiga. E' o Paraíso Perdido. P—a (solétra). Pa; r—a: ra; Para. Nico adivinha: Eu sei: é para... raio! Vira as folhas, vai virando, desconfiado, vira, vira... Chega o fim. Raio de livro! Não tem figura. Com raiva tira do bolso um tóco de lapis e, com a lingua de fóra, num esforço caligrafico comovente, escreve o seu *veredictum* no frontespicio da obra em que sir Milton, um inglezão remoto e sizudo, queimou as suas ilustrerrimas pestanas...

E lá fica em garranchos memoraveis a opinião de Nico, como um julgamento definitivo, *per omnia saecula*:

ESTE LIVRO NÃO PRECISA NICO

E R I C O V E R I S S I M O

ANEXO D – O BURRICO, O PALHAÇO E OUTROS BICHOS...

<p style="text-align: center; margin: 0;">EXPEDIENTE</p> <p style="margin: 0;">Numero avulso..... 1\$500 Assignat. por anno., 50\$000 " " sem., 30\$000 Por mez excedente de um semestre... 3\$000 As assignaturas terminam sempre em 30 de Junho e 31 de Dezembro.</p>	<h1 style="margin: 0;">Revista do Globo</h1> <p style="margin: 5px 0 0 0;">DIRECTOR: OCTAVIO TAVARES SECRETARIO: ERICO VERISSIMO EDITORIA: A LIVRARIA DO GLOBO</p>	<p style="text-align: center; margin: 0;">GERENCIA</p> <p style="margin: 0;">RUA DOS ANDRADAS N. 1416 — 2.º ANDAR — LIVRARIA DO GLOBO TELEPHONE N. 4232 PORTO ALEGRE</p>
ANNO IV	PORTO ALEGRE, 27 DE AGOSTO DE 1932	N. 17

O Burrico, o Palhaço e outros Bichos...

N

A rua cheia de sol passa o palhaço montado num burrico peludo. As comadres chegam á janela e comentam:

— É do circo que chegou ontem...

— Diz que é uma beleza!

— Tem uma trupe japoneza muito especial...

— É um paiãoço muito engraçado...

Na rua da vila tudo ri. Riem as casas pelos reflexos coruscantes das janelas. Riem os moleques que acompanham o palhaço e fazem o responsório, pra ganhar uma entrada pra o espetáculo da noite. O proprio palhaço ri pelos olhos gloriosos, pelo macacão amarelo, pela bocarra enorme que rasga, vermelha, a alvaiade do rosto. Riem as comadres, porque hoje vamos ter um espetáculo supimpa, e a gente *compareceremos* sem falta, si Deus quizer. Só não ri o burrico peludo, que caminha de cabeça baixa, humilhado, — os olhos mansos refletindo uma tristeza sem remédio.

A caravana ruidosa passa, levantando poeira, chamando gente ás janelas, enchendo de rumor a calma luminosa da vila.

O palhaço:

— Hoje tem marmelada!

E os moléques, num côro esganiçado:

— Tem sim sinhô!

— E o paiãoço que é?

— Ladrão de muié!

E' noite. O barracção do circo está repleto. Os moléques que acompanharam o palhaço lá estão, sentadinhos nas arquibancadas, sorridentes, refestelados. A função co-

meça. Vem o homem do trapézio. A moça de pernas grossas que trabalha no arame. A familia japoneza, que nasceu todinha em S. Paulo. O malabarista. A musica imita uma gargalhada e tres palhaços coloridos invadem o picadeiro. As comadres riem. O seu delegado que ganhou camarote tambem ri. Riem os moléques. Todos riem.

De repente surge um Tony. Vem num carrinho minusculo. E vocês sabem quem puxa esse carro? Pois é o burrico peludo e triste. Vem faceiro, de cabeça erguida, sacudindo um penacho tricolor, fazendo tilintar a guirlanda de guizos que lhe pende do pescoço, — um contentamento indizível a brilhar-lhe nos olhos.

No melhor da função entra no picadeiro um sujeito triste, macambuzio, mal vestido, sujo. Tem a cabeça baixa, os olhos mansos a refletir uma tristeza sem remedio. E' o peludo que vem mostrar ao respeitavel publico uma taboleta em que se lê a palavra INTREVALO. Vaia estrugem:

— Fiau! Dá o fóra, peludo!

E o homem da taboleta, desmoralizado, ratira-se sob apupos.

Esse peludo triste, sabem quem é? E' o palhaço de macacão amarelo, que de dia cavalgou o burrico peludo pelas ruas da vila, apregoando gloriosamente a todos os ventos que hoje tinha marmelada e que ele era *ladrão de muié*...

M O R A L

Moral? Pra que? *Não percisa* — como diz o seu Juca ali da venda...

E R I C O V E R I S S I M O

ANEXO E - PÓRTICO PARA A VIDA DE JOANA D'ARC



ANEXO F – JOANA D'ARC

N.º 6

REVISTA DO GLOBO

26 - VII - 1935

J O A N A D ' A R C

A vida da donzela de Orleans no cinema e na literatura. Um filme da Ufa de Berlim e um livro da Livreria do Globo, de Porto Alegre.

Joana d'Arc é uma das figuras mais impressionantes da História.

O seu nome tem um prestígio mágico. É um toque de clarim, uma bandeira que tremula. Os religiosos o pronunciam com fervor. Os guerreiros o invocam com entusiasmo. Os poetas o murmuram num suave encantamento.

Mais de quinhentos anos se passaram depois que na praça do Mercado Velho em Ruão foi queimada como "feiticeira, hereje e cismática" aquela criatura que, segundo o verso de Chaucer era "Sweet like a flower, straight like a bolt", suave como uma flor

e rês como uma flecha. Hoje os aviões passam roncando sobre a pequena Domremy e as suas asas de alumínio semeiam lampejos estranhos no tranquilo céu da Lorena. Lá existe ainda, reconstituída, a casa onde Joana nasceu.

O rio Mosa, cuja marulho doce foi como uma musica de ninar para a infancia da Donzela, ainda corre no seu leito calcáreo e ás suas margens freixos e faias, carvalhos e juncos sobem para a luz, alimentadas as suas raizes pela mesma terra boa que recolheu em seu seio os corpos dos pais e irmãos de Joana, pela terra mil-

nar, cujo sentiu a carícia dos pés descalços da filha de Jacques d'Arc...

São incontáveis na literatura universal os poemas e contos e romances e monografias que se escreveram em torno da figura exquisita e apaixonante da Donzela de Orleans. Voltaire escreveu a seu respeito páginas ferozmente sarcásticas. Bernard Shaw, em sua peça *St. Joan*, nos dá uma interpretação nova da heroína. Apresenta-a como uma camponesa ruda e mal-falante, visionaria e inculta. Si não é uma interpretação católica, é, pelo menos — como se depreende do prefácio do proprio Shaw — uma interpretação humana, feita com simpatia e numa procura da verdade. Hilaire Belloc escreveu em "*Joan of Arc*" o mais claro e belo resumo da vida da Santa Guerreira. Anatole France nos dá talvez a obra mais documentada e vasta que sobre S.



Joana d'Arc e Carlos VII na mesa de banquetes com que se comemorou a primeira vitória sobre burgundeses e ingleses. (Foto do Gêa da Ufa "JOANA D'ARC")

ANEXO G – UM PRESENTE IDEAL PARA O NATAL

Um presente ideal para o Natal

A Vida de Joana D'Arc



• Erico Verissimo, autor de *Clarissa*, publica agora uma biographia romancada de Joana d'Arc. Sem se afastar da verdade histórica, elle nos dá um livro que tem o encanto da poesia, o fascínio da aventura e a novidade das cousas es-pirituaes. É a história simples dum meina simples, narrada com extrema sim-plicidade. Joana d'Arc é vista dum ângulo novo. O autor escreve sem conspícuo e foge a todos os lugares communs da composição e do estylo do roman-co histórico.

• Um livro que tanto pelo conteúdo literario como pelo evoluer material — uma maravilhosa capa e vinhetas de Nelson B. Friedrichs, impressão nitida em bom papel — se recommenda aos bibliophilos.

Preço do vol. broch.: 15\$

Preço do vol. enc.: 20\$

Edição da **LIVRARIA DO GLOBO**

Barcellos, Bertaso & Cia. — Porto Alegre

ANEXO H - GURI!



<p>1</p>	<p>2</p>	<p>3</p>	<p>4</p>
<p>NOITINHA. JECA, JOCA E JUCA VOLTAM DO PASSEIO. DIZ O JUCA: "VAMOS BATER NESTA PORTA PRA VER SI NOS DÃO UM POUQUINHO DE BOIA!"</p>	<p>BATEU A PORTA SE ABRIU E APARECEU A MULHER MAIS FEIA DESTE MUNDO! "O! - GRITOU JOCA - É A FETICEIRA MATAGURI!"</p>	<p>NAS A MULHER FALOU COM BONDADÉ. DEULHES COMIDA. A RA-PAZIAADA PERDEU O MEDO. ENTÃO ELA MOSTROU A CAIXA DOS DESEJOS.</p>	<p>"QUE É QUE VOCES DESEJAM?" PERGUNTOU "QUEREMOS VOAR!" RESPONDERAM OS MENINOS. E NUM MINUTO, TODOS ESTAVAM NUAR, VANDO...</p>
<p>5</p>	<p>6</p>	<p>ERA UMA VEZ...</p> <p>UM MACACO MUITO VELHO, JÁ NÃO ENXERGAVA QUASI NADA, E COLTADO! PORISTO COMPROU UM PAR DE OCULOS. SEGUROU-O, EXAMINOU-O, VIROU, REVIROU, BOTOU-O NA PONTA DO RABO, NOS PÉS, NA NUCA, MAS NÃO O POZ NO DEVIDO LUGAR. E DEPOIS DE "USAR" BASTANTE OS OCULOS, ATIROU-O AO CHÃO E</p>	
<p>QUANDO VOLTARAM ELA PERGUNTOU: "E AGORA?" E OS CURIS: "QUEREMOS NOS TRANSFORMAR EM BICHOS BEM ENGRAÇADOS" - E LOGO FICARAM ASSIM COMO VICES ESTÃO VENDO.</p>	<p>DEPOIS DE MUITAS AVENTURAS MATAGURI FALOU: "E QUE MANEIRAS DIZERAM" QUEREMOIR PRA CASA" - E LIGEIINHOS SE ENCONTRARAM EM CASA!</p>		
<p>EXCLAMOU " ISTO NÃO PRESTA: FUI LOGRADO!" E QUE O MACACO NÃO SABIA QUE NÃO BASTA QUE UMA COISA SEJA BÓIA: É PRECISO SABER USA-LA.</p>			

ANEXO I – CREPÚSCULO DOS DEUSES

REVISTA DO GLOBO

SEMANÁRIO DE CULTURA E DE VIDA SOCIAL

DIRECTOR: MANSUETO BERNARDI ↔ EDITORA: A LIVRARIA DO GLOBO

ANNO III

PORTO ALEGRE, 10 DE JANEIRO DE 1931

— N. 1

C
r
e
p
u
s
c
u
l
o

As lendas estão morrendo. Já não ha mais encantamento. Nem romance. Nem iluminações.

A's vezes a gente acredita em que o milagre, o sortilegio, a magia, — são atributos das idades mortas.

Parece que só no passado ha santos e taumaturgos. Gente que poude fugir á estreiteza dolorosa do sistema de coordenadas que limita a vida humana.

Agora vou dizer um lugarzinho - comum. Dão licença? Lá vai:
Nesta terra de sol encontraram-se tres raças. O português, que trouxe no sangue um pouco do romanticismo mouro. O indio, eterno deslumbrado, que vivia aniquilado pela força brutal da natureza. E finalmente o negro supersticioso, que veiu gemendo soturno no bojo dos navios negreiros. Cada um guardava na consciencia, fundamente, as suas lendas, os seus deuses.

Uniram-se, fundiram-se, dentro da patria mrvilhosa. E a nova raça se esboçou, sob o sol. A terra linda e farta, cheia de sombras e fulgurações, de revelações e mistérios, foi sugerindo novos duendes...

Anhangá morava no campo grande. Era horrendo. Um bicho estranho, cornudo, de pelo vermelho, olhos de fogo, cruz na testa. Espirito mau, entrava no corpo dos indios, atormentando-os.

Curupira era o senhor do mato bravo. Guri de cabeleira vermelha, peludo e feio, com os pés voltados pra trás. Ai de quem o encontrasse na floresta sombria...

E o Saci? Negrinho duma perna só, preto como carvão, fumador de cachimbo, olhos de brazas acesas. Vagabundeava de noite pelas estradas, azucrinando os viandantes, espantando as criações, fazendo gorar as colheitas, mirrar as arvores, parar os monjolos...

No fundo do rio, num palacio de vidro, morava certa mulher linda. Branca como uma lagôa em noite de lua. Tinha os cabelos verdes e longos como folhagem de salgueiro. E o corpo, da cintura pra baixo, era como de peixe. Cantava cantigas bonitas. Só pra atrair os pescadores e arrebatá-los, levando-os pra o fundo dagua... (A Uiára...)

De noite escura, que luz estranha era aquela, brilhando lá longe? Estrela caída? Fogo de carreteiro? Não. Era o boitatá.

E aquele moleque desinquietao que andava burlequeando pelos coxillhões desertos? O Negrinho do Pastoreio.

De cada moita, de cada mato, de cada rio nasciam fantasmas...

Mas o tempo correu. Veiu o Progresso com P. maiúsculo. E começou o crepusculo dos deuses.

Boitatá fugiu pra não sei onde, obumbrado pelo clarão cegante dos holofótes de automoveis que hoje cruzam os campos. Negrinho do Pastoreio, moléque sarado, vestiu palitô sacco e foi tocar pancadaria na orquestra dos dancings. A Uiára? Nem digo...

Curupira e Anhangá, perdido o velho prestigio, estouraram de raiva. Só o Saci, divindade solérte, está resistindo á tumultuosa onda civilisadora. Embrenhou-se nas florestas amazonicas, impavido.

Mas lá foi surpreendel-o o imperialismo yankee.

E si o moléque ladino, assustado pela trepidação dos motores de Mr. Ford, não se meteu no mais esconso buraco da mata cerrada, está perdido...

Decerto a esta hora vamos encontra-lo em atitudes pouquissimo brasileiras. Fumando "navy-cut" no seu cachimbinho de barro. Bebendo o louro Johnny Walker com estalinhos de lingua. Dizendo all right com bôa pronuncia saxonica. E naturalmente pensando em mandar vir uma perna postiça *made in U. S. A...*

V
e
r
i
s
i
c
o

ANEXO J – SEÇÃO FEIRA LIVRE

COMPANHIA
LANIFICIO SÃO PEDRO
CAXIAS

FABRICANTES DE CASEMIRAS,
PANOS, SARJAS, FLANELAS, CHA-
LES, PALAS, PONCHES, COBERTO-
RES, ETC.

AS MELHORES Lãs EM FIOS PARA TODA SORTE
DE MALHARIAS SÃO AS MARCAS

"CASTOR" E "AGUIA"

ÚNICOS FABRICANTES DAS FAMOSAS CAPAS IMPERMEÁVEIS

"CRUZEIRO DO SUL"

FEITAS DE UM SÓ PANO INTEIRO, SEM COSTURAS NAS COSTAS
ESPECIALISTAS EM PANOS MILITARES

ÚNICOS DEPOSITÁRIOS POR ATACADO:

CHAVES & ALMEIDA
PORTO ALEGRE

EMPRESA AUTO VIAÇÃO GLOBO

Linha Porto Alegre - Araruama - Tubarão - Agua
Thermas da Guarda e Florianópolis

Saídas de Porto Alegre às Segundas — Quartas e
Sábados.

Saídas de Araruama às Quartas — Sextas e
Domingos.

Linha para Osório — Tramandaal — Capão de Ca-
nôa e Torres — Saídas diariamente às 5, e 14,40 hs.

Ostias confortáveis dirigidas por seus
proprietários.

N. B. — Reserve passagens com antecedência.

Agência em Porto Alegre:

Praça dos Bombetres n.º 109 — Telefone 8829
Os Proprietários

DEPÓSITO DE MADEIRAS
TRAFICHE JACOBSINHO

MADEIRAS EM
GERAL
CAL, AREIA,
CIMENTO, ETC.

Com Desvio Fianco

COM SERRARIA
EM PRATA



IRMÃOS ELY - PORTO ALEGRE
RUA VOLUNTARIOS DA PATRIA, 2540
Próximo à Rua do Passo - BONDE N - TEL 2916

FEIRA

O movimento editorial da Livraria do Globo neste fim de ano, ultrapassa muito ao cálculo mais otimista. No momento em que redigimos esta nota, nada menos de 46 livros — novos e reedições — encontram-se em trabalho nas diversas seções da casa. Isto constitui um índice não só do trabalho desenvolvido pela Editora, como também uma afirmativa indiscutível de que "no Brasil já se lê bastante".



Continua numa escala crescente, o sucesso de "Olhar os Lirios do Campo", de Erico Verissimo. Sucedem-se edições após edições. Atualmente trabalha-se na 7.ª edição do melhor romance até hoje publicado no Brasil, — 77.º milheiro — uma cifra que dispensa qualquer comentário, sabendo-se que entre nós normalmente, a tiragem de um livro oscila, com otimismo, entre 5 e 8.000 exemplares. Erico promete-nos para o próximo ano, um novo "best-seller", — algo de grandioso: "A Caravana".

Compreendendo a importância da educação das crianças brasileiras para a formação de uma mentalidade vigorosa e sadia, — e confirmando também o propósito de dotar suas coleções com os melhores livros infantis do Brasil, a Livraria do Globo enriqueceu recentemente a Coleção "Burrinho Azul" com os seguintes livros: "Histórias da Lagoa Grande", por Lúcio Cardoso — "A Fada Menina", por Lúcia M. Pereira — "A Casa das Rolinhas", por Arnaldo Taboia e Marques Rabêlo — "A Terra dos Meninos Pelados", por Graciliano Ramos. Os três últimos foram premiados pelo Ministério de Educação e Saúde Pública. São livros invulgares, histórias interessantíssimas, que farão a delícia das crianças, com muitas ilustrações simples e coloridas de autoria de consagrados artistas, como João Fahrion, Nelson Boeira Friedrich e Edgar Koets. E ainda este mês aparecerá o "Livro dos Piratas", por Antônio Barata, autor de "Histórias de Bichos". Este novo volume da Coleção "Aventura" conta a história dos mais célebres piratas de que há notícia. Tomaz Somerfield executou as ilustrações deste magnífico livro para a juventude.



A Exposição do Livro Brasileiro realizada recentemente em Montevideu e prestigiada pelo embaixador Batista Luzardo, constituiu um autêntico congresso internacional de escritores, bibliógrafos, editores e livreiros, reunidos num certame em que ficou evidenciada a cultura e a fraternidade americana. Mais de 100.000 pessoas visitaram a exposição, o que demonstra o interesse despertado pelo que é brasileiro. Após o encerramento do conclave, foram ofertados ao Instituto Uruguaio-brasileiro os 4.000 volumes expostos. Representou o Rio Grande do Sul neste conclave, o escritor Vianna Moog, consagrado autor de "Um rio falta o Reno".

ESCRITORES E LIVROS

Por GILBERTO MIRANDA

BIBLIOTECAS INFANTIS

TODOS nós tivemos conhecimento de que foi a exposição de livros infantil, não há muito realizada em São Paulo. O grande Estado, pioneiro por tantos títulos, deu mostras, mais uma vez, das largas vistas com que se orienta para o futuro... A exposição decorreu num clima de vivo interesse, mobilizando homens e crianças em torno dos progressos da indústria editorial brasileira no setor das publicações infantis. Foi um face a face desses progressos que um observador pôde afirmar com justeza: "a época de obrigatoriedade de Júlio Verne está vencida..." E que já foram ultrapassados. Literária e pedagogicamente, assim como do ponto de vista editorial, aqueles pobres dias em que a nossa infância não tinha outra alternativa senão "estar-se cercado de livros de sensacionais episódios inacabados". Hoje podemos contar com uma literatura infantil em grande parte à altura das tendências responsáveis que o seu cultivo acarreta. As nossas crianças não são mais aquelas figurinhas melancólicas, deserdadas das boas fadas, que simplesmente lhes nevavam as suas maravilhosas histórias...

Mas não é só. Alôdos de São Paulo chegaram-nos indícios muito mais animadores. Tendo em vista tudo o que se obteve e o que se está obtendo da Biblioteca Infantil Municipal da capital paulista, conforme notícia textualmente a imprensa dali, o Conselho dos Museus solicitou à sua diretora, sen. Antia Francetti, um trabalho sobre tipos de bibliotecas que pudessem ser instaladas em todos os municípios de São Paulo. Esse trabalho, que agora vai ser convertido em lei, especifica os tipos de bibliotecas infantis que serão distribuídas por todos os municípios paulistas. Pelo tipo A, para municípios com mais de um milhão de cruzados de renda, a biblioteca funcionará no muelle do da capital, com funcionárias diplomadas e com todos os departamentos necessários. O decreto da interventoria, criando essa rede de bibliotecas infantis, dará a São Paulo a maior organização no gênero em toda a América do Sul.

O fato merece amplo registro, sem a menor dúvida. Mas principalmente, merece ser imitado. Ao menos nos capitais dos outros Estados...

GUIA DO LEITOR

Os livros mais vendidos, na última quinzena, na loja da Livraria do Globo:

LITERATURA NACIONAL

- 1.º — ROMANCE DE TERESA BERKARD, de Sr. Leandro Dajaz — Ed. Brasileira.
- 2.º — GIRA, romance de Sr. Leandro Dajaz — Ed. Brasileira.
- 3.º — ERAMOS REIS, romance de Sr. Leandro Dajaz — Ed. Brasileira.
- 4.º — LUF E SOMBRÁ, romance de Sr. Leandro Dajaz — Ed. Brasileira.
- 5.º — HISTÓRIA, romance de Gilda de Alencar — Ed. Capelo.

LITERATURA ESTRANGEIRA

- 1.º — VIDAS ILUSTRES, biografias de H. Van Loon — Ed. Globo.
- 2.º — HOTEL BERLIM, romance de Vicki Baum — Ed. Globo.
- 3.º — HISTÓRIA DA BAÇA HUMANA, biografias de Henry Thomas — Ed. Globo.
- 4.º — O FIO DA NAVALHA, romance de W. Somerset Maugham — Ed. Globo.
- 5.º — MARAVILHAS DO COMÉRCIO HUMANO, divulgação de Henry Thomas — Ed. Globo.

NOTICIÁRIO

● O setor de professores sobre livros do Estado de Minas de Pesquisas Edições do Distrito Federal aprovou, no começo do mês de setembro de 1948, pelas suas várias quinzenas pedagógicas, o livro de Paul de Ruil, *O Conselho para a Vida*. Trata-se de uma coleção de narrativas verdadeiras e de máximas em torno das modernas conquistas médicas, que se li com o prazer que nos provoca ao bom romance, não obstante o seu caráter eminentemente educativo.

● O sr. Moisés Vellano, a aguda crítica de Letras da *Prestidivida*, está secretando para a editoria americana "Fundo da Cultura Económica" um abençoado trabalho sobre a formação histórico-social do Rio Grande do Sul.

● A edição Macmillan lançou brevemente *O Livro do Espírito*, em seguida, *Os livros de Siras da coroa*, os grandes sucessos de romances de Eric Verhagen. Enquanto isso das traduções o sr. Kaplan, que foi o tradutor de Caminho cruzado, cuja apresentação aos Estados Unidos obteve expressiva acolhida.

● Está sendo anunciado o livro de crítica de Mário de Andrade, *O empolador de porcozinhos*, cujo original foram os últimos entregas por ele postumamente a seu editor.

● Faltava em Noca Espinoza o sr. Felício Garcia. Assim redigida a notícia, de

corrente de indagar quem seja esse cidadão. E o pai do poeta Felício Garcia Lora, assassinado pelas fascistas espanholas.

● Por ocasião de Comício de Eze de Quivós, publicaram-se na Argentina a *Concepções*, de sua autoria, e uma coleção de *A cidade e as serras*.

● Paulo Nerada, que recentemente foi eleito, recebeu agora o Prêmio Nacional de Poesia, e melhor que se ofereceu ao escritor de Chile.

● O livro inédito de J. Simões Lopes Neto, intitulado *Casa de Banquitos*, que se manteve perdido numa coleção do jornal durante 24 anos, está sendo prefaciado por Augusto Meyer.

● De Apolinário Porto Alegre, o titular da regionalismo literário no Rio Grande do Sul, a Livraria do Globo vai publicar *Tupiza e Lapaço*, obra que se conserva inédita até agora, mas grande e verdadeira importância de que se precisa.

● O poeta de São dos Cabanos, Mário Quintana, está com um novo livro a sair, *Coelhos*. Entrada por Notícia, um grande estilo.

● Hubsom de Balthus deixou em nome definitivamente ligada à vida intelectual portuguesa uma antologia de um estudo, *Confissão*, já agora famosa. Trata-se da *Exibido da formação social de Rio Grande*, publicada em 1922 no livro *desaparecido do Parti-*

O LIVRO É A VIDA

Escreve ALCESTE

NO tempo em que se costuma estorvar presentes — sim, porque vive uma fase feliz de abundância, em que não há coisa se dáca — nada me convenceu mais desafiado de que a impenitência por parte dos artigos antigos, sobrios dos critérios. Não posso dizer que o meu maior interesse era pelas livros, e assim achavam presente me poderia apagar mais de que isso. Em livro de cinco mil réis — seguinte época — tal preço poderia adquirir excelente coisa — tal preço não custa mais do que o preço de dez mil réis que o meu interessado tinha trazer, enfeitada, expressivamente, em papel de seda.

Mas há vista em tal espécie de presente costumeira que os presentes absolutamente tais. Alguns achando que alguns a aprovação, quase ninguém tinha visto de tanta. O livro parecia ser coisa de todas qualquer coisa de desatentado, de estudo, de inferior, impropria para ser livro, custando em papel de seda à soma de um autossucesso. E com bastante alguns ao lerem isso, verificando que dos presentes recebidos em tal época nada mais me restou, enquanto se fizeram livros havia de livros ainda no minha oferta, como conseguir as adquiridos mesmo na minha infância.

Porque, de não das anos para ad a situação modificamos muito, como consequência de certo, da crescente natureza de atividade intelectual entre nós. Já pensando em que conseguiriam sentir a importância de livro, naturalmente se nos inclinamos a fazer dele um objeto de presente. E' a que está se dando, agora, e a que se dará, naturalmente, de forma mais privilegiada no modo de nosso costume cultural. Comprar a não somente de livros, incomuns e habituais, mantendo-se os costumes de sempre, tanto para quem fez o presente como para quem o recebe. Pela questão correspondente a uma obra de texto, não se poderia, no matéria das coisas, escolher um amigo em presente digno de outro presente. Em soma de tanto presente, por exemplo, é presente mais querido, e livro de mesma preço, bem escolhido, nunca a ser. Daí os presentes recebem, quando se trata de objetos intelectuais ou, em minutos, dado à vida. E' a que, aliás, toda semana facilmente parecemos.

Estando no Natal e pensando numa criança, bem e sente o não sempre de presente a escolher-se de presente, não ficou a presente de sua vida, lembrando de não somente de coisas, mantendo-se, compradas com o mesmo dinheiro de um presente, ainda não me regozijo de faz de presente, que já não mais de vez, em diferentes etapas de minha existência...

O livro é vida — é a vida. No gesto de oferecer o um amigo ou a um está guardado lá, pois, qualquer coisa de brava vontade — há o sentido de um culto.

de República, "A Federação". Embora tenha sido a base de tudo quanto se escreveu depois sobre o assunto, esse estudo contém sempre as melhores coisas que podemos contar em ocasião de interpretação histórico-social. Assim como toda a obra de J. Simões Lopes Neto, a que sobreviveu *Ribeiras de Barravos*, pouco menos de 20 páginas, constitui elemento essencial para a apreciação e o estudo do Rio Grande. A "Provincia de São Pedro" publicará esse estudo no seu terceiro número, atendendo ao seu caráter valioso e ao grande número de leitores que desejem conhecê-lo.

● O romanceiro mineiro Amadeu de Queiroz, autor de *João e outros livros* sempre julgados pela crítica, *divulgará* uma narrativa no "Jornal de São Paulo". "Acho que não escreveria mais. Vou deixar a meu lu-

ANEXO L – FICHA CATALOGRÁFICA

FICHA CATALOGRÁFICA GURI

Gênero
Elementos da narrativa
Personagem
Descrição temporal
Descrição espacial
Ação
Autor
2ª. opção nome autor
Autor estrangeiro
Autor sul-rio-grandense
Tradutor
2ª. opção nome tradutor
Ilustrador
Fotógrafo do artigo
Título do artigo
2ª. Opção título do artigo
Autor e título citados
Título da seção
Título da subseção
Página inicial/final
Descritores

00943

BERNARDI, Idalina. A Lenda da Princesa Moura. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 1 [49], p. [12], 10 jan. 1931.

Descritores: lenda; literatura infanto-juvenil; literatura feminina.

Gênero: narrativa: lenda.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: humanos: jovens, adultos ser fantástico: fada

Descrição temporal: Tempo distante.

Descrição espacial: espaço interno: palácio externo: natureza - montanha.

Ação: A princesa moura Fatima é seqüestrada por piratas. Orbazan, seu pretendente e descendente de uma estirpe de heróis, a resgata das mãos dos piratas e casa com ela.

00944

ARINOS, Affonso. Lendas de Sao Joao. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 3 [51], p. [19], 24 jan. 1931.

Descritores: lenda; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: Religiosas: Nossa Senhora, Santa Isabel, São João

Descrição temporal: Distante, época do nascimento de São João.

Descrição espacial: espaço externo: natureza- montanha.

Ação: Nossa Senhora visita a prima Isabel por ocasião do nascimento de São João.

00945

Jeca, Juca e Joca... Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 2 [50], p. [19], 17 jan. 1931.

Descritores: historia em quadrinhos; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: história em quadrinhos.

Personagens: humanos: crianças animais: avestruz.

Descrição temporal: Dia de Natal.

Descrição espacial: externo: natureza interno: caverna

Ação: A avestruz leva Jeca, Juca e Joca a uma caverna no Dia de Natal.

Dentro da caverna, para alegria das crianças, a avestruz, através da magia, transforma objetos inanimados em pudim, confeitos e árvore de Natal.

00946

Lenda dos Myosotis. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 4 [52], p. [21], 31 jan. 1931.

Descritores: lenda; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: Religiosos: São José, Virgem Maria, Jesus. anjo animal: jumento planta: espinheiro

Descrição temporal: Época distante, por ocasião do nascimento de Jesus

Descrição espacial: cidade de Belém na Judéia

Ação: Fuga de Maria e do menino Jesus da Judéia. Transformação dos espinhos do espinheiro em miosótis.

00947

Pedro, o Pirata. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 11 [59] , p. [39], 11 abr. 1931.

Descritores: historia em quadrinhos; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: história em quadrinhos.

Personagens: humanos: adultos animais: baleia

Descrição temporal: Época distante, quando existiam piratas.

Descrição espacial: natureza: mar.

Ação: Pedro o pirata saiu a navegar em alto mar a procura de navios para roubar. Mas uma forte tempestade e uma baleia levou-o à morte no mar.

00948

TIA MARGARIDA. O Tesouro. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 18 [66], p. [38], 18 jul. 1931.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Secao: Pagina das criancas.

Subsecao: Guri...

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: humanos: adultos

Descrição temporal: indefinido.

Descrição espacial: externo: natureza: campo.

Ação: Dois irmãos recebem terras como herança, desanimados com o estado das terras recebem a visita de uma senhora que lhes afirma que nesta terra há um tesouro escondido. Anos depois a senhora volta a visitá-los e encontra uma terra verdejante, florida, semeada. Os irmãos a questionam sobre o tesouro que não foi encontrado e ela devolve-lhes o questionamento indagando-os sobre a produtividade da terra semeada e trabalhada por eles que tão bons frutos deu. Valorização do trabalho, e do produto deste trabalho, neste caso, na terra.

00949

Os Animais e a Peste. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 22 [70], p. [46], 12 set. 1931.

Descritores: fabula; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: animais: leão, chimpanzé, tigre, burro, raposa.
 Descrição temporal: indefinido.
 Descrição espacial: externo: natureza
 Ação: Num ano de peste entre os animais, o leão, julgando que a mesma é motivada pela cólera divina organiza um julgamento onde os animais devem confessar seus crimes, que serão julgados e o pior criminoso deverá ser sacrificado para apaciar a cólera dos deuses.

00950

O Orgulhoso. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 22 [70], p. [40], 12 set. 1931.

Descritores: apólogo; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: árvores.

Descrição temporal: indefinido.

Descrição espacial: externo: natureza, floresta.

Ação: O jequitibá, orgulhoso e soberbo, considerando-se indestrutível e fazendo pouco caso das plantas menores, acaba sofrendo queda numa forte tempestade.

00951

A Garça Velha. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 25 [73], p. [32], 24 out. 1931.

Descritores: fabula; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: animais: garça, caranguejo, peixes.

Descrição temporal: Um dia indefinido.

Descrição espacial: externo: natureza, lagoa

Ação: A garça astuciosa e quase cega provoca mudança de local dos peixes, para que consiga continuar se alimentando deles e sobrevivendo.

00952

A Lagartixa Astuta. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 26 [74], p. [34], 7 nov. 1931.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: animais: lagartixa, lebre, chacal, leopardo, rinoceronte, elefante, sapo.

Descrição temporal: dia.

Descrição espacial: externo: natureza: floresta interno: cova.

Ação: Invasão, engano e astúcia da lagartixa, que invade a cova de uma lebre e consegue ludibriar alguns animais por certo tempo, mas acaba sendo

descoberta e retirada da cova, embora não sofra sanções pelo que fez. Tudo acaba em risos e brincadeiras.

00953

O Gato Vaidoso. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 27 [75], p. [42], 21 nov. 1931.

Descritores: fábula; literatura infanto-juvenil.

Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: animais: gatos.

Descrição temporal: Um dia indefinido.

Descrição espacial: externo: telhado

Ação: Discussão entre dois gatos com vidas distintas, sendo um deles soberbo, orgulhoso e bem tratado e o outro maltratado, passando necessidades. A conclusão é que nenhum é melhor que o outro; o que os diferencia é a sorte.

00954

Mal Maior. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 27 [75], p. [42], 21 nov. 1931.

Descritores: fábula; literatura infanto-juvenil.

Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: animais: bem-te-vi, rãs

Descrição temporal: Um dia indefinido.

Descrição espacial: externo: natureza

Ação: Anúncio do casamento do sol e suas conseqüências para o equilíbrio da natureza.

00955

Liga das Nacoes. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 28 [76], p. [40], 5 dez. 1931.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil.

Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: animais: onça, gato do mato, jaguatirica, irará.

Descrição temporal: Um dia indefinido

Descrição espacial: externo: natureza

Ação: A onça propõe ao gato do mato, à jaguatirica e à irará para caçarem todos juntos e dividir a caça, só que a sociedade acaba em malogro por causa da onça, que não quer dividir a caça com ninguém. Sendo assim, a sociedade entre os animais acaba desfeita.

00956

O Burro Sabio. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 28 [76], p. [40], 5 dez. 1931.

Descritores: fábula; literatura infanto-juvenil.

Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: animais: burro, elefante.

Descrição temporal: Tempo em que os animais falavam.

Descrição espacial: indefinido.

Ação: Assembléia de bichos, o burro é vaiado ao discursar porque não havia sido convidado para a reunião e só disse asneiras.

00957

Os Dois Viajantes na Macacolandia. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 29 [77], p. [49], 24 dez. 1931.

Descritores: fábula; literatura infanto-juvenil.

Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: humanos: viajantes animais: macacos.

Descrição temporal: Um dia indefinido

Descrição espacial: externo: natureza - sertão

Ação: Viajantes se perdem pelo sertão; acabam presos no reino do macacos e interrogados; ao responder o que realmente pensa, um deles leva uma surra. O outro, que responde o que querem que ele diga e não a verdade, não é agredido.

00958

O Lobo Velho. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 1 [78], p. [36], 16 jan. 1932.

Descritores: fábula; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: animais: lobo, raposa, ovelha.

Descrição temporal: Um dia indefinido

Descrição espacial: interno, casa do lobo; externo: natureza, montanha

Ação: A raposa engana a ovelha para conseguir comida para o lobo que está doente.

00959

Um Jogo Syrio. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 2 [79], p. [43], 30 jan. 1932.

Descritores: descrição; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.
 Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.
 Personagens: humanos: crianças.
 Descrição temporal: Um dia indefinido.
 Descrição espacial: externo: cidade, rua.
 Ação: Descrição de um jogo infantil jogado na rua por um grupo de crianças.

00960

Sorrisos. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 2 [79], p. [43], 30 jan. 1932.
 Descritores: poema; literatura infanto-juvenil; ilustracao.
 Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: poema.
 Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.
 Personagens: crianças.
 Descrição temporal: Dia de verão.
 Descrição espacial: externo: natureza.
 Ação: Alegria de um grupo de crianças com a chegada do verão.

00961

A Esperteza dum Peixinho. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 4 [81], p. [41-42], 27 fev. 1932.
 Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.
 Secao: Pagina das Crianças.

Gênero: narrativa.
 Elementos da narrativa: elementos verbais.
 Personagens: humanos: adultos e crianças animais: peixinho.
 Descrição temporal: dia.
 Descrição espacial: externo: natureza, campo, rio; urbano: cidade.
 Ação: Menina pobre, vai com a vizinha até a cidade. Vê pela primeira vez uma loja de brinquedos. Fica triste por não ter uma boneca. Deseja muito ter uma boneca, um peixinho esperto rouba uma boneca para ela.

00962

Carmina. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 5 [82], p. [41-42], 12 mar. 1932.
 Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.
 Secao: Pagina das Crianças.

Gênero: narrativa.
 Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.
 Personagens: humanos: adulto e crianças animais: cão seres fantásticos: fada.
 Descrição temporal: indefinido.
 Descrição espacial: externo: natureza: rio, floresta.
 Ação: Menina pobre e sem atrativos sai em busca do sabão que usava para lavar roupa e que escorregou na ribeira e sumiu na água. Com medo do castigo, vai em busca do sabão e acaba se perdendo na floresta e encontrando a Fada da Floresta que a transforma numa linda moça e lhe dá outro sabão.

00963

O Carreiro e o Papagaio. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 7 [84], p. [35], 9 abr. 1932.

Descritores: fábula; literatura infanto-juvenil; foto.

Secao: Pagina das Crianças.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: humano: adulto animais: papagaio, bois.

Descrição temporal: indefinido.

Descrição espacial: externo: estrada.

Ação: Um papagaio, fingindo-se de São Benedito, orienta um carreiro para que este saia do lamaçal em que sua junta de bois atolou.

00964

O Macaco e o Gato. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 7 [84], p. [35-36], 9 abr. 1932.

Descritores: fabula; literatura infanto-juvenil.

Secao: Pagina das Crianças.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: animais: gato, macaco.

Descrição temporal: Um dia indefinido.

Descrição espacial: interno: casa.

Ação: Peraltices do macaco e do gato que vivem na mesma casa; o macaco é quem sempre se dá melhor.

00965

A Mosca e a Formiguinha. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 7 [84], p. [35], 9 abr. 1932.

Descritores: fabula; literatura infanto-juvenil.

Secao: Pagina das Crianças.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: animais: mosca e formiga.

Descrição temporal: Um dia indefinido.

Descrição espacial: externo: natureza interno: casa.

Ação: A mosca orgulhosa e soberba se vangloria para a formiguinha trabalhadeira, mas no fim se dá mal. Valorização do trabalho.

00966

Qualidade e Quantidade. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 7 [84], p. [36], 9 abr. 1932.

Descritores: anedota; literatura infanto-juvenil.

Secao: Pagina das Crianças.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: humanos: adultos.
 Descrição temporal: indefinido.
 Descrição espacial: externo: praça
 Ação: Discurso de um mono para uma multidão em que é aplaudido, em dissonância com a opinião de sábios que qualificam seu discurso como desqualificado.

00967

Um Sabia na Gaiola. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 8 [85], p. [30], 23 abr. 1932.
 Descritores: fábula; literatura infanto-juvenil.
 Secao: Pagina das Crianças.

Gênero: narrativa.
 Elementos da narrativa: elementos verbais.
 Personagens: animais: pássaros humano: caçador.
 Descrição temporal: indefinido.
 Descrição espacial: interno: casa, gaiola.
 Ação: Perdido em lamentações e recordações, um sabiá aprisionado numa gaiola, diante da visão de pássaros mortos pelo seu captor, acaba sentindo-se favorecido pela sorte por estar vivo e ter ao menos uma chance de readquirir a liberdade perdida.

00968

O Leão, o Lobo e a Raposa. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 8 [85], p. [30], 23 abr. 1932.
 Descritores: conto; literatura infanto-juvenil.
 Secao: Pagina das Crianças.

Gênero: narrativa.
 Elementos da narrativa: elementos verbais.
 Personagens: animais: leão, lobo, raposa.
 Descrição temporal: indefinido.
 Descrição espacial: interno: casa do leão
 Ação: Intriga do lobo e da raposa, que usam de artimanhas para prejudicar um ao outro diante do leão, que está doente e em busca da cura.

00969

O Cao e o Lobo. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 8 [85], p. [30-31], 23 abr. 1932.
 Descritores: conto; literatura infanto-juvenil.
 Secao: Pagina das Crianças.

Gênero: narrativa.
 Elementos da narrativa: elementos verbais.
 Personagens: animais: lobo e cão.
 Descrição temporal: indefinido.
 Descrição espacial: externo: natureza, mato.
 Ação: Em conversa com o cão, bem tratado e bem alimentado, mas domesticado, o lobo conclui que apesar das necessidades que passa, é melhor continuar na sua vida selvagem e livre do que ser um animal domesticado.

00970

O Peru Medroso. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 9 [86], p. [37], 7 maio 1932.

Descritores: fábula; literatura infanto-juvenil.

Secao: Pagina das Crianças.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: animais: raposa, peru, galo.

Descrição temporal: Um dia indefinido.

Descrição espacial: externo: natureza, floresta.

Ação: O peru, tentando escapar da raposa no galho de uma árvore, por medo acaba caindo nas garras da raposa, sendo devorado por ela.

00971

A Raposa sem Rabo. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 9 [86], p. [37], 7 maio 1932.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil.

Secao: Pagina das Crianças.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: animais: raposas.

Descrição temporal: dia.

Descrição espacial: externo: natureza, floresta.

Ação: A raposa, tendo perdido o rabo acidentalmente, tenta arditosamente, convencer as outras raposas a fazer o mesmo, mas não obtém sucesso na tentativa.

00972

O Burro na Pele do Leão. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 9 [86], p. [37], 7 maio 1932.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil.

Seção: Pagina das Crianças.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: animal: burro humano: adulto.

Descrição temporal: indefinida.

Descrição espacial: externo: natureza: floresta.

Ação: O burro se disfarça com a pele de leão; Acaba descoberto pelo dono.

00973

Os Dois Burrinhos. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 10 [87], p. [19], 21 maio 1932.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil.

Secao: Pagina das Crianças.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: animais: burros humanos: adultos.

Descrição temporal: Um dia indefinido.
 Descrição espacial: externo: estrada, montanha.
 Ação: Atitude de soberba de um burrinho que carregava ouro em relação a outro que carregava farelo. Num ataque de ladrões o orgulhoso leva a pior, necessitando de ajuda do burrinho humilde, que carregava farelo, reconhecendo o orgulhoso que nenhum é melhor que o outro.

00974

O Cavalo e as Mutucas. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 10 [87], p. [19], 21 maio 1932.
 Descritores: fábula; literatura infanto-juvenil.
 Seção: Pagina das Crianças.

Gênero: narrativa.
 Elementos da narrativa: elementos verbais.
 Personagens: humano: adulto animais: cavalo e mutucas.
 Descrição temporal: Um dia indefinido.
 Descrição espacial: externo: natureza.
 Ação: Tentativa de eliminação de insetos do lombo do cavalo.

00975

O Ratinho, o Gato e o Galo. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 10 [87], p. [19-20], 21 maio 1932.
 Descritores: fábula; literatura infanto-juvenil.
 Seção: Pagina das Crianças.

Gênero: narrativa.
 Elementos da narrativa: elementos verbais.
 Personagens: animais: rato, gato e galo.
 Descrição temporal: Um dia indefinido.
 Descrição espacial: externo: quintal interno: buraco.
 Ação: Curioso, o ratinho sai da toca para conhecer o mundo. Na volta conta sua impressões para sua mãe, que esclarece sobre algumas observações equivocadas do ratinho, que não soube identificar corretamente os animais que representavam perigo para ele.

00976

Os Dois Pombinhos. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 10 [87], p. [20], 21 maio 1932.
 Descritores: fábula; literatura infanto-juvenil.
 Seção: Pagina das Crianças.

Gênero: narrativa.
 Elementos da narrativa: elementos verbais.
 Personagens: animais: pombinhos.
 Descrição temporal: indefinido.
 Descrição espacial: externo: natureza.
 Ação: Um dos pombinhos resolve viver aventuras, conhecer o mundo, ignorando as advertências do companheiro. Acaba retornando machucado, depois de muitas desventuras.

00977

RAIMUNDO, Jacques [Contos de Mai-Gansa. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 12 [89], p. [36], 18 jun. 1932.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: humanos: adultos e crianças.

Descrição temporal: Tempo distante; época em que o narrador era menino.

Descrição espacial: interno: casa.

Ação: contação de histórias.

00978

Chuca e o Homem da Areia. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 16 [93], p. [41], 13 ago. 1932.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Secao: Para as Crianças.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: adulto, criança animais: passarinhos.

Descrição temporal: Um dia indefinido.

Descrição espacial: externo: beira do mar, ruas da cidade.

Ação: O homem de areia sai pela cidade jogando areia nos olhos de todos.

Chuca resolve se proteger da areia e coloca o óculos de "chauffeur" do pai.

00979

VERISSIMO, Erico. O Burrico, o Palhaco e Outros Bichos. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 17 [94], p. [9], 27 ago. 1932.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil.

Secao: Pagina de Rosto.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: humanos: adultos e crianças animal: burrico.

Descrição temporal: dia e noite.

Descrição espacial: externo: urbano: ruas da cidade interno: circo.

Ação: O circo chega à cidade atraindo a atenção da multidão, desfilando pelas ruas, divulgando o espetáculo; à noite ocorre a apresentação do espetáculo circense.

00980

Jogo do Dragao do Ano Novo. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 18 [95], p. [20], 10 set. 1932.

Descritores: descrição; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Secao: Para as Crianças.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: adulto e crianças.

Descrição temporal: indefinido.

Descrição espacial: externo: cidade, rua.

Ação: O narrador descreve o jogo do dragão e convida o leitor a jogar.

00981

Flecha Direita. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 20 [97], p. [16], 8 out. 1932. Ilustrado por CYRUS.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Secao: Para as Criancas.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: adulto e crianças.

Descrição temporal: dia.

Descrição espacial: Externo: natureza, neve.

Ação: O chefe da tribo e caçador lança como desafio para seus três filhos, que tentem fazer uma estrada. O único que consegue realizar o desejo do pai é o mais novo, que passa a se chamar Flecha Direita.

00982

Era uma Vez um Gnomo. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 25 [102], p. [36-37], 24 dez. 1932.

Descritores: conto; ilustracao; literatura infanto-juvenil.

Secao: Para os Pequenos.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: adultos seres fantásticos: gnomo e animais:gato, pato e cachorro.

Descrição temporal: dia.

Descrição espacial: interno: casa externo: natureza- bosque.

Ação: O gnomo Pirulito sai a procura da coragem que perdeu e acaba encontrando-a com a indicação de um mendigo.

00983

A Pedra. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 25 [102], p. [38-40], 24 dez. 1932.

Descritores: conto; ilustracao; literatura infanto-juvenil.

Secao: Para os Pequenos.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: adultos e jovens.

Descrição temporal: Época em que os turcos governavam uma cidade da Ásia Menor.

Descrição espacial: externo: estrada

Ação: A história se passa na Ásia Menor. Rapaz grego é vítima de roubo, agressão e preconceito por parte de rapazes turcos; acaba se revoltando com quem não lhe deu a devida proteção, aflorando então, um sentimento de vingança.

00984

O Pato e o Canguru. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 25 [102], p. [41], 24 dez. 1932.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil.

Secao: Para os Pequenos.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: animais: pa e canguru.

Descrição temporal: Um dia indefinido.

Descrição espacial: externo: natureza.

Ação: O pato pede para viajar de carona com o canguru. No início o canguru reluta, mas o pato acaba convencendo-o, e os dois partem para a viagem.

00985

O Corvo. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 25 [102], p. [42-43], 24 dez. 1932.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Secao: Para os Pequenos.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: adultos: casal de idosos e o filho animais: gato, cachorro, corvo.

Descrição temporal: indefinido.

Descrição espacial: interno: casa externo: natureza- monte próximo ao mar.

Ação: O casal de idosos passa necessidades, enquanto aguarda ansiosamente o retorno do filho. Ao ajudar um corvo, começa a aparecer carne na sopa, sem que os donos da casa consigam identificar da onde vem. O velho começa a suspeitar que o corvo seja o responsável, mas nada é confirmado. O filho retorna trazendo dinheiro.

00986

Era uma Vez um Porco. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 4, n. 25 [102], p. [44], 24 dez. 1932.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil.

Secao: Para os Pequenos.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: animais: porco, cavalo, gado, vaca, burro.

Descrição temporal: indefinido.

Descrição espacial: externo: natureza- fazenda; céu;

Ação: O porco, vivo ou morto, passa o tempo todo em busca de comida.

00987

A Princesa e o Rei Barbabranca. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 2, n. 14 [38], p. [40], 26 jul. 1930.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil.

Gênero: A princesa e o rei Barbabranca.
 Elementos da narrativa: elementos verbais.
 Personagens: Humanos: jovens e adultos.
 Descrição temporal: Tempo antigo, distante; época de reis e princesas.
 Descrição espacial: Espaço: externo - bosque; interno - palácio;
 Ação: A princesa renega seus pretendentes; Acaba obrigada a casar com um mendigo. No fiml descobre que o mendigo era o rei Barbabranca disfarçado.

00988

KIPLING, Rudyard [Inglaterra, 1865-1936]. O Gato que Andava Sozinho. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 5, n. 6 [108], p. [46], 5 abr. 1933.

Descritores: conto; conto: Início; literatura infanto-juvenil; literatura inglesa; ilustracao.

Obras e autores citados:

Historia de Animais

Gênero: narrativa

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração

Personagens: animais: gato, cão, cavalo, vaca. humanos: adultos

Descrição temporal: Tempo em que o homem e os animais eram selvagens.

Descrição espacial: externo: natureza: floresta interno: caverna

Ação: História escrita em capítulos. Os animais e o homem começam a deixar de ser selvagens; A mulher, arditosamente, começa a conquistar e a domesticar um por um, começando pelo cão.

00989

KIPLING, Rudyard [Inglaterra, 1865-1936]. O Gato que Andava Sozinho. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 5, n. 7 [109], p. [44], 19 abr. 1933.

Descritores: conto; conto: Continuacao; literatura infanto-juvenil; literatura inglesa; ilustracao.

Obras e autores citados:

Historia de animais

Gênero: narrativa

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração

Personagens: animais: gato, cão, cavalo, vaca humanos: adultos.

Descrição espacial: externo:natureza: floresta interno: caverna

Ação: A conquista e domesticação dos animais selvagens continua; neste capítulo é a vez do cavalo.

00990

KIPLING, Rudyard [Inglaterra, 1865-1936]. O Gato que Andava Sozinho. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 5, n. 8 [110], p. [43-44], 3 maio 1933.

Descritores: conto; narrativa: continuacao; literatura infanto-juvenil; literatura inglesa.

Secao: O Mundo das Crianças.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: animais:gato, cão, cavalo, vaca, morcego. humanos: adultos e criança (nenê).

Descrição espacial: externo: natureza: floresta interno: caverna.

Ação: A conquista e domesticação dos animais continua sob a observação do gato selvagem. Neste capítulo quem é domesticado é a vaca. O gato tenta um acordo com a mulher, pois quer entrar na caverna, se aquecer no fogo e poder se alimentar, mas não quer se deixar domesticar pelos humanos.

00991

KIPLING, Rudyard [Inglaterra, 1865-1936]. O Gato que Andava Sozinho. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 5, n. 9 [111], p. [42], 17 maio 1933.

Descritores: conto; conto: Final; literatura infanto-juvenil; ilustracao; literaturainglesa.

Secao: O Mundo das Crianças.

Obras e autores citados:

Historia de animais

Gênero: narrativa

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração

Personagens: animais: cão, gato e humanos: adultos e criança

Descrição espacial: externo: natureza: floresta interno: caverna

Ação: O gato, através do manejo com o nenê da mulher, acaba conquistando seu espaço na caverna..

00992

KIPLING, Rudyard [Inglaterra, 1865-1936]. O Gato que Andava Sozinho. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 5, n. 10 [112], p. [46], 31 maio 1933.

Descritores: narrativa: Continuacao; literatura infanto-juvenil; literatura inglesa.

Secao: O Mundo das Crianças.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: animais: gato, cão. humanos: adulto e criança.

Descrição temporal: Tempo em que os animais eram selvagens e começaram a ser domesticados.

Descrição espacial: externo: natureza: floresta interno: caverna.

Ação: O gato conquista seu espaço na caverna pois a mulher, sem querer, acaba tendo que cumprir o trato feito com o gato. O homem, porém, que não participou da combinação, não aceita a presença do gato na caverna e impõe outras condições para que o mesmo mantenha os privilégios conquistados. O gato, o cão e o homem, acabam chegando num acordo.

00993

As Aventuras de Dick e de Seu Gato. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 6, n. 24 [151], p. 41-47, 22 dez. 1934.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: adultos e jovem; animais: gato e ratos.

Descrição temporal: Tempo indefinido.

Descrição espacial: Externo: urbano: ruas da cidade interno: casa.

Ação: O menino Dick, órfão e pobre, vai de carona para Londres. Lá passa necessidades, arranja emprego temporário. Acaba morando e trabalhando na

casa de um comerciante. Em troca de um níquel, ganha um gato para se livrar dos ratos que entram em seu quarto. O gato acaba sendo vendido e o dinheiro ajuda Dick a se estabelecer na vida.

00994

O Acampamento de Tônico. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 6, n. 24 [151], p. 48-49, 22 dez. 1934.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: adultos e crianças animais: cabrita, ouriço.

Descrição temporal: Um dia depois da páscoa.

Descrição espacial: externo: natureza: campo.

Ação: As crianças resolvem brincar de acampamento. Com o consentimento da mãe e uma barraca velha foram para o campo. Lá encontraram uma cabrita e um ouriço. A chuva atrapalhou a brincadeira. Voltaram molhados para casa.

00995

Aventuras de Dois Coelhinhos. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 6, n. 24 [151], p. 50-51, 22 dez. 1934.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: animais: coelhos seres fantásticos: gnomos.

Descrição temporal: A história se passa num dia indefinido.

Descrição espacial: externo: feira interno: casa.

Ação: Dois coelhinhos desobedecem a mãe, faltam à aula e vão à Feira andar no carrossel, só que não conseguem desligar a máquina, ficando tontos e tendo que ser levados pra casa pelos gnomos que trabalhavam na Feira. Ao chegar em casa são castigados pelo pai pela desobediência. À noite, quando a família vai à Feira, eles ficam em casa.

00996

O Genio da Maldade. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 6, n. 24 [151], p. 52-53, 22 dez. 1934.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: crianças seres míticos: duende.

Descrição temporal: Um dia indefinido.

Descrição espacial: externo: natureza, mato.

Ação: Dois irmãos estão conversando e um deles bravo, conclui: "Tenho certeza de que as fadas nunca existiram." Um duende desafia as duas crianças a alcançá-lo e lhes dá uma lição dizendo: "A gente não deve fazer troça daquilo que não entende."

00997

O Lobo Mau. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 6, n. 24 [151], p. 54-55, 22 dez. 1934.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: adultos e criança animais: leitõezinhos e lobo.

Descrição temporal: Tempo distante do cotidiano do leitor.

Descrição espacial: externo: natureza - floresta interno: casa da vovó.

Ação: O lobo engana a vovó e a Chapeuzinho; o leitãozinho ajuizado põe o lobo a correr.

00998

VOVO. Uma Aventura do Miguelzinho. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 7, n. 6 [157], p. 32, 23 mar. 1935.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil.

Secao: Pagina das Crianças.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais.

Personagens: humanos: crianças seres fantásticos: Peter Pan, ogro.

Descrição temporal: Uma noite indefinida.

Descrição espacial: Urbano: Cidade Fantástico: Reino do Encantamento.

Ação: Miguelzinho viaja com Peter Pan até o País das Maravilhas.

00999

HEWARD, Constance [O Bravo Tommy. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 7, n. 174 [23], p. 17,72, 25 dez. 1935.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: adultos e crianças.

Descrição temporal: Um dia de sol.

Descrição espacial: externo: uma praia na França.

Ação: As crianças estão na praia e Tommy salva a boneca de Jaquelina, sua amiga, das águas do mar, sendo tratado como herói pela dona da boneca.

01000

ANABELA. O Natal de Maria Cristina. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 7, n. 174 [23], p. 18-19,71, 25 dez. 1935.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: criança animais: coelho branco objetos que ganham vida.

Descrição temporal: Dia de Natal.

Descrição espacial: interno: casa externo: rua; estrela;

Ação: Maria Cristina enquanto espera ansiosamente a chegada de Papai Noel, tem um sonho, onde objetos inanimados adquirem vida. Quando acorda, seus presentes de natal, com os quais havia sonhado enquanto dormia, já estão em seu quarto.

01001

LEONARDI, Berta. O Príncipe Lancelot e as Fadas. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 7, n. 174 [23], p. 20,72, 25 dez. 1935.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: adultos e crianças seres fantásticos: elfos e fadas.

Descrição temporal: Tempo distante, época de reis e príncipes.

Descrição espacial: interno: castelo.

Ação: O príncipe Lancelot, para desespero de sua família, quer se transformar num elfo. Atendendo aos apelos da rainha, mãe de Lancelot, os elfos obtêm permissão da Rainha das Fadas para vir brincar com o príncipe para que ele não se sinta tão só e continue humano.

01002

O Troca-Bolas. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 8, n. 188 [14], p. 37, 8 ago. 1936.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: animais: ursinhos, abelhas.

Descrição temporal: indefinido.

Descrição espacial: externo: natureza- mato.

Ação: O ursinho Gordinho, desde que nasceu sempre fez tudo ao contrário, dormia de dia e passava as noites acordado, falava tudo de traz para diante, até que recebeu uma lição e nunca mais trocou a ordem das coisas.

01003

A Menina do Chapeuzinho Vermelho. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 8, n. 197 [23], p. 41-43, 22 dez. 1936.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: adultos e criança animal- lobo.

Descrição temporal: Tempo distante do leitor.

Descrição espacial: externo: natureza.

Ação: O lobo, usando de astúcia, ataca a vovó e a Chapeuzinho Vermelho devorando-as. O caçador salva as duas e Chapeuzinho aprende a lição : obedecer sempre a mãe.

01004

O Príncipe Encantado. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 8, n. 197 [23], p. 44-46,95, 22 dez. 1936.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: adultos- rei, cocheiro jovem: princesa, príncipe ; animal: sapo.

Descrição temporal: Tempo distante, época de reis e princesas.

Descrição espacial: externo: natureza interno: palácio.

Ação: Uma princesa recebe ajuda de uma rã, comprometendo-se a recebê-la em sua casa e conviver com ela. Após reaver, com a ajuda da rã, o objeto perdido, ignora o acordo. A rã transforma-se num lindo príncipe e casa com ela.

01005

Branca de Neve. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 8, n. 197 [23], p. 47-50,92-94, 22 dez. 1936.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: adultos: rei, rainha, anões; criança e jovem: Branca de Neve, príncipe;

Descrição temporal: Tempo distante. Época de reis e príncipes.

Descrição espacial: externo: natureza- floresta interno: palácio; casa dos anões;

Ação: Tentativa de assassinato de Branca de Neve; fuga para a floresta; encontro com os anões; a bruxa/madrasta, a envenena. É salva pelo príncipe.

01006

Joaozinho Felizardo. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 8, n. 197 [23], p. 51-54,89-91, 22 dez. 1936.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: adultos e jovem; animais: cavalo, vaca, leitão, ganso.

Descrição temporal: Tempo indefinido.

Descrição espacial: externo: estrada, campo.

Ação: Joãozinho, ao longo da viagem de volta para casa, é enganado diversas vezes por diferentes pessoas que encontra no caminho.

01007

Sem titulo. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 10 , n. 233 [14], p. 23, 30 jul. 1938.

Descritores: noticia; Livraria do Globo; Edicoes Globo; lancamento proximo de obra; Biblioteca Nanquinote; literatura infanto-juvenil.

Secao: Feira Livre.

Obras e autores citados:

VERISSIMO, Erico

Novas proezas dos tres porquinhos

A vida do elefante Basilio

Urso-com-musica-na-barriga

BARATA, Antonio
Historias de bichos

01008

Sem titulo. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 10, n. 242 [23], p. 24, 21 dez. 1938.

Descritores: noticia; Livraria do Globo; Edicoes Globo; lancamento proximo de obra; literatura infanto-juvenil.

Secao: Feira Livre.

Obras e autores citados:

MARQUES REBELO
A casa das tres rolinhas
Marafa
TABAYA, Arnaldo

01009

Sem titulo. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 7, n. 164 [13], p. 16, 6 jul. 1935.

Descritores: noticia; premio literario; Colecao Aventura; literatura infanto-juvenil; Colecao Burrinho Azul.

Secao: Feira Livre.

Obras e autores citados:

CARDOSO, Lucio
Historias da lagoa grande
MIGUEL-PEREIRA, Lucia
A fada menina
TABAYA, Arnaldo
A casa das tres rolinhas
A terra dos meninos pelados
BARATA, Antonio
Livro dos piratas
Historias de bichos

01010

A Beleza Atraves dos Tempos. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 15, n. 339 [8], p. 19, 15 maio 1943.

Descritores: noticia; publicacao de obra; literatura infanto-juvenil.

Secao: Escritores e Livros.

Obras e autores citados:

BARROS, Fernando de
A beleza atraves dos tempos

01011

Muitas Noticias de Uma so Vez. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 15, n. 346 [15], p. 16, 28 ago. 1943. Ilustrado por FAHRION, Joao.

Descritores: noticia; Livraria do globo; Edicoes Globo; lancamento de obra; literatura infanto-juvenil; texto 3.

Secao: Escritores e Livros.

Subsecao: Noticiario.

Obras e autores citados:

SPYRI, Johanna

Dora

Heidi

Eveli

Francisca

Veronica

01012

CARLOS REGIUS. Sem titulo. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 16, n. 367 [14], p. 17, 22 jul. 1944. Ilustrado por KOETZ, Edgar.

Descritores: noticia; conclusao de obra; Colecao A Biblioteca de Nanquinote; literatura infanto-juvenil; texto 9.

Secao: Escritores e Livros.

Subsecao: Noticiario.

Obras e autores citados:

BARATA, Antonio

Historia do galo-bobo

01013

BARATA, Antonio. O Rato que Queria Ir ao Rio. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 16, n. 376 [23], p. 24, 16 dez. 1944.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

01014

MIRANDA, Gilberto. Bibliotecas Infantis. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 18, n. 402 [1], p. 14, 12 jan. 1946.

Descritores: artigo; vida literaria; edicao de obra; literatura infanto-juvenil.

Secao: Escritores e Livros.

Obras e autores citados:

VERNE, Julio

01015

A Franca Contra a Ma Literatura Infantil. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 21, n. 479 [6], p. 69, 19 mar. 1949.

Descritores: noticia; vida literaria; censura; literatura infanto-juvenil; Franca.

Secao: Escritores e Livros.

Subsecao: Noticiario.

01016

Sem titulo. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 11, n. 243 [1], p. 11, 14 jan. 1939.

Descritores: noticia; lancamento de obra; literatura infanto-juvenil; Livraria do Globo; Edicoes Globo; Colecao A Biblioteca de Nanquinote.

Secao: Feira Livre.

Obras e autores citados:

VERISSIMO, Erico

A vida do elefante Basilio

Outra vez os 3 porquinhos

01017

O Circo. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 11, n. 243 [1], p. 12, 14 jan. 1939.

Descritores: artigo; lancamento de obra; literatura infanto-juvenil; premiacao literaria; concurso de literatura infantil; Ministerio da Educacao Nacional; comentario breve sobre o valor da obra.

Secao: Os Livros da Quinzena.

Obras e autores citados:

SANTA ROSA

O circo

01018

ANDERSEN, Hans Christian [Os Sapatos Vermelhos. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 31, n. 758 [26], p. 22-24, 24 dez. 1959.

Descritores: conto; conto: conto de natal; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: adultos e crianças.

Descrição temporal: Tempo distante.

Descrição espacial: externo: cidade; natureza:floresta; interno: casa, igreja.

Ação: A menina, por desobedecer, não cuidar da mãe adotiva doente. Colocar os sapatos vermelhos e ir ao baile, acaba sendo castigada.

01019

BERTASO, Jose Otavio. DINIZ NETTO, Ruy. Livro Infantil. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 32, n. 764 [6], p. 47, 19 mar. 1960.

Descritores: noticia; segunda edicao de obra; literatura infanto-juvenil; Brasiliense Ed.

Secao: Escritores e Livros.

Subsecao: Escritores, Editores e Livreiros.

Obras e autores citados:

ALMEIDA, Lucia Machado de

O misterio do polo

01020

Aventuras de Jeca, Joca e Juca. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 2 [50], p. [28], 17 jan. 1931.

Descritores: historia em quadrinhos; literatura infanto-juvenil; ilustracao.
Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: história em quadrinhos.

Personagens: humanos: adulto e crianças

Descrição temporal: Uma noite indefinida.

Descrição espacial: externo: rua da cidade interno: casa.

Ação: Jeca, Juca e Joca batem à porta de uma casa em busca de comida. Após algumas brincadeiras envolvendo a mulher que os atende e suas mágicas, os três pedem para voltar para casa.

01021

Sem titulo. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 2 [50], p. [28], 17 jan. 1931.

Descritores: historia em quadrinho; literatura infanto-juvenil; ilustracao.
Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: história em quadrinhos.

Personagens: animal: macaco.

Descrição temporal: indefinido.

Descrição espacial: indefinido.

Ação: O macaco tenta descobrir onde colocar o óculos.

01022

Sem titulo. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 4 [52], p. [21], 31 jan. 1931.

Descritores: historia em quadrinhos; literatura infanto-juvenil.
Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: história em quadrinhos.

Personagens: animais: coelhos, pintinho e leitão.

Descrição temporal: Indefinido.

Descrição espacial: rio.

Ação: Os dois coelhinhos, Osvaldo e Zeca, e o pintinho iam dar um passeio de bote no rio. Convidam o leitão gordo. Ele aceita e o bote vira com todos dentro. Quase se afogam.

01023

Aventuras do Capitao Barbicha. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 5 [53], p. [22], 7 fev. 1931.

Descritores: historia em quadrinho; literatura infanto-juvenil; ilustracao.
Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: história em quadrinhos.

Personagens: humanos: adulto e crianças.

Descrição temporal: Um dia indefinido.

Descrição espacial: externo: quintal.

Ação: Os sobrinhos do capitão tentam ajudá-lo, equivocadamente, a pegar limões para fazer doce.

01024

Luizinha, o Gato e o Tico-tico. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 3, n. 3 [51], p. [22], 24 jan. 1931.

Descritores: conto; literatura infanto-juvenil; ilustracao.

Secao: Guri! Pagina Infantil.

Gênero: narrativa.

Elementos da narrativa: elementos verbais e ilustração.

Personagens: humanos: criança animais: tico-tico, gato.

Descrição temporal: Tempo indefinido.

Descrição espacial: interno: casa, gaiola.

Ação: Passarinho preso na gaiola; o gato questiona as afirmações de Luizinha que não permite que ele devore o passarinho, mas ao mesmo tempo, tira-lhe a liberdade mantendo-o preso. A menina acaba soltando o passarinho.

ANEXO M – TEXTOS ANALISADOS

N.º 54

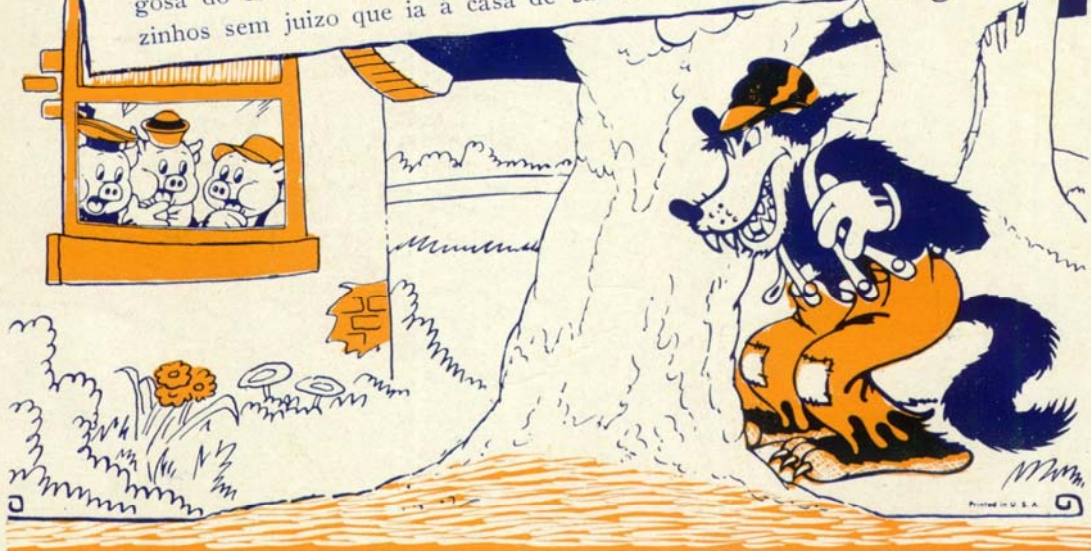
REVISTA DO GLOBO

22—12—1934

O Lobo Mau

ERA uma vez uma menina muito bonita de cabelos louros, que habitava uma pequena villa perto da floresta. Ella usava um pequeno barrete vermelho que lhe dera sua avózinha, e que a fizera conhecida como a “Pequena do Chapéozinho Vermelho”. Um dia, sua mãe a mandou levar um cesto de doces para sua avózinha que morava do outro lado da floresta e que estava muito doente.

Ella tomou o cesto e partiu, porém, ao passar pela cabana dos Tres Leitõe-zinhos se deteve um instante para brincar com os dois que só pensavam em divertimentos, enquanto que o mais velho, sempre mais ajuizado cuidava de melhorar a habitação que já uma vez resistira á offensiva perigosa do Lobo. Pequeno Chapéozinho Vermelho contou aos dois Leitõe-zinhos sem juizo que ia á casa de sua avó, e estes se offereceram para



acompanhal-a, desprezando os sabios conselhos do irmão que avisou sobre os perigos que corriam atravessando a floresta onde o Lobo estava escondido. Elles se riam do conselho e cantando, alegres, partiram em direcção á casa da Avózinha

Na floresta, os tres encontraram a Fada da Floresta, que outra não era senão o Lobo disfarçado para melhor se apoderar delles. Aconteceu que um dos seus passes de magica, o disfarce do Lobo, cahisse, o que muito espantou aos Leitõesinhos, que correram para casa, deixando abandonada a Pequena do Chapéozinho Vermelho. Ella consegue, entretanto, escapar, correndo em direcção á casa da Avózinha. Mas o Lobo, que conhecia um atalho, chega primeiro e depois de bater, imitando a menina, consegue entrar na casa da Avózinha, que ao vel-o se tranca dentro do armario. Pouco depois, chega a Pequena do Chapéozinho Vermelho, que depois de bater tambem na porta, entra com o cesto de doces e se aproxima da cama onde o Lobo estava deitado, vestido com as roupas da Avózinha.

Pequeno Chapéozinho Vermelho vendo o comprimento dos braços da sua avó, perguntou-lhe ingenuamente:

— Avózinha, porque são seus braços tão compridos?

O Lobo, adocicando a voz, responde:

— E' para te abraçar, minha netinha.

— E para que são tão grandes as suas pernas, Avózinha?

— Para melhor correr, minha netinha.

E assim, Pequeno Chapéozinho Vermelho ia perguntando sobre os olhos, as orelhas e os dentes. . . Ahi, o Lobo, que já estava esfaimado, responde:

— E' para melhor te comer, minha netinha.

Só então, Pequeno Chapéozinho Vermelho notou que em vez de sua avó, ella estava em frente do Lobo. Correu pela sala,

aos gritos, sendo perseguida pelo terrivel animal.

Entretanto, os Leitõesinhos sem juizo, tendo chegado á casa, contaram ao irmão mais velho o que lhes acontecera na floresta, e este, prevendo o perigo em que estava sua pequena vizinha, correu em seu soccorro, chegando justamente no momento em que a Avózinha, tendo aberto a porta do armario, nelle escondera tambem sua netinha, com grande raiva do Lobo que estava então quasi arrombando o armario com seus dentes afiados. O Leitão ajuizado cautelosamente se aproxima do Lobo e por dentro de suas calças colloca uma grande quantidade de milho, jogando em seguida um ferro incandescente. O Lobo fica uivando de raiva, mas nada pôde fazer, porque os grãos de milho, com o calor do ferro em braza, comecam a virar pipocas, o que faz o Lobo fugir esbaforido, enquanto Pequeno Chapéozinho Vermelho e os dois Leitõesinhos voltam a se dedicar aos folguedos, com o Leitão ajuizado, de novo entregue aos seus affazeres.



LERA uma vez uma linda e querida meninazinha, bem-quista por todos que a conheciam, mas ninguém gostava tanto dela como a sua avó, que não sabia o que dar á criança. Um certo dia ela lhe presenteou um chapeuzinho de veludo vermelho, e como êste lhe assentava muito bem e ela não queria usar outro chapéu, ficou com o nome: menina do Chapeuzinho Vermelho.

Certa vez sua mãe disse a ela:

— Aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho; leva isso para a tua avó. Ela está doente e iraca e precisa fortificar-se. Anda direitinho e não abanções o caminho, pois poderás cair e quebrar a garrafa e a tua avó então ficará sem nada. E quando entrares no seu quarto, não esqueças de dizer “Bom dia” e não olhes para todos os cantos da casa.

— Farei tudo como o disseste — disse a menina do chapeuzinho vermelho, e apertou a mão da mãe. A avó, no entanto, morava lá fóra, na floresta, a cerca de meia hora da aldeia. Quando a menina penetrou no mato escuro, ela encontrou o lobo. Ela, no entanto, não conhecia o lobo mau e por isso não teve medo diante dêle.

— Boa tarde, menina do chapeuzinho vermelho.

— Muito obrigada, lobo.

A Menina do Chapeuzinho Vermelho

— Para onde vais tão cedo?

— Visitar a vovó.

— O que levas debaixo do avental?

— Bolo e vinho; ontem fizemos bolo e por isso quero levar um pouco para minha avó, para que ela se fortifique de novo.

— Mas onde mora a tua avó?

— A quinze minutos daqui, em meio da floresta; a sua cozinha fica debaixo dos tres carvalhos, cercada com os arbustos de nogueira. Certamente deves conhecer o lugar.

O lobo pensou com os seus botões: — Esta delicada e macia mocinha é um bom bocado e que saberá melhor que a velha; precisas agir com astucia, para apanhar os dois. — Depois seguiu ao lado da menina do capuchinho encarnado e disse finalmente:

— Tu nem reparas as lindas flores que crescem aqui ao redor?

Creio mesmo que também não ouves os passarinhos que cantam tão agradavelmente? Caminhas tão preocupada como si te dirigisses para a escola e tudo está tão alegre aqui na floresta.

A menina levantou os olhos e quando ela viu como os raios solares saltitavam por entre a folhagem das árvores e tudo ao



...ela não conhecia o lobo mau.



...e como é enorme e horrível a tua bôca.

redor estava coberto de lindas flores, ela pensou consigo mesma: — Si eu levar um ramalhete de flores frescas para a vovó, ela também ficará contente; é ainda tão cêdo, que chegarei a tempo. — E nisso ela se afastou da estrada e penetrou no interior da mata, a procura de flores. E quando havia colhido uma, pensou que lá adiante devia crescer uma mais bonita ainda, e assim penetrou cada vez mais na floresta sombria. O lobo, porém, foi diretamente á casa da avó e bateu na porta.

— Quem bate?

— A menina do chapéuzinho vermelho, que veio te trazer bolo e vinho. Abre

depressa!

— A porta está aberta — respondeu a avó —; estou muito fraca e não posso me levantar.

O lobo abriu a porta e entrou sem dizer palavra. Aproximou-se, em seguida, da cama e devorou a pobre velhinha. Depois vestiu os seus vestidos, pôs a sua carapuça na cabeça, deitou-se na sua cama e fechou as cortinas do leito.

A menina do chapéuzinho vermelho, porém, saiu a procura das flores e quando ela tinha reunido tantas que não mais podia carregar, ela se lembrou da sua avó e procurou, então, a casa da velhinha. Ela se admirou muito quando encontrou a porta aberta, e entrando no quarto ela sentiu uma sensação tão estranha que pensou consigo mesma: — Oh meu Deus, quanto mêdo sinto hoje e outros dias gosto tanto de estar aqui! — Depois exclamou:

— Bom dia!

Ninguém respondeu. Ela aproximou-se então da cama e afastou as cortinas; a avó jazia ali, com a carapuça puxada sôbre o rosto e de um aspecto bastante exquisto.

— Oh, vovózinha, como são grandes as tuas orelhas?

— Para que eu te possa ouvir melhor!

— Oh, vovózinha, como são grandes os teus olhos!

— Para que eu te veja melhor!

— Oh, vovózinha, como são grandes as tuas mãos!

— Para que eu te agarre melhor!

— E como é enorme e horrível a tua bôca!

— Para que eu possa devorar-te melhor!

Mal o lobo dissera isso, saltou da cama e devorou a pobre menina do chapeuzinho vermelho.

Tendo saciado a sua fome, o lobo mau tornou a deitar-se na cama e adormeceu. Em breve começou a rosnar sonoramente e um caçador, que neste instante passava pela cozinha, pensou com os seus botões: — Veja só como esta velhinha está roncando. Vou ver si não lhe falta alguma coisa. — Entrou no quarto e quando se chegou á cama, viu o lobo ali deitado.

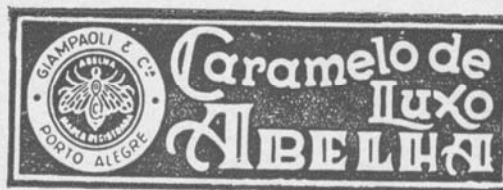
— Ah, é aqui que eu te quero, velho malandro — disse êle —; já ha muito que estou a tua procura.

Quando quis preparar a sua espingarda, se lembrou que o lobo podia ter devorado a avó e por isso não atirou, mas apanhou uma tesoura e começou a abrir o ventre do lobo que dormia. Logo nos primeiros cortes com a tesoura êle viu aparecer o chapeuzinho vermelho e depois de mais alguns cortes a menina saltou para fóra e exclamou:

— Oh, como estava escuro no ventre do lobo!

E depois a velhinha tambem saiu ainda com vida. A menina do chapeuzinho vermelho buscou algumas pedras, com as quais recheou o ventre do lobo e quando êste acordou e queria fugir, as pedras pesavam tanto que êle caiu imediatamente no chão e morreu.

Todos os tres ficaram muito contentes. O caçador tirou o couro da fera e se despediu, a vovó comeu o bolo e bebeu o vinho que a menina



Analisado e aprovado pela

Diretoria da Higiene do Estado

sch n. 2. P. 370

lhe trouxera e se restabeleceu novamente. Mas a menina do chapeuzinho vermelho pensou: — Nunca mais na minha vida eu abandonarei o caminho, quando a mamãe me proibir.



...êle caiu imediatamente no chão e morreu.

AVENTURAS DE DOIS COELHINHOS

MAMÃE, a senhora deixa a gente ir à Feira hoje — perguntaram Orelha Grande e Bigodinho, dois coelhinhos que tinham deixado a mesa para ir olhar as caravanas que passavam.

— Está claro que não deixo! — respondeu D. Coelha. — É hora de vocês se prontarem para a escola. Vamos, depressa!

— Sentem os dois e acabem de almoçar — disse o Velho Coelho.

A sineta da escola começou a tocar. Orelha Grande e Bigodinho ainda não estavam prontos para sair.

— Agora não adianta a gente ir, já é tarde — choramingou Orelha Grande para Bigodinho quando já estavam se aproximando da escola. — Tu sabes que a professora disse para o Esquilo que era melhor ele não entrar na escola, quando chegava tarde. E si nós fôssemos espiar a Feira, hein? Voltamos na hora do recreio. Entramos na aula sem interromper os outros.

— É mesmo — respondeu Bigodinho. — Vamos fazer isso.

Voltaram para as bandas da Feira. Havia muita gente trabalhando, enterrando palanques, pregando tábuas, levantando cartazes, arrumando tendas com doces, bebidas, frutas.

O mais engraçado de tudo que os coelhinhos estavam vendo, eram dois gnomos que estavam armando o seu carroussel.

Bigodinho e Orelha Grande olhavam, muito encantados.

— Estás vendo aquela maquinazinha ali no meio? — perguntou Orelha Grande.

— Estou — respondeu Bigodinho.

— Bom, quando terminarem aquilo, o carroussel começa a andar a roda.

— Que bom! — suspirou Bigodinho. — Eu tenho tanta vontade de andar de carroussel!

Ouviu-se um assobio e os gnomos pararam de trabalhar e foram almoçar. Reuniram-se todos à sombra duma árvore, a alguma distância do carroussel.

— Depressa! — cochichou Orelha Grande. — Entra no carrinho que eu vou fazer a máquina trabalhar. Eu sei como é. Depois salto também para cima.

Bigodinho sacudiu a cabeça, muito contente. Entrou num dos carrinhos, o mais bonito de todos, enquanto Orelha Grande mexia nas máquinas, movendo alavancas e torcendo chaves. O motor deu um ronco e começou a trabalhar. Orelha Grande saltou ligeiro para a plataforma e entrou também no carrinho. No princípio o carroussel andava muito de vagar, mas aos pouquinhos começou a andar ligeiro, ligeiro, até que sua velocidade era enorme.

— Que lindo! — gritou Bigodinho.

E o carroussel ia cada vez mais ligeiro.

— Oh! Para agora. Eu quero sair! — berrou Bigodinho. A velocidade era tremenda. Parecia que eles estavam montados numa bala de canhão.

— Não sei parar! — gritou Orelha Grande.

O pessoal da feira tinha visto a travessura e estava sacudindo os braços e gritando. Mas ninguém sabia como fazer parar o motor.

O tempo passou e ainda Orelha Grande e Bigodinho, com os olhos fechados, respirando com dificuldade, rodopiavam, rodopiavam. Depois, de repente, com um guincho, a máquina parou, o carroussel foi diminuindo a velocidade e um mundo de gnomos se aproximou dos coelhinhos e os tirou do carro. Os coitadinhos caíram sobre a relva, tontos.

— Onde é que vocês moram? — perguntou um gnomo, que era da polícia.

Os coelhinhos disseram. Os gnomos se reuniram num grupo e levaram os coelhinhos travessos para casa. D. Coelha botou os filhos na cama e o Velho Coelho, quando ficou sabendo da aventura dos rapazes, subiu a escada com o chicote na mão.

Naquela noite, quando Papai, Mamãe e os irmãozinhos menores foram à Feira, Orelha Grande e Bigodinho ficaram fechados em casa.

Hoje eles nem querem olhar para o carroussel.



sa bonita de que se falava em Ratopolis.

Admirou a luz do sol, verdor das arvores, a correnteza dos ribeirões e a habitação dos homens. E acabou penetrando no quintal duma casa de roça.

— Sim senhor! E' interessante isto!

Examinou tudo, minuciosamente, farejou a tulha de milho, o cocho da estrebaria, pasmando em face de um cavallo que lá viu. Em seguida, no terreiro notou um lindo animal de pêlo macio que dormia sosegado ao sol. Approximou-se d'elle e fariscou-o sem receio nenhum.

Nisto appareceu um gallo, que bate as azas e canta.

Nosso ratinho por um triz não morreu de susto. Arrepia-se todo e dispara como um raio para a tóca. Lá acalma-se, bebe um gole d'agua e põe-se a contar á mamãe as aventuras do passeio.

— Observei muita coisa interessante, mas nada me impressionou tanto como dois animaes que vi no terreiro. Um, de pêlo macio e ar bondoso, seduziu-me logo. Vi que era um desses bons amigos da nossa familia e lamentei que estivesse a dormir, impedindo-me assim de cumprimental-o.

O outro... ai! inda me bate o coração! O outro era um bicho feroz, de pennas amarellas, bico pontudo, crista vermelha e aspecto ameaçador.



Aley, filho de Olmiro Bernardes.

Bateu as asas, barulhentemente, abriu o bico e soltou um "co-ri-có-có" tamanho que quasi cahi de costas. Fugi. Fugi com quantas pernas tinha, percebendo que era elle o famoso gato que tamanha destruição faz em o nosso povo.

A mamãe-ra sorriu e disse:

— Como te enganas, meu filho! O



Carlos Henrique, filho de Paulo R. Leonardi.

bicho de pêlo macio e ar bondoso é que é o terrível gato. O outro, barulhento e espantado, de olhar feroz e crista rubra, o outro, filhinho, é o gallo, uma ave inoffensiva que nunca nos fez mal nenhum.

As apparencias enganam. Aproveita, pois, a lição e fica sabendo que — *Quem vê cara não vê coração.*

Os dois Sombinhos

Eram felizes. Queriam-se muito e contentavam-se com o que tinham. Mas um delles perdeu a cabeça e, farto de tanta paz, encasquetou a idéa de correr mundo.

— Para que? advertiu o companheiro. Não vives sosegado, aqui, neste remanso?

— Quero ver terras novas, respirar novos ares...

— Não vás! Ha mil perigos pelo caminho, incertezas, traições... Além disso, o tempo não é proprio. Epoca de temporaes, poderá um delles colher-te em viagem — e ai de ti...

De nada valeram os bons avisos. O pombinho assanhado beijou o companheiro e partiu.

Nem de proposito, uma hora depois o céu se tolda, os ventos rugem e sobre a terra desaba tremendo aguaceiro.

O imprudente viajante aguenta o temporal inteiro fóra de abrigo, repimpado numa arvore secca. Soffre horrores; mas salva-se e, vinda a bo-

nança, pôde continuar a viagem. Dirige-se a um lindo arrozal, pensando:

— Que vidão irei passar neste mimoso tapete de verdura!

Ai!... Nem bem pousou e já se sentiu preso num laço cruel.

Uma hora de desespero, a debater-se...

Foi feliz, ainda. O laço, apodrecido pelas chuvas, rompeu-se e o pombinho safou-se. E fugiu, exausto, com varias pennas de menos e uma tira de corda aos pés, a lbe embarçar o vôo.

Nisto um gavião surge, que se precipita sobre elle com a rapidez da flexa. O misero pombinho, atarantado, mal tem tempo de lançar-se ao terreiro d'um casebre de lavrador. Livra-se, dess'arte, do rapinante, mas não pôde livrar-se dum menino que, de bodoque em punho, corre para cima d'elle e o espeloteia.

Corre que corre, pereréca que pereréca, o malaventurado pombinho consegue inda uma vez escapar, occulto num tóco de páu.

E ali, curtindo as dores da asa quebrada, esperou pacientemente que o inimigo se fosse. Só então, com mil cautelas, logrou fugir e regressar para casa.

O companheiro, ao vê-o chegar assim, arrastando a asa, depenado, moído de canceira, beijou-o repetidas vezes entre lagrimas e disse:

Bem certo o dictado: *boa romaria faz quem em casa fica em paz.*



A pequena Wanice Hilgert.

PAGINA DAS CRIANÇAS

Gury...

O Tesouro

João e Pedro eram dois irmãos muito amigos. Não tinham pai nem mãe.

Eram ambos aprendizes de carpinteiro, e viviam com dificuldade, quando lhes chegou a notícia inesperada de que um velho parente, que nunca tinham visto, morrerá e lhes deixará todos os bens que possuía, numa terra lá longe.

Venderam os terrenos, guardando apenas algumas recordações, e abalaram contentes, mandando a terra onde seus avós tinham nascido e onde tinham que recolher a herança.

Chegaram a aldeia a boquinha da noite, depois de atravessarem brejos e charnecas.

Um pastorzito que encontraram prontificou-se a acompanhá-los, informando-os, pelo caminho, do viver mesquinho e sórdido do tio Camilo, que assim se chamara o falecido parente.

Palmilharam farta meia légua, subiram a colina. Lá emriba encontraram uma casa cinzescida pelo tempo, meio arruinada, no centro de vastos terrenos incultos, cobertos de bravios matos, entre pedregulhos, onde se enleavam silvedos e rastejavam cobras. Erma de pomares e vinhedos, de searas ou hortejos, naquela terra maninha, sem medrança alguma, desolada e triste, só o córrego, lá em baixo, punha uma nota viva.

Os pobres rapazes, depois de se despedirem do pastor, lançaram-se nos braços um do outro e desataram a chorar.

De que lhes servia aquele chão bravo, aquela choça a cair? A vida parecia ter-se afastado daquele êrmo; só a desolação ali morava.

— Basta, Pedro! Amanhã abalamos outra vez para a cidade . . . Tudo tem remédio, homem! — disse João, o mais velho, enxugando as lágrimas as costas da mão.

— Isto é medonho, João! Aqui só podem viver lobos e morcegos!

— Voltamos ao ofício, e acabou-se — concluiu João. No entretanto a noite caíra.

João, resoluto, pôs-se a procura de uns gravetos ou marvalhas; conseguiu acender uma fogueira na larga lareira deserta e, indo ao saco que tinham trazido, aconselhou:

— Vamos mas é comer o resto do farnel; depois, toca a dormir.

Sentados num banco tóscico, junto da lareira, os dois rapazes começaram a comer.

Neste comenos: Truz! Truz! — bateram á porta.

Uma velhinha, toda curvada, arrimada a um bordão, entrou, saudando-os:

— Boas noites, meninos!

— Boas noites, tiazinha. Quer vocemecê servir-se da nossa ceia?

— Não, filhos, obrigada. Eu vim por via de os avisar de uma coisa . . . de lhes confiar um segredo.

— Pois então, sente-se — convidou Pedro.

A velhinha não se fez rogada, sentou-se ao pé da chaminé, batendo-lhe no rosto enrugadinho, o reflexo das labaredas.

— Ora diga lá, tiazinha!

— Vocês ficaram desapontados com a herança, ora ficaram?

— Se lhe parece! Mas já resolvemos; amanhã abalamos para a cidade!

— Não abalam tal! — respondeu a velhinha em tom decidido. — Agora lhes vou revelar o segredo.

Ouçam: Nestes terrenos há um tesouro . . . Não sei o sitio onde está enterrado. O que sei de certeza, é que existe . . . Vocês começam já, filhos, a desbravar, a cavar, a lavrar a terra . . . Irão semeando e plantando o que for necessário para o seu sustento; depois, quando acharem o tesouro, serão ricos . . . Prometem fazer assim?

— Não abalam tal! — respondeu a velhinha em tom decidido. — Agora lhes vou revelar o segredo.

Ouçam: Nestes terrenos há um tesouro . . . Não sei o sitio onde está enterrado. O que sei de certeza, é que existe . . . Vocês começam já, filhos, a desbravar, a cavar, a lavrar a terra . . . Irão semeando e plantando o que for necessário para o seu sustento; depois, quando acharem o tesouro, serão ricos . . . Prometem fazer assim?

— Não abalam tal! — respondeu a velhinha em tom decidido. — Agora lhes vou revelar o segredo.

Ouçam: Nestes terrenos há um tesouro . . . Não sei o sitio onde está enterrado. O que sei de certeza, é que existe . . . Vocês começam já, filhos, a desbravar, a cavar, a lavrar a terra . . . Irão semeando e plantando o que for necessário para o seu sustento; depois, quando acharem o tesouro, serão ricos . . . Prometem fazer assim?

— Não abalam tal! — respondeu a velhinha em tom decidido. — Agora lhes vou revelar o segredo.

Ouçam: Nestes terrenos há um tesouro . . . Não sei o sitio onde está enterrado. O que sei de certeza, é que existe . . . Vocês começam já, filhos, a desbravar, a cavar, a lavrar a terra . . . Irão semeando e plantando o que for necessário para o seu sustento; depois, quando acharem o tesouro, serão ricos . . . Prometem fazer assim?

— Não abalam tal! — respondeu a velhinha em tom decidido. — Agora lhes vou revelar o segredo.

Ouçam: Nestes terrenos há um tesouro . . . Não sei o sitio onde está enterrado. O que sei de certeza, é que existe . . . Vocês começam já, filhos, a desbravar, a cavar, a lavrar a terra . . . Irão semeando e plantando o que for necessário para o seu sustento; depois, quando acharem o tesouro, serão ricos . . . Prometem fazer assim?

— Não abalam tal! — respondeu a velhinha em tom decidido. — Agora lhes vou revelar o segredo.

Ouçam: Nestes terrenos há um tesouro . . . Não sei o sitio onde está enterrado. O que sei de certeza, é que existe . . . Vocês começam já, filhos, a desbravar, a cavar, a lavrar a terra . . . Irão semeando e plantando o que for necessário para o seu sustento; depois, quando acharem o tesouro, serão ricos . . . Prometem fazer assim?

— Não abalam tal! — respondeu a velhinha em tom decidido. — Agora lhes vou revelar o segredo.

Ouçam: Nestes terrenos há um tesouro . . . Não sei o sitio onde está enterrado. O que sei de certeza, é que existe . . . Vocês começam já, filhos, a desbravar, a cavar, a lavrar a terra . . . Irão semeando e plantando o que for necessário para o seu sustento; depois, quando acharem o tesouro, serão ricos . . . Prometem fazer assim?

— Não abalam tal! — respondeu a velhinha em tom decidido. — Agora lhes vou revelar o segredo.

Ouçam: Nestes terrenos há um tesouro . . . Não sei o sitio onde está enterrado. O que sei de certeza, é que existe . . . Vocês começam já, filhos, a desbravar, a cavar, a lavrar a terra . . . Irão semeando e plantando o que for necessário para o seu sustento; depois, quando acharem o tesouro, serão ricos . . . Prometem fazer assim?

— Não abalam tal! — respondeu a velhinha em tom decidido. — Agora lhes vou revelar o segredo.

Ouçam: Nestes terrenos há um tesouro . . . Não sei o sitio onde está enterrado. O que sei de certeza, é que existe . . . Vocês começam já, filhos, a desbravar, a cavar, a lavrar a terra . . . Irão semeando e plantando o que for necessário para o seu sustento; depois, quando acharem o tesouro, serão ricos . . . Prometem fazer assim?

— Não abalam tal! — respondeu a velhinha em tom decidido. — Agora lhes vou revelar o segredo.

Ouçam: Nestes terrenos há um tesouro . . . Não sei o sitio onde está enterrado. O que sei de certeza, é que existe . . . Vocês começam já, filhos, a desbravar, a cavar, a lavrar a terra . . . Irão semeando e plantando o que for necessário para o seu sustento; depois, quando acharem o tesouro, serão ricos . . . Prometem fazer assim?

— Não abalam tal! — respondeu a velhinha em tom decidido. — Agora lhes vou revelar o segredo.

Ouçam: Nestes terrenos há um tesouro . . . Não sei o sitio onde está enterrado. O que sei de certeza, é que existe . . . Vocês começam já, filhos, a desbravar, a cavar, a lavrar a terra . . . Irão semeando e plantando o que for necessário para o seu sustento; depois, quando acharem o tesouro, serão ricos . . . Prometem fazer assim?

— Não abalam tal! — respondeu a velhinha em tom decidido. — Agora lhes vou revelar o segredo.

Ouçam: Nestes terrenos há um tesouro . . . Não sei o sitio onde está enterrado. O que sei de certeza, é que existe . . . Vocês começam já, filhos, a desbravar, a cavar, a lavrar a terra . . . Irão semeando e plantando o que for necessário para o seu sustento; depois, quando acharem o tesouro, serão ricos . . . Prometem fazer assim?

— Não abalam tal! — respondeu a velhinha em tom decidido. — Agora lhes vou revelar o segredo.

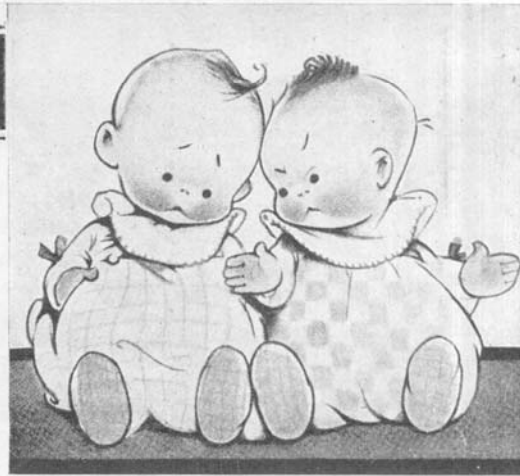
Ouçam: Nestes terrenos há um tesouro . . . Não sei o sitio onde está enterrado. O que sei de certeza, é que existe . . . Vocês começam já, filhos, a desbravar, a cavar, a lavrar a terra . . . Irão semeando e plantando o que for necessário para o seu sustento; depois, quando acharem o tesouro, serão ricos . . . Prometem fazer assim?

— Não abalam tal! — respondeu a velhinha em tom decidido. — Agora lhes vou revelar o segredo.

Ouçam: Nestes terrenos há um tesouro . . . Não sei o sitio onde está enterrado. O que sei de certeza, é que existe . . . Vocês começam já, filhos, a desbravar, a cavar, a lavrar a terra . . . Irão semeando e plantando o que for necessário para o seu sustento; depois, quando acharem o tesouro, serão ricos . . . Prometem fazer assim?

— Não abalam tal! — respondeu a velhinha em tom decidido. — Agora lhes vou revelar o segredo.

Ouçam: Nestes terrenos há um tesouro . . . Não sei o sitio onde está enterrado. O que sei de certeza, é que existe . . . Vocês começam já, filhos, a desbravar, a cavar, a lavrar a terra . . . Irão semeando e plantando o que for necessário para o seu sustento; depois, quando acharem o tesouro, serão ricos . . . Prometem fazer assim?



“Amigo velho, as mulheres são todas igunes.”

— Prometo! — disse o João, brilhando-lhe o olhar de esperança.

— Prometo! — concluiu Pedro, contente.

A velhinha levantou-se e despediu-se.

A porta do casal, os dois irmãos viram desaparecer depressa, batida por um raiozinho de luar, a velhinha misteriosa.

.....

Oito anos tinham passado depois da ida dos dois irmãos para a terra de seus avós. Que será feito deles? Terão encontrado o tesouro oculto na terra? Olhai . . . lá vai a velhinha, a velhinha curvada, arrimada ao bordão.

Dirige-se para as bandas do casal dos dois rapazes . . . Sigam-na. Mas . . . que é isto?!

E' porventura esta terra, florida de pomares verdejantes de vinhedos, coberta de searas douradas e fartas, a mesma de ha oito annos?

E aquella casinha branca, revestida de floridas trepadeiras, de cujas janelas abertas saem vozes infantis e alegres gargalhadas, é a mesma choça enegrecida e suja onde os nossos conhecidos João e Pedro tinham entrado espavoridos?

Que varinha magica produziu este milagre?

Mas . . . eis que a velhinha bate á porta como ha oito annos: Truz . . . truz!

Pedro, com um lido pequerucho ao colo, veio abrir, seguido por João, que trazia as cavallitas dois pequenos.

— Olhem . . . olhem . . . a nossa velhinha! — exclamaram satisfeitos — Entre . . . Venha conhecer as nossas mulheres e os nossos filhos . . . Mas sempre lhe queremos dizer que o tal tesouro . . . nunca appareceu!

— Cegos! — respondeu a visitante — Pois não desenterraram o tesouro, ingratos? Pois não é ouro, e ouro puro, toda esta riqueza? — falando assim, a ancia, num largo e comovido movimento, indicava a terra maravilhosa, abrindo em flor e em fruto.

— Então o tesouro?

— O tesouro, filhos, é o produto bendito do trabalho . . . A terra sáfara carecia dos seus braços moços . . . Ell-a agora re-florida e bela!



“Parem com esse namoro!”

TIA MARGARIDA

Sagina das Crianças...

O Carreiro e o Papagaio

Vinha o carreiro á frente dos bois, cantarolando pela estrada sem fim.

Mas distrae-se, e o carro atóla num caldeirão de lama.

O pobre homem aguilhóa as juntas, dá pancadas, grita e, como não consegue coisas nenhuma, põe-se a lamentar a sorte.



Cauby, filho do dr. Romeu Paiva, de Erechim.

— Desgraçado que sou. Que fazer agora, sózinho, neste deserto? Se ao menos São Benedito tivesse dó de mim e me ajudasse...

Um papagaio, escondido entre as frondes, condeou-se delle e, imitando a voz do santo, o empulhou:

— Os céos te ouviram, amigo, e Benedito em pessoa aqui está para o ajutorio implorado.



João Baptista, filho de Manoel Aguiar.

O carreiro, num assombro ante o milagre exclama:

— Obrigado, meu santo. Mas onde estás que não te vejo?

— Ao teu lado. Não me vês por que sou invisível. Mas, vamos,

faze o que eu mando. Toma da enxada e cava aqui. Agora a mesma coisa do outro lado. Isso. Agora córta uns ramos e estiva o sulco aberto. Isso. Agora tange os bois.



Romualdo Giacomo, filho de Heitor Tarascone.

O carreiro fez tudo como o papagaio mandou e com grande alegria viu desatolar-se o carro, facilmente.

— Obrigado, meu santo! exclamou elle de mãos postas. Nunca me hei

de esquecer do grande socorro que me prestaste, pois que sem elle ficaria aqui toda a vida.

O papagaio achou muita graça na ingenuidade do homem e murmurou, como despedida, um velho rifão popular:

Ajuda-te e o céo te ajudará.

O Macaco e o Gato

Simão — o macaco, e Bichano — o gato, moram juntos sob o mesmo tecto. E plntam o sete na casa. Um furta "as coisas", remexe gavetas, esconde tesourinhas, atormenta o papagaio; outro arranha os tapetes, estfiapa as almofadas e bebe o leite das crianças.

Apezar de amigos e socios, o macaco sabe agir com tal maromba que é elle quem leva a melhor em todas as peraltagens.



Namyr José, filho de Dyonisio D. Bortoli

Foi assim no caso das castanhas.

A cozinheira puzera a assar, sobre brazia, uma duzia de castanhas e sahira rumo da horta a colher temperos. Os dois malandros, vendo a cozinha vazia, aproximaram-se de manso, com piscadelas de intelligencia. Disse o macaco:

— Amigo Bichano, tens uma pata

geitosa, optima para tirar castanhas do fogo. Vamos! Toca a manejar-a!

O gato não se faz insistir e com arte sabia começa a tapear as castanhas, chamando-as para fóra das cinzas.



Carmen acha que a cousa melhor da vida é um bico assucarado. (Carmen, filha de Cesar Ribas).

— Prompto, uma!...

Agora aquella de lá... Isso! Agora aquella gorducha... Isso! E mais a da esquerda, que estalou...

O gato as tirava, mas quem as comia, gulosamente, piscando o olho, era o macaco...

De repente, eis que surge a cozinheira, furiosa, de vara na mão, ameaçadora:

— Espera ahí, diabada!...

Os dois gatunos esvaem-se, aos pignotes, até alcançar couto seguro no telhado.

O macaco diz enção, esfregando as munhecas:

— Bó a peça, hein?

Bichano suspira:

— Para tí, que comeste as castanhas. Para mim, pessima, pois arrisquei o pêlo, incidi na vingança da criada, que, mais dia menos dia me descadeira a páu e estou em jejum, sem saber que gosto tem uma castanhazinha assada...

Simão cavorteiamente o consolou:

— Não te amofines, porque a vida é assim mesmo.

O bom bocado não é para quem o faz; e sim para quem o come



Altair, com a phantasia que vestiu no ultimo carnaval. Porque essa tristeza? Saudade dalgum pierrot? (Filha de Olivio Silva).

A Mosca e a Formiguinha

— Sou fidalga! dizia a mosca á formiguinha presurosa, que passava carregando uma folha de roseira. Não trabalho, pouso em todas as mesas, lambisco dos mais finos manjares, passeio sobre o collo das donzellas — e rei



Evly, filha do dr. Wilson Teixeira Netto.

appareça que lhe sento no nariz! Que vidão regalado, o meu!...

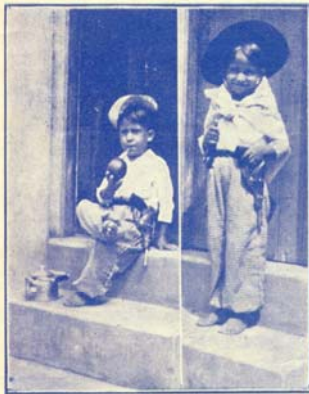
A formiguinha arriou a carga, enxugou a testa e respondeu:

— Apezar de tudo, não te invejo a sorte... E's mal vista. Ninguém te estima. Todos te enxotam com asco. Além do mais, teu berço é degradante: nasceste nas estrebarias...

— Ora, ora!... Viva eu regalada e ria-se a gente...

— Sobre immunda és cynica... O viver que levas não passa do viver indedoroso dos parasitas — e parasita é synonymo de ladrão.

Que diferença entre nós! Todos me respeitam e me admiram a operosidade. Sou rica pelo meu trabalho, e tenho casa propria onde nada me falta ainda no rigor do inverno. Tu... Basta que fechem o palácio que invades, ou que te vedem o accesso á mesa alheia para que fiques sem abrigo e sem alimento. Não tróco, pois, a minha vida de trabalhos incessantes, mas



Doas poses do interessante filhinho do Tte. Osorio Tuitty de Oliveira Freitas.

honesto, pela tua miséria doirada de filante.

A mosca riu-se daquellas palavras sensatas e armou vôo, retrucando com ironia:

— Quem desdenha quer comprar...

Dias depois a formiguinha encontrou a mosca a debater-se numa vidraça.

— Então, fidalga, que é lá isso?

A mosca, afflicta, respondeu:

— Os donos da casa partiram de viagem e deixaram-me trancada aqui. Estou faminta e exhausta já de tanto me debater...



Luzardinho, filho do snr. Antonio Luz.

A formiga repetiu as empafias da mosca em tom de falsete:

—... "passeio sobre o collo das don-



Sergio, quantas Colombinas você conquistou no ultimo Carnaval? (Sergio, filho de Nilo da Silva Rocha).

zellas, e rei appareça que lhe pouso no nariz! Que vidão regalado, o meu!..."

E seguiu seu caminho, apressadissima como sempre.

Quem quer colher planta. E quem do alheio colhe, um dia se engasga.

Qualidade e Quantidade

Metteu-se um mono a falar numa roda de sabios e taes asneiras disse que foi corrido a ponta-pés.

— Que? exclamou elle. Enxotam-me daqui! Negam-me talento? Pois hei de provar que sou um grande figurão e vocês, uns tolos.

Enterrou o chapu na cabeça e dirigiu-se á praça publica, onde se apinhava copiosa multidão.

Lá chegando, pediu uma pipa, trepou em cima e poz-se a declamar. Disse asneiras como nunca, tolices de duas arrobas, parvoçadas de dar com pau. Mas como gesticulava e berrava furiosamente, o povo em delirio o applaudiu com palmas e vivorio, acabando por carregar-o em triumpho.

— Viram? resmungou elle ao passar ao pé dos sabios. Reconheceram a minha força? Respondam-me agora do que vale a opinião de vocês deante desta victoria popular?

Um dos sabios retrucou serenamente:

— A opinião da qualidade despreza a opinião da quantidade.



Oddi Therezinha, a holandezita graciosa do Carnaval de Cachoeira. (Filha de Abdolmiro Franco).

Página das Crianças

A O S M E U S N E T O S

Vovô, o amigo das crianças, é quem vos escreve alguns contos, que no meu tempo de criança ouvi da boca de meu pai que, por sua vez, os ouviu do seu.

O fim d'esta Secção é dar ás crianças alguns minutos de alegria quando papai e mamãe comprarem a Revista do Globo.

Vovô espera portanto de seus netinhos que obedecam sempre a mamãe si quiserem que ela vos compre a Revista do Globo.

Vovô também espera de vocês alguns retratinhos para guardar no seu baú das reliquias, naturalmente depois de publica-los na Revista do Globo.

E estudem bastante si quiserem papai vos contemple no fim do ano com uma assinatura da Revista do Globo.

Uma aventura do Miguelzinho

A noite ia alta e a neve começava a cair em flocos de algodão naquela pacata cidadezinha da fronteira, quando acordou Miguelzinho.

Ao longe, a Catedral, em suas badaladas sonoras, fazia ecoar meia noite no gemer plangente de seus sinos de bronze.

Sentado na beirada da cama, Miguelito pensava...

De repente ouviu umas batidas nos vidros da janela, enquanto que um vulto negro se desenhava contra a claridade do lampeão fronteiro.

Pulando da cama o garoto com a desenvoltura das crianças se aproximou da janela.

Adivinhem o que ele viu. Apos-to que não adivinharam...

Também não era para menos, pois ver o Peter Pan é uma cousa fóra do comum mesmo. Mal o viu, Peter Pan saltou para dentro do quarto, e tomando-lhe a mão convidou-o a passar com ele uma noite no país das Ilusões, bateu palmas a esta notícia sempre bem acolhida pelas crianças, de dar um passeio com o célebre Peter Pan.

Por isso Miguelzinho aspirou com delícia o pozinho das fadas que o lendario garoto lhe oferecia. Imediatamente sentiu-se com a facilidade de poder voar com a velocidade do pensamento. E os dois naquele andar depressa alcançaram o País das Maravilhas no reino magico do Encantamento.

Como Peter Pan já era conhecido Miguelzinho não encontrou dificuldades em entrar.

Lá dentro sim o espetáculo era outro: Palacios em profusão, doces postos em mesas nas ruas e ainda intactos, faziam Miguelzinho pensar que de fato seria muito bom viver sempre ali e, o que é mais importante, quasi esquecia os seus paizinhos. Peter Pan, como tinha mais a fazer, deixou Miguelzinho sozinho, não sem ter dado a Miguelzinho uma pitada do seu pozinho.

Miguelzinho continuava a viagem... Quantas maravilhas se lhe apresentavam á vista a cada passo! De repente viu que uma casa das maiores estava apenas com a porta encostada e Miguelzinho, armando-se de coragem, empurrou-a. Um horrendo ogro que estava ali dentro sahiu lesto em sua perseguição. Miguelzinho só teve tempo de aspirar uma pitada do pó magico e viu-se imediatamente sentado na cama, enquanto o dia nascia lá no horizonte.

Ninguém soube da viagem de Miguelzinho. Apenas eu que, como vovô, sou o conselheiro de todas as crianças.

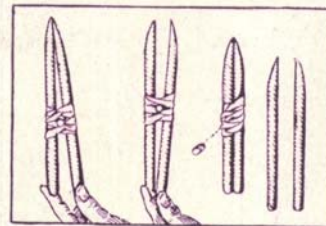
Dias depois, Miguelzinho recebeu uma nova visita de Peter Pan. Mas não pensem que Miguelzinho é um ingrato. Ele deu a Peter Pan um presente formidável. Um número da Revista do Globo.

Pinça de Madeira com usos diversos

Vocês podem empregar o tempo em fazer uma pinça de madeira com duas pequenas varetas, dois pedaços de caneta por exemplo, e um cordão de borracha.

As pinças naturalmente terão de ter o mesmo comprimento; na extremidade serão afiladas para melhor prender o objeto a tirar.

Prendam uma a outra enrolando-as com muitas voltas com a borracha a qualquer distância do cen-



tro. Ponham agora um pedacinho de madeira da mesma grossura que as baquetas mais longo de um centimetro apenas e introduzam-no entre as duas pinças, nas suas bocas formadas pela borracha.

Comprimindo-se as pinças com os dedos, como se vê na gravura, aquele pedaço de madeira que se acha introduzido na borracha saltará como um projétil e isto fará as delicias de vocês e de seus amiguinhos e também do vovô, si alguns dos meus netinhos tiver a gentileza de enviar-me uma.

CHARADA

Consente, afirma, aprova, quem me exprime — 1

*De longe contemplado,
Ora ao nauta pareço alta montanha,
Ora candida ilha flutuante — 2
Sou simples, sou sincero,
Sou despido de inuteis, vãos enfeites.*

(extr.)

Vamos ver quem manda a resposta certa pr'o vovô. Olhem que vamos fazer concurso e ao vencedor será ofertado um livro de histórias maravilhosas, cheio de belissimas gravuras.

Endereçar a resposta a Vovô, Revista do Globo. — Porto Alegre.

O NATAL DE MARIA CRISTINA

Conto de ANABELA

Maria Cristina queria por força arrancar as folhinhas do calendario de duas em duas para apressar a chegada do dia de Natal.

A mãe não deixou. Chegou o dia 24 de Dezembro. Fazia muito calor. Ela pensou no sobretudão de peles de papai Noel e teve pena do velho. Também êle vinha da Europa, onde havia neve e risos gelados... E de onde era que o pobrezinho tirava tanto dinheiro para comprar brinquedos? Comprar? Oh bobinha, mas tu não sabes que Papai Noel tem uma fábrica de brinquedos?

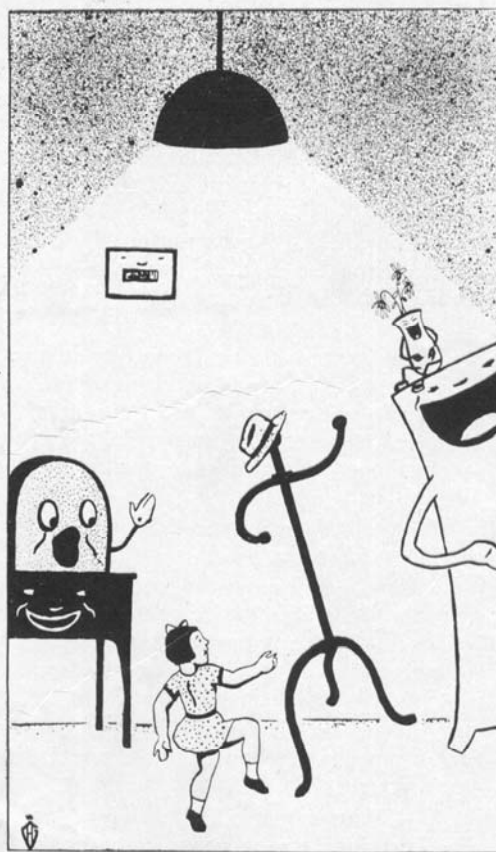
Maria Cristina passou o dia inquieta. Andava na ponta dos pés. Olhava para os pais com olhos interrogadores. Espiava nos cantos. Ia a cada passo á janela. Mexia nas gavetas.

Quando sentava na sua cadeira verde era para ficar calada, distraída, a imaginar cousas e cousas. Quê iria ganhar? O seu bilhete dizia claramente: **"Papai Noel: Quero uma boneca que fale, um coelho amarelo e um bolo bem gostoso. Maria Cristina"**. Que pena! Si ela tivesse escrito palavras de carinho para o velho seria melhor. Si fizesse elogios, dissesse que êle era muito bonitinho, que tinha barbas que parecem de prata, rosto corado... Mas qual! Fôra uma brutinha simplesmente. Escrevera um bilhete sêco: Quero isto e aquilo. Pronto. Maria Cristina.

E as horas passavam. Papai voltou do trabalho ás sete. Jantaram ás sete e meia. Cristina comeu em silêncio. Não disse uma palavra. Quando o jantar terminou ela fôi até a janela. A noite estava linda. O céu parecia uma árvore de Natal. E por falar em árvore de Natal, foi uma pena mesmo o papai não ter querido armar uma êste ano na saleta. Disse que não valia a pena. A crise estava tremenda. Os enfeites muito caros. E além d'isso Maria Cristina estava ficando mocinha. Mocinha? Ai-ai! Sete

anos... Sim, quando a gente quer árvore de Natal, quer picolé, quer andar na roda gigante do Parque, eles dizem: "Já estás ficando mocinha. Mas quando ela pede para ir ao cinema ou para ir sózinha até a praça de esportes, Papai e Mamãe dizem: "E's muito criança, minha filha."

Maria Cristina continua a olhar o céu. No céu o brinquedo maior, mais bonito e mais caro é a lua. Deus não gasta nada com os seus brinquedos. Até a luz que faz



... começou a cantar.



...corre a abraça-los.

brilharem a lua e as estrélas deve ser de graça. Deus decerto é muito rico...

Maria Cristina olha para as janelas iluminadas das outras casas. Ouve risos de crianças. Que bom si ela tivesse irmãzinhas com quem brincar... Mas não tem. As cegonhas são muito bobas. Enganam-se sempre quando trazem as crianças. Botam bebês demais numas chaminés. Botam de menos em outras.

Por um momento Maria Cristina odeia as cegonhas. Mas o odio não dura. Porque o relógio bate. Ela fica encolhida, comovida, tremendo de medo ou de alegria? Ban! Ban! Ban! Oito badaladas. Depois serão nove horas. Mais tarde — dez. A meia-noite vem Papai Noel. Como vai custar a passar esta noite! No dia seguinte os

brinquedos estarão em cima da cama. Mas... si Papá Noel esquecer?

O tempo foge e Maria Cristina continua a pensar. E tudo começa a ficar muito exquisito, muito diferente e muito apagado. As vozes de papai e mamãe que conversam na varanda parecem abafadas, como si os dois, miudinhos como o Pequeno Polegar, estivessem falando de dentro de um abafador de chá.

Maria Cristina ouve uma voz perto d'ela. Olha e vê que é o cabide que está dansando e falando na frente d'ela.

— Maria Cristina, vamos dansar!

E estende os braços para ela.

— Mas e a música, seu Cabide? — pergunta a menina.

Então o radio faz um cumprimento muito gentil e começa a cantar uma música puladinha. O Cabide segura na cintura de Maria Cristina e os dois se põem a dansar. Dansam até cansar. O armario, o vaso chinês e a mesa seguram a barriga e riem, riem, riem.

Entra de repente um coelhinho branco pela porta da rua.

— O meu coelhinho branco! — grita Maria Cristina. — Era assim mesmo que eu queria!

E mal ela termina de dizer isto, aparece a Bonequinha Que-Fala.

— Minha querida! — grita ainda mais forte Maria Cristina.

Sai a abraçar os recém-chegados.

— Nós viemos te convidar para um passeio! — diz a Boneca.

— Papai e Mamãe não deixam, — responde a menina.

— Oh! — exclama o coelho — Eles estão presos dentro do abafador de chá.

Então Maria Cristina diz que vai ao quarto buscar o chapéu.

— Não precisa, bobinha, — diz a Boneca — Bota o armario na cabeça.

Maria Cristina ficou de bôca aberta, muito admirada. Botar o armario na cabeça? A bonequinha estava louca?

Mas de repente o armario se transforma num lindo chapéu azul e Maria Cristina bota o armario na cabeça e sai com os amigos. Vão-se os tres de braço dado.

— Aonde vamos?

— Vamos comer aquela casa, — diz o Coelho.

Vão. E' uma casa feita de torta. As

Continua na pag. 71

O NATAL DE MARIA CRISTINA

Continuação

portas são de chocolate. O telhado, de gelatina. As paredes, de nata batida. O soa-lho, de sorvete.

Os tres amigos comem, comem e mais comem. Não sobra nada da casa.

Muito contentes, os tres continuam a caminhar.

— Vamos visitar aquela estrêla, — diz a Bonequinha olhando para o céu.

— Psst! — grita o Coelho, chamando um automovel que passa.

O automovel para. Eles entram.

— Seu **chauffeur**, mande êste seu cahambeque virar avião.

O **chauffeur**, que é um boi, faz o seu auto virar avião.

Saem voando. Chegam á casa da estrêla. Batem na porta. Vem um guri atender. E' o filho da estrêla. Vê os tres e pensa que êles vêm cobrar. Diz:

— A mamãe mandou dizer que não está em casa.

Os tres amigos desatam a rir. Eles estão vendo o brilho da estrêla. Entram assim mesmo. A estrêla fica muito contente quando os vê e lhes serve uma linda ceia de Natal. O Coelho está insuportavel porque diz que quer comer a lua. E grita:

— Eu quero comer a lua! Eu quero! Eu quero!

A Bonequinha está escandalizadíssima com o comportamento do companheiro.

— Dona Estrêla, a senhora desculpe. Êle é meio louco.

Maria Cristina convida os amigos para irem embora. Despedem-se e vão.

Descem no avião, que tinha ficado esperando na porta. O filho da estrêla estava já mexendo — o travesso! — nas rodas do aparêlho.

— Sai daí, moleque! — grita o boi.

SNRS. VERANISTAS!

Procurai em Tramandahy a

Pensão Amaral

que dispõe de bons comodios, cozinha de primeira ordem e excelente garage.

PREÇOS MODICOS

Proprietario: AMANCIO S. AMARAL

O avião desce e de novo vira auto. Na hora de pagar, os amigos verificam que não têm dinheiro. Começam a se olhar com caras desconsoladas e então o boi compreende tudo e se põe a resmungar coisas.

— Vamos fugir, pessoal! — grita o Coelho, desandando a correr.

Maria Cristina sai correndo também, levando a bonequinha pela mão. Correm, correm e chegam com a língua de fóra ao alto d'uma montanha. Sentem muito mêdo porque o céu por cima d'eles é escuro e começa a soprar uma grande ventania. De repente um golpe de vento os derruba e êles vêm rolando montanha abaixo. Rolam, rolam até que batem com a cabeça numa pedra.

Aqui então Maria Cristina acorda. Pisca os olhos. Fica um momento sem compreender. Depois vê que tudo foi sonho.

Está na sua cama. E' dia. O outro dia. O dia de Natal!

Bate palmas. Pula da cama.

E vê em cima d'uma cadeira a Bonequinha e o Coelho. São iguaizinhos aos companheiros do sonho.

Quasi chorando de tão contente Maria Cristina corre a abraça-los.

MOSQUITEIROS BORDADOS

SOLTEIRO

8mts. roda 30\$000

CASAL

11 mts. roda 38\$000

Cortinados para doces.

Filó de todas as côres.

Stores, Cortinas, etc.



FONE

N.º 7407



Fábrica Nelly

Rua da Misericórdia n.º 28 - Porto Alegre - R. G. Sul

CARMINA

Página das creanças

Toda a gente que via a Carmina dizia logo: — Que feia!

Efectivamente, a pequenita não devia nada á formosura. Havia, até, quem comparasse o seu rostozinho, desgracioso, espantado, ao focinho dum gato.

Em compensação, a Carmina era boa, trabalhadora e paciente, sofrendo com resignação a troça das outras crianças e os modos bruscos da tia, que tomara conta dela quando a mãe lhe morrera.

As vezes, quando ia à ribeira lavar roupa, punha-se a contemplar a sua imagem reflectida na água e pensava:

— Porque serei eu, assim, tão feia? Ninguém gosta de mim...

Um dia, enquanto lavava, deixou cair o sabão. Ao dar por isso já elle ia longe, levado pela corrente.

Que desgraça! A tia decerto não lhe perdoria o descuido, e bem podia contar com um castigo severo quando chegas-



se a casa.

Isto pensou a menina num momento, e logo deitou a correr, pela ribeira

abaixo, tentando ainda apanhar o sabão.

A água levava pouca força e chegava-lhe apenas aos joelhos, de fórma que a Carmina foi seguindo a corrente, afastando-se muito, sem dar por isso, do sítio onde estava lavando. Mas, o sabão, é que ela não viu mais!

A certa altura, já cansadinha, parou. Olhou em redor e desconheceu aqueles lugares! Só havia árvores, muito grandes, com muitos ramos; nem uma pessoa; nem uma casa!!

Como sentia frio e tinha as pernas enregeladas, aproximou-se da margem, saltou para terra, e sentou-se a descansar, com os olhos marejados de lágrimas e o coraçãozinho mais triste do que uma noite sem estrélas.

— Que vai ser de mim! — soluçava ela.

De repente sentiu que lhe lambiam os pés, e viu então um cãozinho todo preto, que erguia para ela os seus olhos muito meigos.

Carmina passou-lhe a mão pela cabeça afagando-o, e o animal, como se compreendesse que ela estava triste, mais e mais lhe lambia os pés, as mãos, o próprio rosto. Depois, pegando-lhe na beirinha da saia com os dentes, principiou a andar, obrigando a menina a segui-lo.

Não tardaram a chegar junto duma cabana, que mal se distinguia das árvores, porque estava coberta de ramos ainda verdes. A porta encontrava-se uma vèlhinha, sentada, a fiar.

Vendo a pequenita, sorriu-lhe bondosamente e perguntou:

— Como vieste aqui ter?
— Foi o cãozinho que me guiou.
— Trazes os olhos chorosos! Tens algum desgosto?
— Deixei cair o sabão à água e, agora, a minha tia vai bater-me.

— Pobre pequena! Vamos a ver se posso dar remédio ao teu mal. Espera um bocadinho, que eu já venho.

Dizendo isto, a vèlhinha tirou a roca

da cinta, ergueu-se com bastante dificuldade, e entrou em casa.

Vendo-a trôpega, alquebrada, pegou-lhe carinhosamente num braço, murmurando:

— Coitadinha! Muito lhe deve custar viver aqui, sósinha, sem ninguém que a ajude!

Depois, como tudo estivesse desarrumado e pelos cantos houvesse grandes teias de aranha, a menina, esquecendo-se da sua própria aflição ofereceu-se para fazer o que fosse preciso.

Quer que lhe limpe a casa? Olhe que eu sei trabalhar!

A vèlhinha, comovida, aceitou o oferecimento e foi sentar-se junto da lareira.

Logo a Carmina lhe acendeu o lume para que ela se aquecesse e, arranjado uma vassoura com ramos secos, principiou a varrer tudo, com a habilidade e o cuidado duma pessoa crescida.

Dali a pouco mais duma hora a pobre morada parecia outra; não se via coisa alguma fóra do seu lugar, nem um grão de poeira sôbre a mesa de pinho.

— Pronto! — disse Carmina, tóda satisfeita. Mas, ao voltar-se para a vèlha, não a viu. No seu lugar estava uma mulher nova, linda, tóda vestida de branco, tendo sôbre a cabeça, a brilhar, uma estrelinha refulgente.

A criança não sabia que dizer. O seu espanto era tal que nem lhe permitia articular uma só palavra.

— Admiras-te de me ver tão mudada?



Fica sabendo que eu sou a Fada da Floresta. Todos me julgam velha e feia; apenas as pessoas boas podem contem-

Conselho Paterno



— Meu filho, nunca te mettas em brigas de família...

O polícia: — O sr. não sabe que é proibido pescar aqui?

O pescador: — Não estou a pescar. Dou banho a um camarão que está preso na ponta desta linha.

O polícia: — Deixe-mo ver!

O pescador: — Ah! o tem!

O polícia: — Pois está multado, porque é proibido tomar banho sem o respectivo maillot.

— Diga-me, doutor, o que devo tomar para não ter o nariz tão encarnado?

— Nada! principalmente entre as refeições.

Morreu ha mezes em Brighton (Inglaterra) um papagaio que contava pelo menos 190 annos. Pertencera ao general Massena e, mais duma vez, teve occasião de pagar com Napoleão.

— Sabe quantas sinfonias compoz Beethoven?

— Tres.

— Quaes foram?

— A Heroica, a Pastoral e a Nona.

— Tu conheces esse deputado?

— Muito bem! E' um grande cretino; muda de ideias como de camisa.

— Então, não é a nobresa de caracter que o perderá?

— Não! mas talvez se arruine com a conta semanal da lavadeira.

plar-me assim, como tu agora me estás vendo.

Quero recompensar a tua delicadeza e bondade. Pede-me qualquer coisa, e tudo te farei!

Carmina pensou, durante uns rápidos instantes, no que mais desejaria, e por fim exclamou:

— Quero ser bonita!!

A Fada da Floresta sorriu e, aproximando-se mais, tomou-lhe a carinha entre as mãos, perguntando:

— Quem te disse que és feia?

— Ora, dizem-mo tódas as pessoas que conheço. Chamam-me cara de gato, riem-se de mim e ninguém me faz festas...

Sorrindo, a boa Fada poz um espelho ante o rosto da menina, que, ao ver-se refletida no cristal, deu um grito de surpresa e satisfação. Era que a sua carita feia se transformara no rostinho mais bonito do mundo.

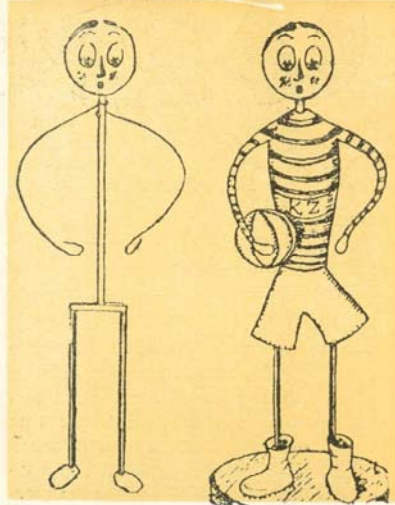
Assim Carmina voltou para casa, trazendo graças á Fada da Floresta, um vasto pedaço de sabão e uma carita de princesa...



Senhorita abre o radio. E o alto-falante despeja uma voz doce, melosa, envolvente, suave, — que canta uma canção de amor. Senhorita fecha os olhos e sonha... Sonha que o cantor é um jovem esbelto e bello, terno e macio como a voz que vem do ar...

Tomara que a televisão não pegue...

Como fazer um jogador de foot-baller



UM JOGADOR DE FOOT-BALL

A cabeça é feita duma conta de madeira tirada de algum collar velho ou tambem se faz com uma avellã na qual se pinta uma careta. Quatro pausinhos constituem o tronco e as pernas do jogador. Os braços são de arame. Uma pequena meia cheia de algodão, calças de brim e sapatos de cartolina terminam a indumentaria. Uma bolinha de celulósido presa ao braço do "foot-baller" e fica prompto o boneco, que se cola a uma caixa.

Isaac, importante commerciante judeu que nunca perdeu a occasião para offerecer sempre menos do que o preço pedido, chega, malas na mão, á estação, e interpella um empregado:

— A que horas é o rapido?

— 8 e 40, respondeu o empregado.

Então, instinctivamente, Isaac accrescenta:

— Por 7 e 50 já é razoavel...

— E' então verdade que o senhor domina todas as linguas vivas?

— Todas, excepto a de minha mulher!

— O que? Pois o senhor sustenta que ha cães mais espertos que os donos?

— Certamente! São raros, mas eu tenho um...

Dois amigos encontram-se numa cidade de provincia.

— Olá! Que é feito de ti?

— Vae-se vivendo. E tu?...

— Estou empregado numa fabrica de jogos do dominó. Faço os pontos pretos nas pedras...

— Bravo! E hoje, então, é feriado?

— Não. Mas é o dia dos duplos-brancos.

JOÃOZINHO FELIZARDO

JOÃOZINHO servira já ha sete longos anos na casa do seu patrão, quando se dirigiu a êle com as seguintes palavras:

— Senhor, meu tempo terminou e agora eu gostaria de voltar para a casa de minha mãezinha. Dê-me o meu salario.

O patrão respondeu:

— Tu me foste fiel e sincero durante os sete anos. Recompensar-te-ei de acôrdo com os serviços que me prestaste — e entregou-lhe um pedaço de ouro do tamanho da cabeça de Joãozinho. Êste puxou o seu lenço do bolso, embrulhou nele o ouro, colocou a carga sôbre os ombros e se despediu rumo á casa materna. Caminhando assim pela sua estrada, passo a passo, surgiu, de repente, um cavaleiro que cavalgava, alegre e disposto, um belo animal.

— Oh, — exclamou Joãozinho — como deve ser bonito andar a cavalo! A gente está sentado como numa poltrona, não tropeça em nenhuma pedra, poupa os calçados e avança no seu caminho, sem saber como.

O cavaleiro que ouvira isso, pa-

rou e se dirigiu ao pequeno João:

— Olha, Joãozinho, porquê andas a pé?

— Não ha outro remédio — respondeu êste. Além disso tenho uma grande carga aqui para levar para casa; na verdade é ouro, mas não posso ageitar a minha cabeça e já me doem os ombros.

— Queres saber duma cousa — disse o cavaleiro, — vamos trocar. Eu te dou o meu cavalo em troca do teu pedaço de ouro.

— Com prazer — respondeu Joãozinho, mas eu lhe previno: a carga é pesada.

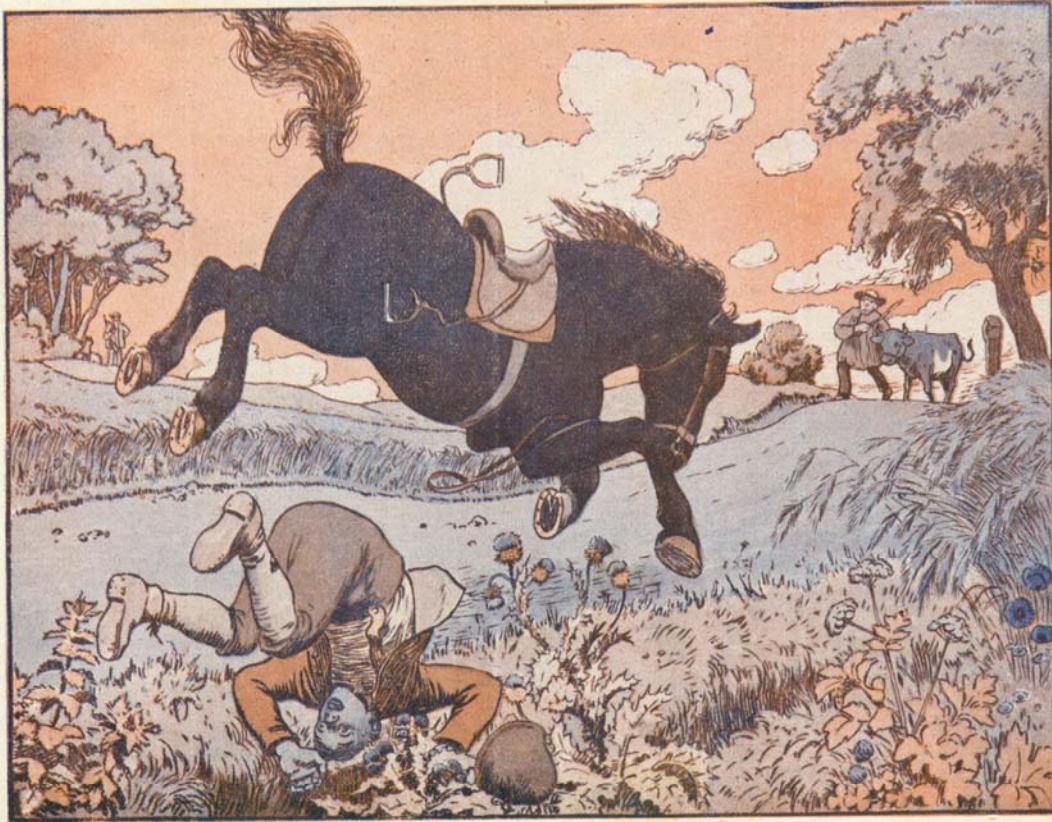
O homem apeiou do seu cavalo, recebeu o ouro, ajudou o pequeno João a montar o animal e lhe entregou as redeas firmemente na mão. Depois disse:

— Quando quiseses andar depressa, basta estalar com a lingua e gritar: upa upa!

Joãozinho estava radiante por estar sentado no cavalo. Pouco tempo depois êle se lembrou que podia andar mais depressa, e começou a estalar com a lingua e gritar upa, upa. O cavalo saiu num trote largo e antes que o pequeno João estivesse ciente disso, êle caíra do cavalo e jazia num largo valo que separava a estrada dos campos cultivados. O cavalo mesmo te-



...tu me foste fiel e sincero.



...êle caíra do cavalo e jazia num grande valo.

ria disparado, si um camponês não o tivesse segurado quando se aproximava em sentido contrário, levando uma vaca pelo cabresto. Joãozinho apalçou-se todo e pôs-se novamente de pé. Estava molestado e disse ao camponês:

— E' uma brincadeira de mau gôsto esta história de andar a cavalo! Ainda mais quando se monta uma pileca como esta, que corcoveia e derruba a gente a ponto de arriscar a nuca dum individuo. Nunca mais me sentarei ali! Por outro lado admiro a sua vaca que se póde levar com toda a calma e que além disso ainda garante todos os dias o seu leite, a manteiga e o queijo. O que eu não daria para possuir uma vaca destas!

— Bem — disse o camponês, — si assim tanto desejas, podemos fazer uma troca.

Joãozinho aceitou, muito satisfeito. O

camponês montou o cavalo e afastou-se depressa.

Joãozinho levava a sua vaca muito calmamente e continuou a pensar sobre o bom negócio que fizera. — Desde que só tenho um pedaço de pão, e isso certamente não me faltará, eu posso comê-lo com pão e manteiga. Quando tiver sede, a vaca também me fornecerá o leite. Coração, que queres mais?

Quando êle chegou a uma hospedaria, entrou e comeu tudo que levava consigo, o seu almoço e a sua janta. Os ultimos tostões gastou com um copo de cerveja. Depois continuou a sua viagem, sempre em direção á aldeia onde morava sua mãe.

O calor aumentava ao aproximar-se a hora do meio-dia, e Joãozinho se encontrava num vasto campo, que certamente ainda se prolongava por mais uma hora de viagem. — Sentia bastante o calor, de modo

que a língua se lhe chegou a grudar no céu da boca, de tanta sede.

— Isso podemos remediar — pensou Joãozinho. — Agora vou ordenhar a minha vaca e me deliciar com o seu leite.

Amarrou o animal numa árvore seca e como não possuía balde, colocou o seu **bonnet** de couro em baixo. Apesar de todos os esforços porém, não apareceu a menor gotícula de leite. E como êle se portava muito desageitadamente durante esta operação, o animal, impaciente, lhe aplicou um tal couce com as suas patas trazeiras, que êle tombou ao chão e perdeu os sentidos durante alguns minutos. Felizmente vinha um açougueiro pela mesma estrada, que empurrava um carrinho de mão, sôbre o qual estava amarrado um leitão.

— Que brinquedos são estes! — exclamou êle e ajudou o pequeno Joãozinho. Êste contou o que havia acontecido. O açougueiro estendeu-lhe a sua garrafa e disse:

— Toma um gole e recupera o animo! A vaca não quer dar mais leite. Certamente é um animal velho, que só presta para tração ou para o matadouro.

— Veja só — disse Joãozinho, alisando os cabelos. — Quem teria pensado nisso? Na verdade é bom quando se pôde matar um bicho dêstes. Quanta carne não dá! Mas eu não aprecio muito carne de gado, não tem suco bastante. Sim, um leitãozinho dêstes seria outra cousa. Êste tem outro gôsto, sem pensar nas salsichas que êle fornece.

— Escuta, Joãozinho, — disse o açougueiro — para lhe fazer um favor, eu vou trocar o leitãozinho pela vaca.

— Deus vos pague essa generosidade, — disse João; entregou-lhe a vaca, mandou desamarrar o leitão do carro e segurou o porquinho pela corda com que estava amarrado.

Depois proseguiu no seu caminho, lembrando como tudo estava correndo se-



...e Joãozinho começou a falar de sua sorte.



Com
NIVEA
ao ar livre
e ao sol

Isto é o que desejamos: Estatelar-se ao sol, sem nada fazer, nem em nada pensar, e sim alheiar-se a tudo.



Porém, sobretudo uma coisa não se deve esquecer: Protege a sua cutis contra as penosas queimaduras, aplicando antes do banho de sol o afamado CREME NIVEA o protector ideal e apropriado por excellencia. Creme Nivea diminue o perigo da queimadura solar, conservando ao mesmo tempo a sua cutis macia e encantadora.



CREME NIVEA
MANTA O ESCURADO DA PELLE
O melhor para o cuidado da pelle

Concessionarios para o Brasil:
Carlos Kern & Cia., c. p. 1912, Rio de Janeiro

Tubos grandes e medios
(Oleo em frascos)

F. A. 672.

gundo a sua vontade. Quando lhe surgia algum contratempo, em seguida desaparecia. Pouco tempo depois associou-se-lhe um rapagão que levava um bonito ganso debaixo do braço. Ambos se cumprimentaram e Joãozinho começou a falar da sua sorte e das suas formidáveis trocas. O moço lhe contou, por sua vez, que levava o ganso para uma festa de batizado.

— Levante só — proseguiu êle e agarrou o bichinho pelas azas — para ver o seu pêso. Também êle esteve em tratamento especial durante dois meses.

Quem morder êste assado, terá que limpar as faces de tanta gordura!

— Não ha dúvida, — disse Joãozinho e o pesou com uma mão — êle tem o seu pêso, mas o meu porco tambem não é qualquer coisa.

Nisso o extranho olhou desconfiado para todos os lados e sacudiu a cabeça, levemente:

— Escuta, — começou êle depois — deve haver qualquer coisa com o seu porco.

Na aldeia pela qual eu passei, roubaram um porco do prefeito da comuna. Receio muito que é aquele que você está levando aí. Eles mandaram alguns homens a procura do animal roubado e seria muito desagradavel si eles o encontrassem com êste porco. No caso favoravel, póde ser encarcerado.

O pequeno João estava sentindo calafrios, ao ouvir isto.

— Meu Deus, — disse êle — ajude-me, por favor, a sair desta encrenca.

Você conhece melhor a região do que eu: leve o meu porco, que eu fizo com o ganso.

— Correrei algum risco — respondeu o outro —, mas não quero ser culpado na sua prisão. — Em seguida apanhou a corda e afastou-se depressa, com o leitão, por um atalho lateral. Joãozinho, porém, proseguiu agora livre de preocupações. — Si eu penso bem — disse êle com os seus botões —, eu ainda tive vantagem nesta troca. Em primeiro lugar o belo assado; depois a enorme

(Continua na pag. 89)

Joãozinho Felizardo

continuação

quantidade de banha, que permitirá comer pão com banha durante tres meses. E finalmente as bonitas penas brancas, com as quais estofarei o meu travesseiro e sôbre as quais certamente dormirei tranquilamente. Quanto não se alegrará a minha boa mãezinha!

Quando êle atravessava a última aldeia, encontrou um afiador de tesouras com o seu carro, que trabalhava alegremente e cantava durante a sua ocupação.

Joãozinho parou e apreciou a atividade do homem; finalmente dirigiu-se a êle com as seguintes palavras:

— O senhor parece estar satisfeito, porque afia tão alegremente as suas facas.

— Sim — respondeu o afiador —, o meu officio tem um fundo dourado. Um verdadeiro afiador é um homem que toda vez que põe a mão no bolso, não costuma tira-la

PRESENTES DE NATAL

A Casa "AO PREÇO FIXO" recebeu, de importação directa, as ultimas novidades em perfumarias finas dos afamados fabricantes francezes: Caron, Guerlain, Jean Patou e Houbigant, aparelhos de louça inglesa, baterias de copos francezes. Grande variedade de sombrinhas modernas, blusas de jersey de seda, roupa interior Valisère, camisas de jersey de seda e tricolina para homens, cintos para homens e grande sortimento de artigos para presentes.

10 % real de abatimento

A O P R E Ç O F I X O

Andradas, 1348

vazia. Mas onde você comprou êste bonito ganso?

— Eu não o comprei, mas troquei por meu leitãozinho.

— E o leitão?

— Eu o recebi em troca de uma vaca.

— E a vaca?

— Eu a troquei por um cavalo.

Vinhos Imperial



Luiz Antunes & Cia.

Casa fundada a 71 anos

PORTO ALEGRE - CAXIAS

CASA ELECTRO

Rua dos Andradas pegado
à Confeitaria Hermann

Castiçais e Abat-jours

só

CASA ELECTRO

— E o cavalo?

— Êste eu comprei com um pedaço de ouro do tamanho da minha cabeça.

— E o ouro?

— Foi o meu salario de sete anos de serviço.

— Achaste uma solução para cada caso — disse o afiador —; si, porém, você ainda conseguir fazer tilintar o dinheiro no seu bolso, todas as manhãs que levantar, estará feita a sua sorte.

S O C I E D A D E



Senhorinha Gelda Guimarães, filha do sr. Racine Guimarães, que residiu nesta capital e está agora radicado em São Paulo, onde é gerente da United Artists.

— Como conseguirei isso? — perguntou Joãozinho.

— V. deve tornar-se um afiador, como eu. Não necessita mais nada para isso do que um rebolo, o resto se arranjará por si.

CORTICEIRA RIO GRANDENSE LTDA.

FÁBRICA DE ROLHAS E ARTIFATOS DE CORTIÇA

Stocks permanentes dos seguintes artigos: Rolhas de cortiça, rolhas metálicas, cortiça granulada e laminada, capachos, boias, salva-vidas. Capsulas de castanho, ácidos cítrico, tartárico, tânico e gálico, ervas e essências para fabricação de licores e xaropes, lupulo, cevada, máquinas para lavar, arrolhar, encher e capsular garrafas, massa e papel para filtros e todos os demais artigos para fabricação de bebidas. Palitos portugueses e artigos de laboratório para farmácias.

Casas em PORTUGAL: Lerosa — Vila da Feira.
RIO DE JANEIRO — Rua Constituição, 40/2 — Rua Hilário Ribeiro, 20.

Fabricantes do FORTIFICANTE PORTUGALIA — o melhor isolamento para Frigoríficos, Geladeiras, Tanques, etc.

Rua Voluntários da Pátria, 916 — Telef. Aut. 7983
Teleg. CORTICEIRA

PORTO ALEGRE — Rio Grande do Sul — Brasil



Eu tenho um aí que está um tanto defeituoso, mas em compensação não exijo mais do que o seu ganso. Aceita a troca?

— Que pergunta? — respondeu Joãozinho —; tornar-me-ei o homem mais feliz dêste mundo. Si eu tenho dinheiro toda vez que ponho a mão no bolso, que mais eu quero?

Depois estendeu-lhe o ganso e recebeu o rebolo.

Bem — disse o afiador e levantou uma pedra ordinaria, e muito pesada, que encontrou na beira da estrada —, leve mais esta pedra, sobre a qual V. pôde ajustar os pregos tortos. Leve-a e guarde-a bem.

Joãozinho levantou a pedra e seguiu adiante, alegre e satisfeito; os seus olhos brilhavam de contentamento.

— Eu devo ter nascido sob uma estrela feliz — exclamou êle —; tudo que desejo eu consigo.

Como, porém, estava em marcha desde o romper do dia, êle começou a sentir cansaço. A fome igualmente começou a se fazer

**ADQUIRIR
UM
BONITO**



PRESENTE DE NATAL

**É MUITO SIMPLES
BASTA PROCURA-LO
NO**



ANDRADAS
1546
TEL. 4576
e 7824



sentir, pois êle comera tudo que levava em regosijo da vaca adquirida. Por fim, êle mal podia caminhar e teve que repousar a cada instante. Além disso, as enormes pedras o molestavam bastante. Ocorreu-lhe, então, que bom seria si êle não precisasse carrega-las justamente agora que estava tão cansado. Como uma lesma êle se aproximava de um poço, para ali descansar e refastelar-se com um gole de agua fresca. Para não danificar as pedras ao sentar-se

no chão, êle as colocou, com todo o cuidado, na beira do poço. No momento em que êle se abaixou para beber agua, descuidou-se um pouco e ambas as pedras caíram para baixo. Depois de ver as pedras desaparecerem na profundidade da agua, êle se levantou contente, ajoelhou-se em seguida e agradeceu a Deus, com lagrimas nos olhos, que Êle lhe concedeu ainda esta graça e o libertou da sua carga incomoda de um modo que não lhe podia pesar na consciencia.

— Tão feliz como eu não ha ninguem debaixo do sol — exclamou êle. E com o coração aliviado e livre de toda carga, êle correu até alcançar a casa da sua querida mãezinha.

ANDRADAS 956 - Junto ao Corpeio do Povo



**RELOJOARIA EUROPEA
de Clemente Almaleh**

Completo e variado sortimento de joias, relógios, bijouterias e artigos para presentes, a preços de ocasião.

Aparelhada officina de concertos de joias e relógios, dirigida por tecnicos competentes. Compra-se ouro, prata, joias usadas, pagando os melhores preços.

N. B. - Paga-se os melhores preços por moedas de prata, ouro e obras antigas.



"A GAÚCHA"

Agencia da Loteria
do Estado

— de —

Mirabeau Nectoux

R. dos Andradas 1294
Telefone 7584
PORTO ALEGRE

PLANOS EXTRAORDINARIOS: 100 - 200 - 300 - 500 e 1.000 contos
Habilitae-vos nesta felizarda Agencia que vosso futuro estará garantido



O companheiro de Nenê...

Sagina das Creanças...

Um Sabiá na Gaiola

Lamentava-se na gaiola um velho sabiá :

— Que triste destino o meu, nesta prisão toda a vida... E que saudades dos bons tempos de outróra, quando minha vida era um continuo esvoaçar de galho em galho, em procura das laranjas mais bellas... Madrugador, quem primeiro saudava a luz da manhã era eu, como era eu o ultimo a despedir-me do sol, á tardinha. Cantava e era feliz...

Um dia, traiçoeiro visgo me ligou os pés. Esvoacei, debati-me em vão, e vim acabar o tempo da liberdade. Que triste destino nesta gaiola horrivel, onde saudoso choro o meu! Haverá no mundo maior desgraça?

Nisto abre-se a porta e entra o caçador, de espingarda ao hombro e uma fieira de passarinhos na mão.

Ante o espectáculo das miserias avezinhas estraçalhadas a tiro, gottejantes de sangue, algumas ainda em agonia, o sabiá estremeceu.

E horripilado verificou que não era dos mais infelizes, pois vivia, e inda não perdera a esperança de recobrar a liberdade de outróra.

Reflectiu sobre o caso e murmurou, lá consigo :

— Antes penar que morrer!



Haroldo, filho do Tte. Hilario Eduardo dos Santos.



João Carlos, filho do Tte. Alzemiro de Oliveira Castilhos.

O Leão, o Lobo e a Raposa

Um leão, muito velho e já caduco, andava a pender de lazeira, morre-morrendo a cada horinha.

Mas, apegado á vida e sempre esperançado, deu ordem aos animaes para que o visitassem todos e lhe ensinassem remedios.

Assim aconteceu, e a bicharia inteira lhe desfilou pelo antro, cada qual trazendo orchatas, ou hervas, ou conselhos.

Mas a raposa? Porque não vinha?

— Eu sei porque, disse um lobo intrigante, inimigo pessoal da raposa. Ella é uma finoria, acha que Vossa Majestade morre logo e que é tolice andar ahí a perder tempo com cacos de vida.

Enfureceu-se o leão e mandou buscar a raposa debaixo de vara.

— Então é assim que me tratas, ó vilissimo animal?! Esqueces que sou o teu rei?

A raposa interrompeu-o :

— Perdão, Majestade! Se não vim até agora é que andava em peregrinação pelos oraculos, consultando-os a respeito da doen-

ça que abate o animo do meu querido rei. E não perdi a viagem, visto como trago a unica receita capaz de produzir melhoras na real saude de Vossa Majestade.

— Diga lá o que é, ordenou o leão, já calmo.

— E' combater a frialdade que vos entorpece os membros com um capote de lobo.

— Que é isso?

— Capote de lobo é uma pelle ainda quente, de lobo escorchado, no momento. Ora, justamente está aqui mestre lobo, subdito fiel que ha de senfir um prazer immenso em emprestar a pe'le ao seu real senhor.

O leão gostou da receita, escorchou o lobo, embrulhou-se na pelle fumegante e inda por cima lhe comeu a carne.

A raposa, vingada, retirou-se, murmurando :

— Toma! Para intrigante, intrigante e meio...

O Cão e o Lobo

Um lobo, muito magro e faminto, todo pelle e ossos, poz-se um dia a philosophar sobre as tristezas da vida. E nisso estava, quando lhe surge pela frente um cão — mas um cão e tanto, gordo, forte, bem tratado, de pelo fino e lustroso.

Estumado pela fome, o lobo teve impetos de atirar-se a elle. A prudencia, entretanto, cochichou-lhe ao ouvido: — Cuidado!



Julio, filho do snr. Luiz Nicolaewsky.



Therezinha, filha de Theodoro Ferreira.

Se te mettes a lutar com um cão desses, quem sae perdendo és tú...

Ouviu a féra a voz da prudencia e disfarçou :

— Bravos! Palavra d'honra que nunca vi cão mais gordo nem mais forte! Que pernas rijas, que pêlo macio! Vê-se que tu te tratas, amigo!

— E' verdade, respondeu o cão. Confesso que tenho um tratamento de fidalgo. Mas, amigo lobo, está em tuas mãos levar a boa vida que levo...

— Como?

— Basta que abandones esse viver errante, esses habitos selvagens e que te civilizes como eu.



José Marcello, filho do Dr. José M. Carvalho.

— Explica-me lá isso por miudo, pediu o lobo, com o brilho da esperanza nos olhos.

— E' facil. Vens commigo e apresento-te ao meu senhor. Elle, está claro, sympathiza-se contigo e te dá o mesmo tratamento que a mim : bons ossos de gallinha, succulentos restos de carne, um canil com palha macia... Além disso, agrados, mimos a toda hora, palmadas amigas, um nome.

Ficou o lobo satisfeittissimo daquelle programma e respondeu :



Ayrtton e Gilka, filhos de Rafael Ponzi.

— Não ha duvida, irei contigo. Quem não deixará uma vida miseravel como a minha por uma vida de regalos como a tua?

— Em troca disso, continuou o cão, guardarás o terreiro, não deixando entrar ladrões nem vagabundos. Agradarás ao senhor e á sua familia, sacudindo a cauda e lambendo a mão a todos.

— Pois acceito, resolveu o lobo; e emparelhando-se com o cachorro partiu a caminho da casa.

Em meio da jornada, porém, notou que o seu amigo estava de colleira.

— Que diabo é isso que tens no pescoço?



Dorinha e João Henrique, respectivamente filha e sobrinha de Joaquim Corrêa Paes F.º

— E' a colleira.

— E para que serve?

— Para me prenderem á corrente.

— Então não és livre, não vaes para onde queres, como eu?

— Nem sempre. Passo ás vezes varios dias preso, conforme o appetee ao meu senhor. Mas que tem isso, se a comida é boa e vem á hora certa?

O lobo entreparou, reflectiu e disse :

— Sabes que mais? Até logo! Prefiro viver assim, magro e faminto, porém livre e senhor de meu focinho, do que gordo e liso como tu, mas de colleira ao pescoço. Fica-te lá com a tua gordura de escravo que eu me contento com a minha magreza de animal livre.

E, girando nas patas, afundou no matto para sempre.



Ivo, filho do casal Plauto Kroeff.



Liga das nações

Gato do mato, jaguatirica e irára receberam convite da onça para constituírem a Liga das Nações.

— Alliemo-nos e caçaremos juntos, repartindo a presa irrimamente de accordo com os nossos direitos,

— Muito bem! exclamaram os convidados. Isso resolve todos os problemas da nossa vida.

E sem demora puzeram-se a fazer a experiencia do novo systema. Corre que corre, cêrca daqui, cêrca dali, cae-lhes nas unhas um pobre veado. Diz a onça:

— Já que somos quatro, tóca a repartil-o em quatro pedaços.

— Optimo!

Repartiu a presa em quatro partes e, tomando uma, disse:

— Cabe a mim este pedaço como rainha que sou das florestas.

Os outros concordaram e a onça retirou a sua parte.

— Este segundo tambem me cabe porque me chamo onça.

Os socios entreolharam-se.

— E este terceiro ainda me pertence de direito, visto como sou mais forte de todos vós.

A irára interveio:

— Muito bem. Ficas com tres pedaços, concordamos (que remedio); mas o quarto, passa-o para cá afim de que o dividamos entre nós.

— A's ordens! exclamou a onça. Aqui está o quarto pedaço ás ordens de quem tiver a coragem de agarral-o.

E arreganhando os dentes assentou as patas em cima.

Os tres companheiros logrados só tinham uma coisa a fazer: metter a cauda entre as pernas. Assim fizeram e sumiram-se, jurando nunca mais se metterem em Liga das Nações... com onça dentro.

O burro sabio

No bom tempo em que os animaes falavam houve uma assembléa de bichos que se reuniu para deliberar sobre uma questão.

Compareceu, sem ser convidado, o burro, e pedindo a palavra pronunciou longo discurso, fingindo-se estadista. Mas só disse asneiras. Era um zurrar, um zurrar...

Quando concluiu a quadrupedesca arenga e parou á

espera duma tempestade de applausos, o elephante, espichando a tromba para o seu lado, disse-lhe:

— Grande pedaço d'asno! Roubaste o tempo, a nós e a ti. A nós porque o perdemos a ouvir asneiras; e a ti, porque muito mais lucrarias empregando-o em pastar capim. Toma lá este conselho:

Um tolo nunca é mais tolo do que quando se mette a sabio.

Os melhores caricaturistas do mundo



Contraste da Vida

(Ghoze Preston)

PARA OS PEQUENOS

O C O R V O

UMA vez, em certo tempo, moravam em certa casa no alto dum monte perto do mar um velhinho e uma velhinha.

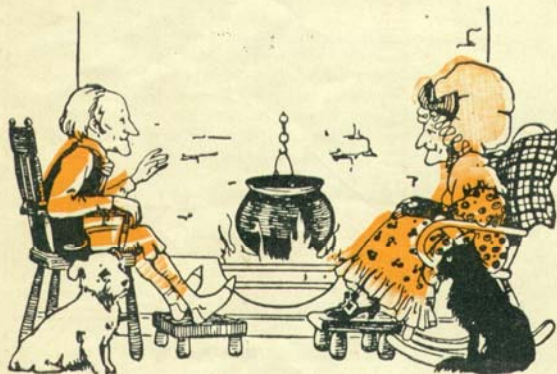
O velho tinha um cachorro branco e a velha um gato preto. Quando ia ficando noite o velho sentava deste lado do fogo com seu cachorro, e a velha sentava do outro lado com o seu gato, e falavam os dois dos tempos bons que haviam de vir quando o seu filho, que era marinheiro, voltasse para casa.

Esse filho tinha partido numa longa viagem, que seria a ultima.

— Quando eu voltar para casa...

(Foi assim que ele falou ao dizer adeus aos pais).

— ... espero trazer um saco cheio de ouro e então não precisarei de deixar vocês de novo.



Então o velho e a mulher estavam pensando no dia em que o filho havia de voltar para casa rico, para que todos fossem muito, muito felizes. Mas tinham de esperar longo tempo, e o dinheiro que o rapaz deixara havia acabado. Por esse tempo tinham eles um pão grande e algumas verduras... e nada, nada mais!

— Alegre-se, mulher! — disse o velho — nosso filho chega duma hora para outra. Podemos ver o seu navio entrar na baía antes que se acabe o alimento que nos resta.

— Sim, — respondeu a velha, procurando alegrar-se, embora o seu coração estivesse triste, — eu sei disso! Mas que vamos fazer destas verduras? Temos somente duas cebolas, duas cenouras e duas couves. Não sei que fazer com elas.

— Olhe aqui, — retrucou o homem — vamos comer as verduras e pensar na carne que teremos quando o nosso filho voltar! Si pensamos bastante, chegaremos até a sentir gosto de carne... Veja o panelão, querida, e hoje jantaremos as duas cebolas, pensando também como seria gostoso comer um pedaço de carne de carneiro!

A velha trouxe o panelão e, enquanto a água fervia, o marido foi dar um passeio pelo jardim e olhar o mar, á procura do navio que lhe devia trazer o filho.

Não enxergou nenhum sinal do barco, mas, quando ia voltando para casa, viu um pobre corvo todo agachadinho sobre o chão frio. Estava com as asas impetáveis. O velho ficou com muita pena do bicho.

— Pobre ave! — murmurou ele. — Vou descobrir um lugar quentinho para ti. Olha! Aqui ha um tijolo solto na parede,

perto da chaminé. Eu vou te botar ali, e quando ficares bem quentinho poderás voar de novo.

— Cru! Cru! — disse o corvo.

E o velho logo compreendeu que o passaro se mostrava agradecido e estava dizendo: *Muito obrigado!* da melhor maneira possível.

Depois disso o velho foi para casa e contou á mulher que, embora não tivesse visto o navio, tinha a certeza de que ele logo chegaria.

Por esse tempo as cebolas estavam quasi cozidas e soltavam um cheiro tão bom que o velho não poude deixar de levantar a tampa do panelão.

— Cuidado! Cuidado! — disse a mulher. — O dia está ventoso e alguma fuligem póde cair da chaminé!

Mal tinha ela terminado de pronunciar estas palavras, uma cousa cafu dentro do panelão fazendo — pláf!

— Olhe! O nosso jantar está estragado! — falou a mulher.

— Alegra-te, — retrucou o marido. — Pensa que seria muito peór si a fuligem tivesse caído em cima dum bonito pedaço de carne.

— Vamos tirar o panelão do fogo!

— Não, não! Deixa que as cebolas fiquem cozidas, — disse o velho. — Ha um pobre corvo na parede. Ele ficaria



contente si pudesse dar uma bicadas nestes petiscos, com ou sem fuligem.

O velho casal sentou-se ao pé do fogo e dentro de pouco começaram a respirar com força, como quem está sentindo algum cheiro bom.

— Não posso com o cheiro de fuligem! — gritou o velho.

— Pois eu até estou sentindo cheiro de carne de carneiro, — replicou a velha — mas onde será?

O velho levantou o panelão e olhou para dentro dele.

— E' aqui! — gritou. — E' aqui no panelão! Veja só! Imagine!

A velha correu a buscar um garfo, dizendo:

— Não demora muito está cozida. Que pedacinho gostoso e macio! Vou imediatamente pôr a mesa.

Então a velha pôs a mesa e o velho aqueitou os pratos. Pouco depois levaram para a mesa o mais lindo pedaço de carne de carneiro que eles tinham provado em toda a sua vida.

O velho deu pedaço ao seu cachorro e a velha deu outro pedaço ao seu gato. Os animais estavam também contentes como os dois velhos, por causa daquele lindo jantar.

— Vou levar este osso lá fóra para o corvo, — disse o velho — Ele deve gostar do tutano.

— Sim, e leva-lhe estas migalhas também.

Todo o resto do dia os dois ficaram pensando na carne. Como teria caído da chaminé? Não podiam saber quem a tinha trazido. Agora, eu espero que os meus queridos leitores já tenham desconfiado...

No dia seguinte eles cozinharam as cenouras e, quando a velha levantou a tampa do panelão para despejar o sal, algo caiu dentro dele de novo, com um — pláf!

Quando ouviram o barulho, olharam um para o outro, sorriram e sacudiram a cabeça.



— Eu acho que estamos de sorte outra vez, — falou o velho.

— Pois eu também acho! — respondeu a velha.

— Não vamos olhar antes da hora de comer, — propôs o velho.

— Não, não olharemos! — concordou a velha.

Mas quando a água principiou a ferver, ambos os velhos começaram a respirar forte e o homem disse:

— Isso não é cheiro de fuligem...

E a velha:

— Isso é cheiro de carne.

O velho levantou o panelão e a velha foi buscar um garfo, que espetou depois na carne que se achava dentro do panelão

— Não demora está cozida! Que bocadinho gostoso e macio! Vou imediatamente pôr a mesa.

Então a velha pôs a mesa e o velho aqueitou os pratos. Pouco depois levaram para a mesa o mais lindo pedaço de carne que tinham provado em toda a sua vida.

O velho deu um pedaço para o seu cachorro e a velha deu outro pedaço para o seu gato. Os animais estavam também contentes como os dois velhos, por causa daquele lindo jantar.

— Vou levar este pedacinho de gordura para o corvo, — disse o velho.

— Sim, e leva também estas migalhas, — disse a velha.

Todo o resto do dia ficaram pensando em quem poderia ter trazido a carne. Não desconfiavam de ninguém... Mas eu espero que vocês, queridos leitores, já tenham desconfiado de alguma coisa...

No dia seguinte os velhos puzeram duas pequenas couves no panelão, para cozinhar, e quando a velha levantou a tampa para jogar o sal, alguma coisa caiu no panelão com um — pláf!

Quando ouviram o ruído, olharam um para o outro, sacudiram a cabeça e sorriram.

— Acho que estamos de sorte outra vez! — disse a velha.

— Acho que estamos!

— Não vamos examinar a panela antes da hora do jantar... — propôs o velho.

— Pois é... — concordou a velha.

Mas quando a água começou a ferver, ambos os velhos começaram a respirar forte, e o velho disse:

— Isso não é cheiro de fuligem!

— Isso é cheiro de carne de porco! — afirmou a velha.

O velho levantou o panelão do fogo e a velha correu a buscar um garfo. Espetou o garfo na carne de porco que estava no fundo do panelão e disse:

— Não demora muito está cozida. Vou imediatamente pôr a mesa!

Então a velha pôs a mesa e o velho aqueitou os pratos. Levaram depois para a mesa o mais gostoso pedaço de carne de porco que tinham provado em toda a sua vida.

O velho deu um pedaço para o seu cachorro e a velha deu outro pedaço ao seu gato. Os animais estavam contentes como os donos, por causa daquele lindo jantar.

— Vou levar este pedacinho de gordura para o corvo... — disse o velho.

— Sim, e leva estas migalhas, também... — propôs a velha.

Então o velho foi para fóra levando o jantar do corvo. Mas não precisou de ir até a parede, porque, quando ele abriu a porta, o corvo o estava esperando no portal.

— Está aqui o teu jantar, — disse o velho — Estimo em te ver forte de novo. Desconfio que foste tu quem trouxe a carne...

— Cru! Cru! — disse o corvo sem olhar para a comida. Foi saltitando até o portão do jardim, voltando a cabeça para olhar si o velho o estava seguindo.

O velho o seguiu e quando chegou ao portão que é que vocês, meus meninos, pensam que ele viu?

Pois ele viu o seu próprio filho que vinha vindo em direção da casa, com um saco nas costas. O velho deixou cair o pão e a carne e correu para encontrar o filho. Quando eles vinham caminhando juntos, viram o corvo, que tinha acabado de jantar, voar para o cimo das arvores.

O saco estava cheio de ouro e o velho, a velha, o filho marinho e o cão e o gato viveram muito felizes depois disso. Tiveram sempre carne para botar no panelão, mas nunca, nunca esqueceram do corvo bondoso...

Sagina das Crianças...

Os dois Burrinhos

Muito lampeiros, dois burrinhos de tropa seguiam trotando pela estrada além. O da frente conduzia bruácas de ouro em pó; e o de trás, simples saccos de farello. Embora burros da mesma igualha, não queria o primeiro que o segundo lhe caminhasse ao lado.

— Alto lá! dizia elle. Não te emparelhes commigo, que quem carrega ouro não é do naipe de quem conduz farello. Guarda cinco passos de distancia, e caminha respeitoso como se fôras um pagem.

O burrinho do farello submettia-se e lá trotava na trazeira, de orelhas murchas, roendo-se de inveja do fidalgo.

De repente...

— Oah! oah!...

São ladrões da montanha que surgem de trás de um toco de figueira e agarram os burrinhos pelo cabresto.

Examinam primeiramente a carga do burro humilde, e,

— Farello! exclamam, desapontados. O demo o leve! Vejamos se ha coisa de mais valia no da frente.

— Ouro, ouro! gritam, arregalando os olhos. E atiram-se ao saque.

Mas o burrinho resiste. Desfere coices e dispara pelo campo afóra. Os ladrões correm-lhes atrás, cercam-no, e dão-lhe em cima, de pau e pedra, sem dó nem piedade. Afinal, saqueiam-no.

Terminada a festa, o burrinho do ouro, mais morto do que vivo e tão surrado que nem suster-se em pé podia, reclama auxilio do outro, que,

muito fresca da vida, retouçava o capim socegradamente.

— Socorro, amigo! Vem acudir-me que estou descadeirado...

O burrinho do farello respondeu zombeteiramente:

— Mas poderei, acaso, approximar-me de Vossa Excellencia?

— Como não? A minha fidalguia



Ayrtton, filho de Romualdo Schardong.

estava toda dentro da bruáca, e lá se foi na mão daquelles patifes. Sem as bruácas de ouro no lombo sou uma pobre besta igual a ti...

— Bem sei. E's como certos gran-

des fidalgos do mundo que só valem pelo cargo que occupam. No fundo, simples besta de carga, eu, tu, elles..

E ajudou-o a regressar para a casa, decorando para seu uso, bem decoradinha, a lição que ardia no lombo do vaidoso.

O Cavallo e as Mutucas

Um cavalleiro vinha chicoteando as mutucas apinhadas no pescoço da cavalgadura. Volta e meia *plaf!* uma lambada e um insecto de menos.

Mas o homem só chicoteava as mutucas gordalbudas, pesadonas, já empanturradas de sangue.

Em certo ponto o cavallo perdeu a paciencia e disse:

— Julgas que me prestas um serviço e no entanto...

— No entanto quê, cavallo? Pois livro-te da mutucas e inda não estás contente?

— Beneficio seria se matasses as magras e poupasses as gordas. Porque estas, fartas que estão nenhum maleficio me fazem, ao passo que as outras, famintas, torturam-me sem dó. Matando só as inoffensivas, o

bem que me queres fazer transforma-se em mal, porque soffro a dor da lambada e nada lucro com a morte dos bichinhos.

Quantos beneficios assim, beneficios só na apparencia!...

O Ratinho, o Gato e o Gallo

Um ratinho de dia sahio do buraco, e certa manhã, pela primeira vez. Queria conhecer o mundo e travar relações com tanta coi-



Mariasinha, filha do sr. Antonio Luz.



Sergio, filho do finado Dr. Julio Alves de Campos.



Bentinho Lima, alumno do Collegio N. S. do Rosario.

sa bonita de que se falava em Ratopolis.

Admirou a luz do sol, verdor das arvores, a correnteza dos ribeirões e a habitação dos homens. E acabou penetrando no quintal duma casa de roça.

— Sim senhor! E' interessante isto!

Examinou tudo, minuciosamente, farejou a tulha de milho, o cocho da estrebaria, pasmando em face de um cavallo que lá viu. Em seguida, no terreiro notou um lindo animal de pêlo macio que dormia socegado ao sol. Aproximou-se delle e farisconou sem receio nenhum.

Nisto appareceu um gallo, que bate as azas e canta.

Nosso ratinho por um triz não morre de susto. Arrepiou-se todo e disparou como um raio para a toca. Lá acalma-se, bebe um gole d'agua e põe-se a contar á mamãe as aventuras do passeio.

— Observei muita coisa interessante, mas nada me impressionou tanto como dois animaes que vi no terreiro. Um, de pêlo macio e ar bondoso, seduziu-me logo. Vi que era um desses bons amigos da nossa familia e lamentei que estivesse a dormir, impedindo-me assim de cumprimental-o.

O outro... ai! inda me bate o coração! O outro era um bicho feroz, de pennas amarellas, bico pontudo, crista vermelha e aspecto ameaçador.



Aley, filho de Olmiro Bernardes.

Bateu as asas, barulhentemente, abriu o bico e soltou um "co-ri-có-có" tamanho que quasi cahi de costas. Fugiu. Fugiu com quantas pernas tinha, percebendo que era elle o famoso gato que tamanha destruição faz em o nosso povo.

A mamãe-ra sorriu e disse:

— Como te enganas, meu filho! O



Carlos Henrique, filho de Paulo R. Leonardi.

bicho de pêlo macio e ar bondoso é que é o terrível gato. O outro, barulhento e espantado, de olhar feroz e crista rubra, o outro, filhinho, é o gallo, uma ave inoffensiva que nunca nos fez mal nenhum.

As apparencias enganam. Aproveita, pois, a lição e fica sabendo que — *Quem vê cara não vê coração.*

Os dois Sombinhos

Eram felizes. Queriam-se muito e contentavam-se com o que tinham. Mas um delles perdeu a cabeça e, farto de tanta paz, encasquetou a idéa de correr mundo.

— Para que? advertiu o companheiro. Não vives socegado, aqui, neste remanso?

— Quero ver terras novas, respirar novos ares.

— Não vás! Ha mil perigos pelo caminho, incertezas, traições... Além disso, o tempo não é proprio. Época de temporaes, poderá um delles collier-te em viagem — e ai de ti...

De nada valeram os bons avisos. O pombinho assanhado beijou o companheiro e partiu.

Nem de proposito, uma hora depois o céu se tolda, os ventos rugem e sobre a terra desaba tremendo aguaceiro.

O imprudente viajante aguenta o temporal inteiro fóra de abrigo, repimpado numa arvore secca. Sofre horrores; mas salva-se e, vinda a bo-

nança, pôde continuar a viagem. Dirige-se a um lindo arrozal, pensando:

— Que vidão irei passar neste mimoso tapete de verdura!

Ai!... Nem bem pousou e já se sentiu preso num laço cruel.

Uma hora de desespero, a debater-se...

Foi feliz, ainda. O laço, apodrecido pelas chuvas, rompeu-se e o pombinho safou-se. E fugiu, exausto, com varias pennas de menos e uma tira de corda aos pés, a lbe embarçar o vôo.

Nisto um gavião surge, que se precipita sobre elle com a rapidez da fleixa. O misero pombinho, atarantado, mal tem tempo de lançar-se ao terreiro d'um casebre de lavrador. Livra-se, dess'arte, do rapinante, mas não pôde livrar-se dum menino que, de bodoque em punho, corre para cima delle e o espeloteia.

Corre que corre, pereréca que pereréca, o malaventurado pombinho consegue inda uma vez escapar, occulto num tóco de páu.

E ali, curtindo as dores da asa quebrada, esperou pacientemente que o inimigo se fosse. Só então, com mil cautelas, logrou fugir e regressar para casa.

O companheiro, ao vel-o chegar assim, arrastando a asa, depenado, moído de canceira, beijou-o repetidas vezes entre lagrimas e disse:

Bem certo o dictado: *boa romaria faz quem em casa fica em paz.*



A pequena Wanice Hilgert.

Caros meninos, aqui vai uma historia bonita que foi escrita por um senhor que tem um nome ar-revezado — Rudyard Kipling. Co-nhecem? Pois é um grande escritor e poeta Inglês que tem muitos, muitos livros. O conto que damos abaixo — e que ficará completo em seis numeros da nossa revista — foi tirado do livro "HISTORIAS DE ANIMAIS" e traduzido especialmente para vocês. Vejam só que interessante!



O gato que andava sózinho...

OUVE, e escuta, e atende; porque isto aconteceu, e se deu, e sucedeu, meu Querido, no tempo em que os Animais Domesticos eram selvagens. O Cão era selvagem, e o Cavallo era selvagem, e era selvagem a Vaca, e a Ovelha era selvagem, e o Porco era selvagem — eram tão selvagens como os mais selvagens Animais podem ser, e vagueavam pelas Florestas Humidas e Selvagens, pelos seus selvagens atalhos.

Mas o mais selvagem de todos os animais era o Gato. Ele andava sózinho, e todos os lugares eram iguais para ele.

Naturalmente o Homem tambem era selvagem. Era espantosamente selvagem! Ele só começou a se domesticar, quando encontrou a Mulher, e ela lhe disse que não gostava daquela vida selvagem. Foi então que ela mesma escolheu uma linda Caverna bem seca para dormir, em vez de se deitar sobre um montão de folhas humidas; e ela espalhou areia limpa no chão; e acendeu um belo fogo de lenha no fundo da Caverna; e pendurou na entrada uma pele seca de Cavallo selvagem, com o rabo para baixo. E disse ao Homem:

— Esfrega os pés, meu querido, quando entrares; e agora viveremos em casa.

Naquela noite, Querido, eles co-

meram carne de ovelha selvagem, assada nas pedras quentes, temperada com alho e pimenta silvestres; e pato selvagem, estufado com arroz silvestre e feno grego e coentro silvestres; e tutano dos ossos dos bois selvagens; e cerejas e romãs silvestres. Depois o Homem foi dormir ao pé do fogo, muito feliz; mas a Mulher sentou-se e começou a pentear o cabelo. Depois pegou num osso de carneiro — o osso grande e chato da homoplata — e olhou para as estranhas impressões que se viam nele; e foi meter mais lenha no fogo, e fez um Encantamento. Ela fez o Primeiro Canto Magico no mundo.

Fóra, nas Florestas Humidas e Selvagens, todos os animais selvagens se reuniram em um sitio de onde podiam ver o clarão do fogo, muito longe; e não podiam saber o que seria aquilo.

Foi então o Cavallo Selvagem escarvou o chão e disse:

— O' meus Amigos e meus Inimigos! porque seria que o Homem e a Mulher acenderam aquela grande luz naquela grande Caverna? E que mal nos trará aquilo?

O Cão Selvagem ergueu o focinho selvagem e farejou, e sentiu o cheiro do carneiro assado; e disse:

— Eu vou lá ver o que é, e depois

virei contar, porque aquilo parece bom... Vem comigo, ó Gato!

— Nanja, disse o Gato. Eu sou o Gato que anda sózinho, e todos os lugares são iguais para mim. Eu não vou lá.

—Então nós nunca mais poderemos ser amigos outra vez, disse o Cão selvagem; e ele se foi para a Caverna.

Mas depois que o Cão tinha andado um bom pedaço do caminho, o Gato disse consigo:

—Todos os lugares são iguais para mim. Porque então não hei de ir lá tambem para ver, e examinar, e retirar-me, se não gostar?

E lá se foi ele, seguindo ás ocultas o Cão selvagem, muito devagarinho, muito devagarinho; e escondeu-se num cantinho, de onde podia ouvir tudo.

Quando o Cão Selvagem chegou á boca da Caverna, levantou com o focinho o couro de cavallo e aspirou o agradável cheiro de carneiro assado; e a Mulher, olhando para o osso chato, e ouvindo o cão, riu e disse:

— Aqui vem o primeiro. O' Coisa Selvagem, saída das Florestas Selvagens, que queres aqui?

E o Cão Selvagem disse:

— O' minha Inimiga, e Mulher do meu Inimigo, que é isto que cheira tão bem nas Florestas Selvagens?

(Continúa no proximo numero).

O gato que andava sózinho...

(CONTINUAÇÃO)

Então a mulher tirou um osso de carneiro assado e atirou-o ao Cão Selvagem, e disse:

— Coisa Selvagem, saída das Florestas Selvagens, prova e experimenta.

O Cão Selvagem roeu o osso, e aquilo era delicioso — mais delicioso do que tudo o que até então ele tinha provado — e disse:

— O' minha Inimiga, e Mulher do meu Inimigo, dá-me outro.

— Coisa Selvagem, saída das Florestas Selvagens, disse a Mulher, ajuda meu companheiro a caçar durante o dia, e guarda esta Caverna de noite, e eu te darei quantos ossos assados tu quizeres.

— Ah! disse o Gato, ouvindo isto, ela é uma Mulher muito sábia, mas não é tão sábia como eu!

O Cão Selvagem arrastou-se para dentro da Caverna, deitou a cabeça no colo da Mulher, e disse:

— O' minha Amiga, e Mulher do meu Amigo, eu ajudarei o Homem a caçar durante o dia, e á noite eu guardarei a tua Caverna.

— Ah! disse o Gato, ouvindo isto, que louco é este Cão!

E ele lá voltou para as Florestas Humidas e Selvagens, abanando o rabo selvagem, e andando pelo seu selvagem atalho. Mas não disse nada a ninguém.

Quando o Homem acordou, disse: — Que veio fazer aqui o Cão Selvagem?

E a Mulher respondeu:

— Seu nome não é mais Cão Selvagem, mas o Primeiro Amigo, porque ele será nosso amigo para sempre e sempre e sempre. Leva-o contigo quando fores caçar.

No dia seguinte a Mulher cortou grandes braçadas de erva fresca, bem verdinha, na varzea, e murchou-a deante do fogo, de modo que cheirava a feno recém cortado; e ela sentou-se á entrada da Caverna, e pôs-se a trançar uma corda de couro de cavallo; e olhou para o osso de carneiro — o grande osso largo e chato — e fez

um Encantamento. Ela fez o Segundo Canto Magico no Mundo.

Fóra, nas Florestas Selvagens, todos os animais selvagens queriam saber o que tinha acontecido ao Cão Selvagem, e afinal o Cavallo Selvagem escarvou a terra e disse:

— Eu vou lá ver, e virei dizer depois porque não voltou o Cão Selvagem. Vem comigo, Gato!

— Nanja! disse o Gato. Eu sou o Gato que anda sózinho, e todos os luga-



E o Cavallo Selvagem, corcoveando e tropeçando na comprida crina, disse: — E' verdade. Dá-me um pouco para comer.

E a Mulher disse:

— Coisa Selvagem, saída das Florestas Selvagens, abaixa a tua cabeça selvagem, e usa o que eu vou te dar, e comerás desta excelente grama tres vezes ao dia.

— Ah! disse o Gato ao ouvir isto, ela é uma Mulher habil, mas não é tão habil como eu.

O Cavallo Selvagem inclinou a cabeça, e a Mulher passou pelo seu pescoço a corda de couro trançado, e o Cavallo Selvagem resfolegou aos pés da Mulher, e disse:

— O' minha Senhora e Mulher do meu Senhor, eu te servirei, e servirei a meu Senhor, por amor desta excelente grama.

— Ah! disse o Gato, ouvindo isto: que Cavallo louco!

E ele lá voltou para as Florestas Humidas e Selvagens, agitando o rabo, e andou pelo seu atalho selvagem. Mas não disse nada a ninguém.

O mundo das crianças

O gato que andava sózinho...

(CONTINUAÇÃO)

Quando o Homem e o Cão voltaram da caça, o Homem perguntou:

— Que faz aqui o Cavallo Selvagem?

E a Mulher respondeu: — Seu nome não é mais Cavallo Selvagem, mas o Primeiro Servo, porque ele nos carregará de lugar em lugar, para sempre, e sempre e sempre. Monta nele quando fores caçar.

No outro dia, erguendo bem alto a cabeça selvagem, para que seus chifres selvagens não se embaraçassem nas arvores selvagens, veio á Caverna a Vaca Selvagem; e o Gato seguiu-a, e escondeu-se em um sitio de onde pudesse ouvir tudo, bem como fizera das outras vezes; e todas as coisas se passaram do mesmo modo. E quando a Vaca Selvagem prometeu que daria o seu leite todos os dias á Mulher, em troca da boa erva, o Gato voltou para as Florestas Humidas e Selvagens, abandonando o rabo selvagem, e andando pelo seu trilho selvagem, bem como fizera antes. Mas não disse nada a ninguém. E quando o Homem e o Cavallo e o Cão voltaram da caça, e fizeram as mesmas perguntas já sabidas, a Mulher disse:

— Seu nome não é mais Vaca Selvagem, mas a Doadora de Bom Alimento. Ela nos dará o seu leite branco e quentinho para sempre e sempre e sempre; e eu tratarei dela, enquanto tu e o Primeiro Amigo e o Primei-

ro Servo andarem caçando.

No dia seguinte o Gato esperou para ver se alguma outra Coisa Selvagem iria á Caverna; mas ninguém se moveu nas Florestas Humidas e Selvagens, e assim o Gato andou por ali sózinho; e viu a Mulher tirando o leite da Vaca, e viu o clarão do fogo na Caverna, e sentiu o cheiro do leite alvo e quente. E o Gato disse:

— O' minha Inimiga, e Mulher do meu Inimigo, onde foi a Vaca Selvagem?

A Mulher riu e disse:

— Coisa Selvagem, saída das Florestas Selvagens, volta para as Florestas outra vez, porque eu tranci meu cabelo, e deitei fóra o osso magico, e não precisamos de outros amigos ou servos em nossa Caverna.

E o Gato disse:

— Eu não sou um amigo, nem um servo. Eu sou o Gato que anda sózinho, e quero entrar na tua Caverna.

Respondeu-lhe a Mulher:

— Então porque não vies-



te com o Primeiro Amigo na primeira noite?

O Gato ficou furioso e disse:

— O Cão Selvagem andou contando coisas de mim?

Então a Mulher riu e disse:

— Tu és o Gato que anda sózinho, e todos os lugares são iguais para ti. Tu não

és nem um amigo, nem um servo, tu mesmo o disseste. Vai e anda sózinho em todos os lugares iguais.

Então o Gato fingiu que ficava triste e disse:

— E eu nunca poderei entrar na Caverna? Nunca poderei sentar perto do fogo quentinho? Nunca heberei o leite quente e branco? Tu és muito sábia e muito linda. Não podes ser cruel, mesmo para com um Gato.

— Eu sabia que era sábia, respondeu a Mulher, mas não sabia que era linda. Assim, farei contigo um ajuste: se eu em qualquer ocasião disser uma palavra em teu louvor, tu poderás entrar na Caverna.

— E se tu disseres duas palavras em meu louvor?

— Jamais o farei, disse a Mulher, mas se eu disser



duas palavras em teu louvor, poderás sentar perto do fogo.

— E se disseres tres palavras?

— Nunca o farei! Mas se eu disser tres palavras de louvor a ti, tu poderás vir beber leite quentinho e branco, tres vezes por dia, para sempre e sempre e sempre.

Então o Gato arqueou as costas e disse:

— Agora, ó Cortina da entrada da Caverna, e o Fogo do fundo da Caverna, e o Potes de leite perto do Fogo, recordai-vos do que a minha Inimiga e Mulher do meu Inimigo disse!

E ele lá se foi para as Florestas Húmidas e Selvagens, abanando o rabo selvagem, e andando pelo seu atalho selvagem.

Naquella noite, quando o Homem e o Cavalo e o Cão vieram de volta da caça, a Mulher não contou o contrato que tinha feito com o Gato, porque teve receio de que eles não gostassem.

O Gato andou por longe, e longe, e se escondeu nas Florestas Selvagens e Húmidas, e vagueou pelo seu selvagem atalho, por muito tempo, até que a Mulher esqueceu-o completamente. Só o Morcego — o Morceguinho de cabeça para baixo — pendurado dentro da Caverna, só o Morcego sabia onde o Gato se escondia; e todas as tardes, ao escurecer, o Morcego voava e ia levar ao Gato notícias do que se passava.

Uma tarde o Morcego disse:

— Ha agora um Nenê na Caverna. É novinho, e corado, e gordo, e pequenino; e a Mulher é louca por êle.

— Ah! disse o Gato, ao ouvir isto. E o Nenê, de que gosta êle?

— Oh! êle gosta de coisas macias e movediças. Gosta de ter uma coisa quentinha para segurar nos braços, quando dorme. Gosta mui-

to que brinquem com êle. E' louquinho por todas estas coisas.

— Ah! disse o Gato. Então chegou o meu dia.

Na noite seguinte o Gato atravessou as Florestas Húmidas e Selvagens, e escondeu-se perto da Caverna até vir o dia. O Homem e o Cão e o Cavalo saíram para a caça; a Mulher estava ocupada com a cozinha, e o Nenê chorava e interrompia-a. Ela levou-o para fóra da Caverna e deu-lhe uma mão cheia de pedrinhas para êle brincar. Mas o Nenê continuava a chorar.

Então o Gato espichou sua macia patinha, e deu tapinhas no rosto do Nenê, que começou a arrulhar de contente; e o Gato roçou o rabo pelos seus joelinhos roliços, e por baixo do queixinho rechonchudo; e o Nenê ria; e a Mulher ouviu, e sorriu.

Então o Morcego — o Morceguinho pendurado pelo rabo — disse lá da entrada da Caverna:

— O' minha Hospedeira, e Mulher do meu Hospedeiro, e Mãe do meu Hospedeiro! vem ver uma Coisa Selvagem, saída das Florestas Selvagens, que está brincando com o teu Nenê.

— Abençoada seja essa Coisa Selvagem, quem quer que ela seja, disse a Mulher, erguendo-se, porque eu estou muito atarefada hoje, e ela me presta um serviço.

E naquele mesmo minuto e segundo, meu Querido, a Cortina de couro de Cavalo, pendurada na entrada da Caverna, de rabo para baixo, caiu — *uuchhh!* — porque se lembrou do contrato que a Mulher tinha feito

com o Gato; e quando a Mulher veio pendura-la outra vez, vê tu! o Gato estava sentado, muito comodamente, dentro da Caverna.

— Oh! minha Inimiga, e Mulher do meu Inimigo, e Mãe do meu Inimigo, disse o Gato. Sou eu: porque tu

disseste uma palavra em mett louvor, e agora eu posso me sentar dentro da Caverna para sempre e sempre e sempre. Mas eu ainda sou o Gato que anda sózinho, e todos os lugares são iguais para mim.

(Continúa no próximo numero).



Recorte as figuras e cole-as em cartolina ou papelão. Faça buracos onde se vem as letras A e B. Prenda com um alfinete a roda grande (a dos pés) no lado de trás do vestido da boneca. Ponha no ponto B, um desses grampos que a gente usa para prender cadernos (grampos de latão). Coloque com alfinete a roda pequena no carrinho, bem no ponto A. Depois segure a figura grande pelo cinto e faça caminhar em cima da mesa, empurrando-a devagarinho. Si as rodas não se moverem com facilidade, faça os buracos maiores.

O mundo das crianças

O gato que andava sozinho..

(CONTINUAÇÃO)

A mulher ficou muito irritada, e apertou bem os lábios, e pegou na roca e começou a fiar. Mas o Nenê chorou, porque o Gato tinha ido embora; e a Mulher não pôde aquietá-lo, porque ele se debatia, e estremezia, e ficou com o rostinho negro.

— O' minha Inimiga, e Mulher do meu Inimigo, e Mãe do meu Inimigo, disse o Gato; pega num cordão do fio que estás fiando e amarra-o na rodinha da tua roca, e arrasta-a pelo chão; e eu to mostrarei uma Magica, que fará teu Nenê rir tanto como ele está chorando neste momento.



— Vou fazer isso, disse a Mulher, porque já não sei mais o que inventar; mas não te darei nenhum agradecimento.

Ela amarrôu o fio na rodinha de barro da roca e puxou o engenho pelo chão; e o Gato correu atrás da rodinha, e batia nela com as patinhas, e se enrodilhava até encostar a cabeça nos calcanhares, e atirava o brinquedo para cima das costas, e prendia-o entre as pernas trazeiras; e fingia que o perdia, e já o segurava de novo com as garras — e o Nenê ria tão ruidosamente, como tinha chorado um momento antes, e fazia esforços para agarrar o Gato, e se arrastava por toda a Caverna, até que ficou cansado, e deitou-se para dormir, com o Gato seguro nos braços.

— Agora, disse o Gato, vou cantar uma canção para o Nenê adormecer, e ele dormirá durante uma hora.

E começou a rosnar, alto e baixo, alto e baixo, até que o Nenê adormeceu. Ao vê-los assim no chão, sorriu a Mulher e disse:

— Que coisa admirável tu fizeste! Não ha duvida de que és muito habil, ó Gato!

Naquele mesmo minuto e segundo, meu Querido, a fumaça do Fogo, no fundo da Caverna, desceu do teto em nuvens, — puff! — porque ele se lembrou do ajuste que a Mulher tinha feito com o Gato; e quando tudo ficou outra vez claro — olha só! — o Gato estava sentado muito comodamente perto do fogo.

— O' minha Inimiga, e mulher do meu Inimigo, e Mãe do meu Inimigo, sou eu: porque tu me disseste uma segunda palavra de louvor, e agora eu posso sentar perto do fogo, no fundo da Caverna, para sempre e sempre e sempre. Mas ainda sou o Gato que anda sózinho, e todos os lugares são iguais para mim.

Então a Mulher ficou muito, muito irritada, e soltou o cabelo, e meteu mais lenha no fogo, e trouxe o osso largo, de homoplata de carneiro, e começou a fazer uma Magica,

para não lhe escapar uma terceira palavra em louvor do Gato. Mas era um Canto Magico, meu Querido, mas um Silêncio Magico; e pouco a pouco a Caverna ficou tão silenciosa, que apareceu num canto um ratinho miudinho, e correu subtilmente pelo chão.

— O' minha Inimiga, e Mulher do meu Inimigo, e Mãe do meu Inimigo, perguntou o Gato: aquele ratinho faz parte da tua Magica?

— O que? Credo! Não, não, disse a Mulher. E ela deixou cair o osso de carneiro, e saltou para cima de um escabelo em frente do fogo, e trançou depressa o cabelo, de modo que o ratinho pudesse subir por ele.

— Ah! disse o Gato, que estava á espreita; então o ratinho não me fará mal, se eu o comer?

— Não, disse ela, trançando sempre o cabelo; come-o depressa, e eu te ficarei para sempre agradecida.

O Gato deu um salto, e agarrou o ratinho, e a Mulher disse:

— Cem vezes obrigada. Nem o Primeiro Amigo é tão agil como tu para apanhar o ratinho. Tu deves ser muito sabio!

(Continua no proximo numero)



O mundo das crianças

O gato que andava sozinho...

(CONTINUAÇÃO)

Naquele mesmo minuto e segundo, ó meu Querido, o Pote de leite, que estava perto do fogo, partiu-se em dois pedaços — **tree!** — porque se lembrou do contrato que a Mulher fizera com o Gato; e quando ela saltou abaixo do banchinho, vê tu! o Gato já estava lambendo o leite quente e alvo, que ficou num dos cacos do pote.

— O' minha Inimiga, e Mulher do meu Inimigo, e Mãe do meu Inimigo, disse então o Gato: sou eu; porque tu disseste tres palavras em meu louvor, e agora eu posso beber o leite alvo e quentinho, tres vezes por dia, para sempre e sempre e sempre. Mas eu **ainda** sou o Gato que anda sózinho, e todos os lugares são iguais para mim.

Então, a Mulher deu ao Gato uma tigela de leite branco e quente, e disse rindo:

— O' Gato, tu és tão astuto como um Homem, mas recorda-te de que teu contrato não foi feito com o Homem nem com o Cão, e eu não sei o que farão eles quando voltarem.

— Que me importa? Se eu tiver meu lugar na Caverna ao pé do fogo, e meu leite quentinho e alvo tres vezes por dia, bem se me dá do que o Homem e o Cão possam fazer!

Naquela tarde, quando voltaram o Homem e o Cão, a Mulher contou-lhes toda a historia do ajuste, enquanto o Gato, sentado perto do fogo, sorria. E o Homem disse:

— Pois sim; mas ele não fez um contrato **comigo**, nem com todos os homens ás direitas que vierem depois de mim.

E ele tirou suas botas de couro, e pegou na sua pequena acha de pedra (eram pois tres coisas), e trouxe mais um tóro de lenha, e uma machadinha (eram agora cinco coisas); colocou tudo em fila e disse:

— Agora vamos fazer o nosso ajuste. Se tu não apanhares ratos, quando estiveres na Caverna para sempre e sempre e sempre, eu te atirarei estas cinco coisas ás costas onde quer que eu te encontre, e assim farão todos os homens ás direitas que vierem depois de mim.

— Ah! disse a Mulher ouvindo isto; ele é um Gato muito inteligente, mas não é tão inteligente como meu Marido.

O Gato contou as cinco coisas, que lhe pareceram cheias de asprezas, e disse:

— Eu caçarei ratos enquanto estiver na Caverna, para sempre e sempre e sempre; mas eu **ainda** sou o Gato que anda sózinho, e todos os lugares são iguais para mim.

— Não quando eu estiver perto de ti, disse o Homem. Se não tivesse dito esta ultima palavra, eu deixaria de parte aquelas tres coisas para sempre e sempre; mas agora eu hei de atirar-te ás costas as minhas duas botas e a minha acha de pedra (são tres coisas), onde quer que eu te veja. E assim farão todos os Homens ás direitas que vierem depois de mim!

Então o Cão falou:

— Espera um momento. Ele não faz ajuste **comigo**, nem com todos os Cães ás direitas que vierem depois de mim.

E voltou-se para o Gato, mostrando os dentes, e continuou:

— Se tu não fores bom para o Nenê enquanto eu estiver na Caverna, para sempre e sempre e sempre, eu te darei caça até te apanhar, e quando eu te apanhar eu te morderei. E assim farão todos os Cães ás direitas que vierem depois de mim.

Ah! Ele é um Gato muito ladino, mas não é mais ladino do que o Cão! disse a Mulher ao ouvir isto.

O Gato contou os dentes do Cão, que lhe pareceram muito pontudos, e disse:

— Eu serei bom para o Nenê enquanto estiver na Caverna, desde que ele não puxe meu rabo com muita força, para sempre e sempre e sempre. Mas eu **ainda** sou o Gato que anda sózinho, e todos os lugares são iguais para mim.

— Não quando eu estiver perto, disse o Cão. Se tu não tivesses dito esta ultima palavra, eu teria fechado a minha

(Continúa no fim deste numero)



James (15 anos).

As cinco crianças bonitas que se vêem nesta pagina são filhas de Mr. Long, secretario-geral da Associação Cristã de Moças e de Mrs. Long, aquela senhora que escreveu recentemente um lindo livro que se chama — **CORAÇÕES FELIZES.**



Eulalee — (13 anos) — Edith (3 anos)



Luiz (9 anos)



Millard (12 anos)

O gato que andava sozinho...

(CONCLUSÃO)

boa para sempre e sempre e sempre; mas agora eu vou te dar caça sobre as árvores, onde quer que eu te encontro. E assim terão todos os Cães às direitas, que vierem depois de mim.

Então o Homem atira no Gato as duas botas e a acha de pedra (eram três coisas); e o Gato correu, e saiu da Caverna, e trepou por uma árvore acima, e o Cão perseguia-o; e desde aquele dia até hoje, meu Querido, tres Homens, em cinco, atiram, e o Gato onde quer que o encontrem, e todos os Cães às direitas dão-lhe caça até obrigá-lo a trepar a uma árvore. Mas o Gato conserva também a sua par-



te no ajusto; ele mata os ratos, e é bom para os Nemés quando está em uma casa, desde que eles não lhe puxem pelo rabo com muita força.

Mas depois disso, e quando a lua nasce e chega a noite, ele é o Gato que anda sozinho, e todos os lugares são iguais para ele. Então ele sai para as Florestas Húmidas e Selvagens, ou sobe às Árvores Húmidas e Selvagens, ou pelos Tetos Húmidos e Selvagens, agitando o rabo selvagem, e cantando pela sua selvagem solidão.

O LEGITIMO

LEITE DE MAGNESIA

tem a marca de

GRANADO



Não se deixem iludir pelos similares.

BRONQUITES, GRIPPES, TOSSES, FRAQUEZA GERAL

SOLUÇÃO

SAPPHIROL

PODEROSO TONICO DOS PULMÕES

A propósito do encarecimento constante das cerejas, um jornal suíço lembra que essa é uma das frutas de que nosso organismo mais aproveita, por conter 80% de água (79,8 em média). Descontada a casca e o caroço, ficam 12% de matéria útil.

Quinhentas grammas de cerejas contêm apenas 3 grams. 35 de albuminoides. Seria pois necessário comer 14 kilos de cerejas, para introduzir no organismo a quantidade de albuminoides necessária á alimentação de um dia. Mas como vinte e quatro horas não são suficientes a um estomago humano para assimilar 14 kilos de cerejas, o problema da alimentação com tal fructa é insolúvel.

Por outro lado, a cereja contém 10% de açúcar. A maçã contém apenas 7%, os morangos 6%. Só as uvas são, nesse terreno, superiores ás cerejas. Contém 14 a 22% de açúcar.

Geralmente, o erro não é uma verdade, que se engana de data.

Chamam-se bem pensadas ás pessoas que têm o habito de não pensar.

A maioria das pessoas falla não para exprimir suas ideias, mas apenas para as ter.

Cada vez que não comprehendem, as mulheres têm um sorriso doce e então julgamos que ellas comprehenderam.

Clark Gable vai vencendo...

(CONCLUSÃO)

tamente para casa. Clark os odiava por isso. Odiava-os e insistia no seu proposito. Diz hoje:

— Já não mais se edeta hoje. Aprecho-os. Compreendo que tudo aquilo me auxiliou a aprendizagem.

Resumindo a historia: Clark Gable triumphou brilhantemente no cinema. Hoje é rico. Depois de muito procurar, descobriu o pai numa estancia de Dakota do norte. Tinha desistido do negocio das passas. Foi preciso que decorresse um ano e que se trocassem varias, innumeras

cartas para que o velho concordasse em vir. Hoje ele mora numa casinha modesta não muito longe da grande casa de Clark. Isto prova que a impulsividade da juventude se transforma em tolerancia na maturidade. E tambem prova que, si Clark Gable tivesse seguido inconscientemente os conselhos paternos, hoje seria talvez um mau negociante de oleo (talvez já falido) ao passo que, seguindo como seguiu, a sua vocação, é hoje um artista notavel e senhor de grandes bens.

Não é moço bonito. Começou como ator, como gangster, como chauffeur que esbofetou uma jovem... Hoje é Gail. Gail de papéis fortes. É quasi feio. Mas tem personalidade e charme. Bela máscara masculina. Um sorriso admiravelmente expulso. Boa voz. Dotes artisticos. Bom fisico.

E por tudo isto Clark Gable vai vencendo...

ANEXO N – SEQÜÊNCIAS NARRATIVAS

História em quadrinhos

<u>Jeca, Juca e Joca</u>	<u>sem título</u>	<u>Jeca, Juca e Joca</u>
<ol style="list-style-type: none"> 1.Jeca, Juca e Joca reclamam que nem parece Dia de Natal 2.A avestruz faz uma surpresa aos meninos 3.Leva-os para uma caverna e transforma a coluna e as pedras numa árvore de Natal e confeitos 4.As crianças ficam felizes 	<ol style="list-style-type: none"> 1.Coelho Osvaldo, coelho Zeca e Pintinho vão dar um passeio de bote no rio. 2.Convidam o leitão para ir junto. 3.O leitão aceita o convite; 4.O bote vira devido ao seu peso e todos quase se afogam. 	<ol style="list-style-type: none"> 1.Jeca, Juca e Joca batem numa casa e pedem comida. 2.Uma mulher dá comida para eles e pergunta o que mais eles querem. 3. Através de Mágicas ela satisfaz as vontades dos meninos até que eles pedem para voltar para casa.

Seqüência Narrativa: História em quadrinhos

<u>Sem título</u>	<u>Pedro o pirata</u>	<u>Aventuras do capitão Barbicha</u>
<ol style="list-style-type: none"> 1.Um macaco comprou uns óculos. 2.Colocou os óculos em vários lugares do corpo, menos no devido lugar. 3.Após várias tentativas concluiu que o objeto não prestava para nada. 4.<i>É que ele não sabia que não basta que uma coisa seja boa. É preciso saber usá-la.</i> 	<ol style="list-style-type: none"> 1.Pedro vai para alto mar à procura de navios para roubar. 2.Uma tempestade e o surgimento de uma baleia levam o pirata à morte. 	<ol style="list-style-type: none"> 1.O capitão não consegue apanhar os limões no limoeiro. 2.Seus sobrinhos resolvem ajudá-lo. 3.Soltam o bode que prensa o tio contra árvore e os limões caem. 4.Com dor pela “chifrada”, o tio faz os caramelos, que são elogiados pelos sobrinhos.

Seqüência Narrativa: Lendas

<u>A lenda da princesa Moura</u>	<u>Lendas de São João</u>	<u>A lenda do Miosótis</u>
<ol style="list-style-type: none"> 1.No Oriente, reinava o sultão Saaúd com sua filha Fátima, princesa do Vechabitas. 2.Por amor à princesa, Orzaban deixou o seu país e foi trabalhar como escravo na corte dos Vechabitas. 3.Num dia de festa no palácio, os dois se encontram secretamente. 4.Piratas chegam e levam a princesa Fátima e sua amiga para as montanhas. 5.Orzaban promete salvar a princesa. 6.Surge o gênio do fogo. 7.Uma fada aplaca o furor do espírito e tranqüiliza as jovens. 8.Ao toque de sua mágica 	<ol style="list-style-type: none"> 1.Nossa Senhora, grávida, visita sua prima Isabel, também grávida. 2.Nossa Senhora solicita à prima que lhe mande um sinal, avisando do nascimento do filho. 3.Quando São João nasce, Santa Isabel acende uma fogueira como aviso. 	<ol style="list-style-type: none"> 1.Jesus nasce em Belém. 2.Herodes manda matar todos os meninos com menos de dois anos de idade. 3.Um anjo aparece em sonho para São José e diz para levar Jesus para o Egito. 4.Na hora da partida um espinheiro pede para tocar no manto do menino 5.Sem querer rasga o manto com seus espinhos. 6.O espinheiro, arrependido, chora. 7.Jesus toca no espinheiro e os espinhos transformam-se em flores; 8. Assim nasceu o miosótis.

<p>surge uma flor. 9.Das pétalas um espírito traz a lâmpada de Aladim. 10.Sua luz adormece as prisioneiras. 11.Orzaban aparece para libertá-las. 12.A princesa volta para sua corte. 13.O sultão descobre que Orzaban descende de uma estirpe de heróis. 14.O amor entre os dois sagra-se entre festas.</p>		
---	--	--

Seqüência Narrativa: Fábulas

<u>Os animais e a peste</u>	<u>A garça velha</u>	<u>O gato Vaidoso</u>
<p>1.Num ano de peste entre os animais, o leão chama a conselho o chimpanzé. 2.O chimpanzé diz que a peste é resultado da cólera divina e que é preciso sacrificar um animal para aplacar a divindade. 3.O leão decide sacrificar o animal que tiver mais crimes e encarrega a raposa de fazer o julgamento. 4.As feras de garras afiadas confessam seus crimes e são absolvidas por ela; 5.O burro, que cometeu um delito menor, é condenado e eleito para o sacrifício.</p>	<p>1.A velha garça não enxerga mais os peixes na lagoa. 2.Então manda o caranguejo dizer que a lagoa vai ser esvaziada. 3.Os peixes pedem ajuda para a garça. 4.Ela propõe levar o cardume para o poço. 5.Os peixes aceitam o oferecimento. 6.A garça leva os peixes para um tanque pequeno e com águas límpidas. 7.Agora pode pegar peixes até o fim da vida.</p>	<p>1.Dois bichanos moram na mesma casa. 2.Um dorme em almofadões, toma leite e come no colo da dona. 3.O outro dorme no borralho e come as espinhas dos peixes. 4.Certo dia, cruzam-se no telhado. 5.O bichano de luxo manda o outro passar longe. 6.O bichano maltratado replica: o que os diferencia é a sorte. 7.<i>Quantos homens não transformam em nobreza o que não passa de um bocado maior de sorte.</i></p>

Seqüência Narrativa: Fábulas

<u>Os dois viajantes na macacolândia</u>	<u>Mal maior</u>
<ol style="list-style-type: none"> 1. Dois viajantes do sertão acabam presos no reino dos macacos. 2. El-rei Simão pergunta o que acharam do seu reino. 3. Um deles elogia o reino e é solto. 4. O segundo viajante, amigo da verdade, responde que é uma macacalhada. 5. Simão manda dar-lhe uma surra. 6. <i>Quem é amigo da verdade, traga couraça ao lombo.</i> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O bem-te-vi conta que o sol vai casar. 2. As rãs não gostam da notícia. 3. Temem a seca. 4. Se um sol seca os brejos, imagina uma família deles.

Seqüência Narrativa: Fábulas

<u>O burro sábio</u>	<u>O lobo velho</u>	<u>A onça e o gato</u>
<ol style="list-style-type: none"> 1. Numa assembléia de bichos, o burro compareceu sem ser convidado. 2. Só disse asneiras. 3. Quando terminou seu discurso, recebeu um sermão do elefante. 4. <i>Um tolo nunca é mais tolo do que quando se mete a sábio</i> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Um lobo doente não pode caçar. 2. A raposa visita o lobo que lhe pede comida. 3. A raposa engana a ovelha e a leva para a casa do lobo. 4. O lobo come a ovelha. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O gato ensinou a onça a pular. 2. A onça propôs pegar o calandro num pulo. 3. O gato pulou no calandro. 4. A onça pulou no gato, mas ele escapou. 5. O gato não ensinou tudo sobre saltar. 6. <i>Nem tudo os mestres ensinam a seus aprendizes.</i>

Seqüência Narrativa: Fábulas

<u>O carreiro e o papagaio</u>	<u>O macaco e o gato</u>
<ol style="list-style-type: none"> 1. O carro do carreiro atola na lama. 2. O homem começa a se lamuriar, evocando São Benedito 3. Um papagaio imita a voz do santo e ensina como sair do atoleiro. 4. O carreiro agradece ao santo e o papagaio responde: 5. <i>Ajuda-te e o céu te ajudará</i> 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O macaco e o gato divertem-se na casa. 2. O macaco sempre leva vantagem. 3. Os dois resolvem comer castanhas na cozinha. 4. Enquanto o gato tira as castanhas, o macaco come. 5. A cozinheira surge e os dois fogem para o telhado. 6. O gato reclama que não provou das castanhas. 7. O macaco replica: <i>O bom bocado não é para quem o faz, mas para quem o come.</i>

Seqüência Narrativa: Fábulas

<u>O peru medroso</u>	<u>O cavalo e as mutucas</u>
<p>1.O peru e o galo estão empoleirados na mesma árvore.</p> <p>2.Quando o peru vê uma raposa fica assustado.</p> <p>3.A raposa chama a atenção do peru que tonteia e cai do galho.</p> <p>4.A raposa o pega com os dentes.</p>	<p>1.O cavaleiro chicoteia as mutucas gordas no cavalo.</p> <p>2.O animal diz ao cavaleiro que deve matar somente as famintas.</p> <p>3.O cavalo sofre em vão com as lambadas pois as gordas não causam mal.</p> <p>4.<i>Quantos benefícios assim, benefícios só na aparência.</i></p>

Seqüência Narrativa: Contos

<u>A princesa e o rei Barbabranca</u>	<u>Luizinha, o gato e o tico-tico</u>	<u>O tesouro</u>
<p>1.A princesa recusa todos os seus pretendentes.</p> <p>2.O rei obriga a filha a casar com um mendigo.</p> <p>3.A orgulhosa parte com o mendigo.</p> <p>4.Descobre que tudo o que vê no caminho é do rei Barbabranca.</p> <p>5.Um dos pretendentes recusados.</p> <p>6.Chegam a uma cabana miserável.</p> <p>7.Procura emprego no palácio.</p> <p>8.Apresenta-se ao soberano.</p> <p>9.Descobre que o rei Barbabranca é seu marido; ser mendigo era um disfarce.</p>	<p>1.O gato Bonifácio ronda a gaiola do tico-tico Zezé para comê-lo.</p> <p>2.Luizinha lhe diz que vai receber castigo divino, se matar os passarinhos para comer.</p> <p>3. O gato responde que prender os passarinhos na gaiola também merece castigo de Deus.</p> <p>4.Então, Luizinha solta o tico-tico.</p>	<p>1.João e Pedro, dois irmãos órfãos, são aprendizes de carpinteiro.</p> <p>2.Os dois recebem uma herança e partem para buscá-la.</p> <p>3.Descobrem que a herança é uma casa arruinada e terrenos incultos.</p> <p>4.Uma velhinha informa que ali existe um tesouro enterrado.</p> <p>5. Os irmãos cavam a terra e nada encontrando resolvem usá-la para plantar.</p> <p>6. Tempos depois a velhinha procura os rapazes.</p> <p>7.Eles lhe contam que não encontraram o tesouro.</p> <p>8.A velhinha, mostrando a terra cheia de flores e frutos, diz que o tesouro é o produto do trabalho.</p>

Seqüência Narrativa: Contos e Anedota

<u>A lagartixa astuta</u>	<u>A esperteza dum peixinho</u>	<u>Qualidade e quantidade</u>
<p>1. Uma lagartixa entra na cova da lebre.</p> <p>2.A lebre, medrosa, pergunta quem está na sua casa.</p> <p>3.A lagartixa responde que é um guerreiro invencível.</p> <p>4.A lebre pede ajuda ao chacal, ao leopardo, ao rinoceronte e ao elefante para expulsá-lo.</p> <p>5.Todos têm medo, menos o sapo que descobre a lagartixa.</p> <p>6.Ela lhe conta a verdade e tudo termina em risadas.</p>	<p>1.Guida era pobre, mas não ficava triste por isso.</p> <p>2.Um dia acompanhou a vizinha à cidade.</p> <p>3.Viu bonecas numa loja e ficou triste por não ter uma.</p> <p>4.O peixinho ficou com pena dela e quando nadava avistou uma boneca no chão. 5.Ele puxou-a para a água e a levou para a menina.</p> <p>6.Guida viu a boneca, ficou feliz e cantou.</p> <p>7.O peixinho adorou ouvi-la cantar de novo.</p>	<p>1.O mouro foi falar numa roda de sábios e foi expulso.</p> <p>2.Jurou provar que é um grande figurão e os sábios, uns tolos.</p> <p>3.Foi até uma praça pública e pôs-se a declamar asneiras e tolices.</p> <p>4.A multidão aplaudiu.</p> <p>5.Um dos sábios retruca:</p> <p>6.- <i>A opinião de qualidade despreza a opinião de quantidade.</i></p>

Seqüência Narrativa: Contos

<u>Um sabiá na gaiola</u>	<u>O leão, o lobo e a raposa</u>	<u>A raposa sem rabo</u>
<p>1.O sabiá lamenta estar preso na gaiola.</p> <p>2.Ele vê o caçador chegar com passarinhos ensangüentados.</p> <p>3.O sabiá alegre-se porque está vivo e espera recuperar sua liberdade.</p> <p>4.<i>Antes penar que morrer!</i></p>	<p>1.Um leão doente quer visitas e remédios.</p> <p>2.Os animais levam ervas e conselhos, mas a raposa não aparece.</p> <p>3.O lobo diz que ela não se importa com o leão.</p> <p>4.O leão manda trazer presa a raposa e ela se vinga.</p> <p>5.Afirma que a cura para o doente é capote de lobo.</p> <p>6.O leão mata o lobo, pega sua pele e come sua carne.</p>	<p>1.Uma raposa cai em uma armadilha e perde a cauda.</p> <p>2.Reúne as raposas e propõe a todas ficarem sem a cauda.</p> <p>3.As raposas pedem que se vire.</p> <p>4.Ela vira e todos riem e correm a raposa, com vaias.</p>

Seqüência Narrativa: Contos

<u>Burro na pele do leão</u>	<u>Os dois burrinhos</u>	<u>Chuca e o homem de areia</u>
<p>1.O burro coloca uma pele de leão e foge.</p> <p>2.O homem, dono da pele, aparece e o burro ruge para assustá-lo.</p> <p>3.Em vez do urro, sai um zurro e o homem desconfia.</p> <p>4.Enxerga as orelhas de burro e lhe tira a pele de leão.</p> <p>5.Monta no animal e toca o burro para casa.</p>	<p>1.Dois burrinhos seguiam pela estrada: o da frente conduzia ouro em pó, o outro, sacos de farelo.</p> <p>2.O da frente considerava quem carrega farelo inferior.</p> <p>3.Surgem ladrões que descobrem o ouro e partem para o saque.</p> <p>4.O burrinho resiste, apanha dos ladrões e pede ajuda ao outro.</p> <p>5.O burrinho do farelo se aproxima e o outro reconhece que os dois são iguais.</p> <p>6.O burrinho do farelo pensa que o outro é como os grandes fidalgos, só valem pelo cargo que ocupam.</p> <p>7.Ele ajuda o burrinho vaidoso, guardando a lição que ardia no lombo do outro.</p>	<p>1.Um homenzinho encheu um saco com areia da praia e foi para a cidade.</p> <p>2.Enquanto caminhava ia jogando punhados de areia para o ar.</p> <p>3.Chuca ouviu falar no homem que jogava areia nos olhos das pessoas.</p> <p>4.O homem de areia estava invisível, Chuca só enxergava a borla do barrete dele.</p> <p>5.Ele viu Chuca e jogou areia no seu rosto.</p> <p>6.No outro dia encontraram o Chuca dormindo.</p> <p>7.Dizem que o homem de areia era feiticeiro.</p>

Seqüência Narrativa: Contos

<u>O burrico, o palhaço e outros bichos</u>	<u>Flecha Direita</u>	<u>Era uma vez um gnomo</u>
<p>1.O palhaço, montado num burrico, divulga o circo pela cidade.</p> <p>2.A caravana circense enche de rumor a vila e à noite o circo está repleto.</p> <p>3.Durante a apresentação do espetáculo o povo vibra.</p>	<p>1.O campo está coberto de neve.</p> <p>2.O chefe chama seus filhos Castorzinho, Filhote de Lobo e Caniço Flexível.</p> <p>3.O pai pede para o mais velho fazer uma estrada direita como uma flecha.</p> <p>4.O menino fez o semicírculo da</p>	<p>1.O anãozinho Pirulito perdera sua coragem.</p> <p>2.Procurou por vários lugares e não achou.</p> <p>3.Avistou um urso ferido, cuidou dele e perguntou-lhe se vira sua coragem.</p>

	<p>lua nova.</p> <p>5.O pai faz o mesmo pedido para o segundo filho, ele faz o semicírculo da lua velha.</p> <p>6.Chega a vez de Caniço Flexível, ele traça na neve um risco direito e firme como a lâmina de uma faca.</p> <p>7.O chefe dá uma flecha enfeitada para ele e muda seu nome para Flecha Direita.</p>	<p>4.O animal não vira a coragem de Pirulito.</p> <p>5.Pirulito perguntou ao porco que respondeu que não viu.</p> <p>7.Um mendigo pediu a Pirulito uma esmola.</p> <p>8.Pirulito deu-lhe uma pedra mágica.</p> <p>9.Agradecido, o mendigo indicou onde estava a coragem de Pirulito.</p> <p>10.Pirulito correu até o local e encontrou a sua coragem.</p>
--	--	---

Seqüência Narrativa: Contos

<u>A Pedra</u>	<u>O pato e o canguru</u>	<u>Mãe Gansa</u>
<p>1.Yanni era um rapaz grego que vivia numa cidade governada pelos turcos.</p> <p>2.O pai cultivava frutas e verduras que vendia no mercado.</p> <p>3.O menino foi levar damascos para vender e foi assaltado e agredido por rapazes turcos.</p> <p>4.Pediú ajuda a um homem poderoso que atirou uma pedra no menino.</p> <p>5. Yanni guardou a pedra para vingança.</p> <p>6.Meses depois o homem poderoso perdeu suas riquezas, foi insultado e apedrejado na rua.</p> <p>7.Yanni levou a pedra para atirar nele, mas desistiu da idéia.</p>	<p>1.O pato pede para viajar com o canguru.</p> <p>2.Depois de alguma resistência, o canguru aceita a proposta.</p> <p>3.Os dois partem.</p>	<p>1.Era uma velha que sabia muitas histórias.</p> <p>2.Tia Nativa contava que a Mãe gansa queria ser a mãe- virgem das lendas e histórias que inventara.</p> <p>3.Essas histórias são a sua riqueza.</p>

Seqüência Narrativa: Contos

<u>Era uma vez um porco</u>	<u>As aventuras de Dick e de seu gato</u>	<u>O acampamento de Tónico</u>
<p>1.Pipa era um porco gordo, porque era muito guloso.</p> <p>2.No Natal, foi morto, assado e seu corpo foi comido.</p> <p>3.Sua alma voou para o outro mundo.</p>	<p>1.Dick era um menino órfão e pobre que vivia na Inglaterra.</p> <p>2. Foi para Londres, pois quem ia para lá fazia muito dinheiro, mas não encontrou as ruas calçadas de ouro.</p> <p>3.Um senhor deu pão e trabalho no campo para ele e, terminado o trabalho, voltou para a cidade.</p> <p>4.Um comerciante deu-lhe casa, comida e trabalho, mas o lugar onde dormia era cheio de ratos.</p> <p>5.Dick ganhou um níquel, lustrando as botinas de uma visita.</p> <p>6.Com o dinheiro comprou um gato e se livrou dos ratos.</p> <p>7.Sempre que um navio partia, o</p>	<p>1.Tónico resolveu acampar com seus amigos.</p> <p>2.Armaram a barraca, fizeram fogo, exploraram a montanha.</p> <p>3.Começou a chover e todos entraram na barraca.</p> <p>4.Quando a chuva parou, voltaram para casa.</p>

	<p>comerciante enviava dinheiro e mercadorias para negociar.</p> <p>8.Dick teve que dar o seu gato para negócio.</p> <p>9.O navio aportou num país de população negra que tinha muitos ratos.</p> <p>10.O capitão vendeu o gato ao soberano do país.</p> <p>11.Dick recebeu o dinheiro e colocou uma loja.</p>	
--	--	--

Seqüência Narrativa: Contos

<u>O gênio da maldade</u>	<u>O bravo Tommy</u>	<u>O príncipe Lancelot e as fadas</u>
<p>1.Joca joga longe o livro com histórias de fadas e diz que elas não existem.</p> <p>2.Brinca com seu irmão pelo mato, quando ouvem a voz de uma criatura esquisita.</p> <p>3.Era um duende que desafia os meninos a pegá-lo e os dois correm atrás dele.</p> <p>4.O duende diz que é um gênio, primo do Pedro Malazarte, amigo do Saci, companheiro do Negrinho do Pastoreio.</p> <p>5.Afirma que não se deve fazer troça do que não se conhece.</p> <p>6.Os irmãos dão-lhe o nome de Gênio da maldade.</p>	<p>1.Tommy está na praia com seus amigos</p> <p>2.A boneca de sua amiga é lançada ao mar em brincadeira dos amigos.</p> <p>3.Tommy entra no mar, salva a boneca, mas quase se afoga.</p> <p>4.Traz a boneca de volta e a amiga fica feliz e agradecida.</p>	<p>1.O príncipe comeu uma baga mágica para se transformar num elfo.</p> <p>2.O rei e a rainha se desesperam ao ver o filho definhando dia a dia.</p> <p>3.A rainha faz um acordo com a Rainha das Fadas, para que ela quebre a magia.</p> <p>4.Os elfos podem freqüentar o castelo e brincar com o príncipe solitário, até que lhe surjam novos companheiros.</p> <p>5.Tempos depois, o príncipe ganha uma irmã e um irmão, para lhe fazer companhia.</p> <p>6.Desde então, os elfos e as fadas aparecem de vez em quando para ver seu amiguinho.</p>

Seqüência Narrativa: Contos

<u>O Troca-bolas</u>	<u>O príncipe encantado</u>	<u>Branca de Neve</u>
<p>1.Gorducho era um ursinho que trocava as bolas: dormia de dia, dizia tudo de trás para diante e andava de costas.</p> <p>2.Toda a família acabou falando e fazendo tudo ao contrário.</p> <p>3.Uma noite a família viu uma colméia em cima da árvore.</p> <p>4.O ursinho foi pegar o mel de costas e as abelhas o atacaram e o picaram.</p>	<p>1.A filha do rei brincava perto de um poço com sua bola de ouro.</p> <p>2.Certa vez a bola caiu no poço e uma rã surgiu de dentro dele.</p> <p>3.A rã prometeu ajudar se a jovem a levasse para morar com ela.</p> <p>4.A princesa fingiu aceitar a proposta e a rã devolveu a bola à princesa, mas ao recuperar o objeto, a princesa saiu correndo.</p>	<p>1.Quando Branca de Neve nasceu, sua mãe morreu e o rei casou novamente</p> <p>2.Sua nova esposa sempre perguntava ao espelho quem era a mais bela do reino.</p> <p>3.Quando o espelho respondeu que a mais bela era Branca de Neve, a madrasta mandou um caçador matar a menina, o qual, com pena da criança, deixou-a ir embora.</p> <p>4.A criança correu pela floresta e encontrou uma casinha dos anões que deixaram-na morar com eles.</p>

<p>5.Troca-bolas sentiu dor, desceu da árvore e caminhou de frente para casa.</p> <p>6.Sua família correu de frente, para cuidar de seus ferimentos.</p> <p>7.Agora Troca-bolas e sua família andam sempre de frente.</p> <p>8.Bastou uma lição para ele aprender.</p>	<p>5.No dia seguinte, a rã foi até o palácio reclamar o prometido.</p> <p>6.Ao saber o ocorrido, o rei obrigou a filha a cumprir sua promessa.</p> <p>7.No quarto, a princesa jogou a rã contra a parede e, quando ela caiu no chão, se transformou num lindo príncipe.</p> <p>8.Ele havia sido enfeitiçado e só uma princesa poderia libertá-lo.</p> <p>9.Na manhã seguinte foram para o seu reino.</p>	<p>5.Quando soube que Branca de Neve continuava viva, a rainha, disfarçada, foi à casa dos anões e ofereceu a Branca de Neve um cordão de seda.</p> <p>6.A mulher amarrou apertado o cordão de seda na princesa, que desfaleceu.</p> <p>7.Os anões cortaram o cordão e a menina recuperou os sentidos.</p> <p>8.O espelho contou à rainha que Branca de Neve continuava viva.</p> <p>9.A rainha preparou uma maçã envenenada para Branca de Neve que, ao morder a fruta caiu como morta.</p> <p>10.Um príncipe encontrou Branca de Neve no caixão de cristal e quis levá-la com ele.</p> <p>11.O caixão caiu e o pedaço de maçã saltou da boca.</p> <p>12.Branca de Neve acordou e casou com o príncipe.</p>
--	--	--

Seqüência Narrativa: Contos

Os sapatos vermelhos

- 1.Uma pobre menina que andava descalça, ficou órfã.
- 2.Uma velha senhora tomou conta dela e lhe deu um par de sapatos vermelhos.
- 3.No domingo Karen calçou os sapatos vermelhos e foi à igreja participar da Sagrada Comunhão.
- 4.Um velho soldado, à porta da igreja, comentou que seus sapatos eram de dança.
- 5.Karen deu alguns passos de dança e não conseguiu mais parar. Tirou os sapatos e os pés ficaram quietos.
- 6.A senhora que criava Karen adoeceu e ela teve que cuidar dela.
7. Karen foi convidada para um baile.
- 8.Calçou os sapatos vermelhos e, deixando a doente sozinha, foi dançar, mas quando quis parar, os pés não obedeceram a sua vontade.
9. Assustada, tentou tirar os sapatos, mas não conseguiu e continuou dançando de dia e de noite, sem parar.
10. Já com os pés sangrando, pediu que o carrasco cortasse seus pés.
- 11.O carrasco atendeu seu pedido. Depois fez pernas de pau e muletas para ela e ensinou-lhe o canto dos condenados.
- 12.Arrepentida, procurou o pároco, oferecendo-se para trabalhar, sem receber salário e, na igreja, Karen ouvia atentamente a leitura da Bíblia. 13.Sozinha e triste em seu quarto, pediu ajuda a Deus, quando apareceu o Anjo trazendo alento e sua alma voou para o céu.

Sandra Tessler Rodrigues
Curriculum Vitae

Dezembro/2007

Sandra Tessler Rodrigues

Curriculum Vitae

Dados Pessoais

Nome Sandra Tessler Rodrigues
Nome em citações bibliográficas RODRIGUES, Sandra Tessler
Sexo feminino

Filiação Carlos Tessler e Nilza de Oliveira Ramão
Nascimento 16/06/1965 - Uruguaiana/RS - Brasil
Carteira de Identidade 7027736789 ssp - RS - 18/07/1997
CPF 45729751087

Endereço residencial Rua Marconi, 360/103
Partenon - Porto Alegre
91530160, RS - Brasil
Telefone: 33171867
URL da home page: <http://>

Endereço profissional Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação,
Escola Municipal São Pedro
Beco da Taquara s/n
Lomba do Pinheiro - Porto Alegre
91550110, RS - Brasil
Telefone: 33191206

URL da home page: <http://>

Endereço eletrônico

e-mail para contato : stessler@zipmail.com.br
e-mail alternativo : stessler@zipmail.com.br

Formação Acadêmica/Titulação

2002 - 2003 Especialização em Literatura Infanto Juvenil.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre,
Brasil
Título: Um Estudo de Literatura Infantil Brasileira
Orientador: Vera Teixeira de Aguiar

1985 - 1994 Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literatura.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
Título: Monografia sobre o estudo da obra 'Dom Casmurro' de Machado de
Assis.
Orientador: Homero

Formação complementar

1986 - 1986 Extensão universitária em O Ensino do Português da 5ª à 8ª Séries.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre,
Brasil

- 1987 - 1987** Extensão universitária em Curso de Jardineira.
Organizacao Mundial de Educacao Pre-Escolar, OMEP, Brasilia, Brasil
- 1989 - 1989** Extensão universitária em A Leitura na Escola.
Faculdade Porto-Alegrense de Educação Ciências e Letras, FAPA, Porto Alegre, Brasil
- 1991 - 1991** Extensão universitária em Melhoria da Qualidade de Ensino.
Secretaria Estadual de Educação, SEC, Brasil
- 1996 - 1996** Extensão universitária em Padrão Referencial de Currículo de 1ª à 4ª Séries.
Secretaria Estadual de Educação, SEC, Brasil
- 1997 - 1997** Extensão universitária em Língua Oral e Escrita, o problema das unidades.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre, Brasil
- 2001 - 2001** Extensão universitária em Oficina de Literatura e Multimeios.
Paulinas, PAULINAS, Brasil
- 2003 - 2003** Extensão universitária em Hora do Conto 'Brincando Com a Imaginação'.
Paulinas, PAULINAS, Brasil
- 2003 - 2003** Extensão universitária em Alfabetização de Jovens e Adultos.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre, Brasil
- 2004 - 2004** Extensão universitária em Alfabetização de Jovens e Adultos.
Faculdade Porto-Alegrense de Educação Ciências e Letras, FAPA, Porto Alegre, Brasil
- 2004 - 2004** Extensão universitária em Pressupostos Teóricos e Metodológicos na Educação.
Secretaria Municipal de Educação, SMED, Brasil
- 2004 - 2004** Extensão universitária em Um Pensar da Pedagogia Para As Diferenças.
Secretaria Municipal de Educação, SMED, Brasil
- 2004 - 2004** Extensão universitária em Gramática da Língua Portuguesa.
Faculdade Porto-Alegrense de Educação Ciências e Letras, FAPA, Porto Alegre, Brasil
- 2004 - 2004** Extensão universitária em Letramento e Alfabetização.
Secretaria Municipal de Educação, SMED, Brasil
- 2005 - 2005** Extensão universitária em Oficinas Lúdicas.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
- 2006 - 2006** Extensão universitária em Historiografia Literária.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre, Brasil
- 2006 - 2006** Extensão universitária em Curso de Formação de Brinquedista.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
- 2006 - 2006** Extensão universitária em IV Escola de Inverno da Faculdade de Educação.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
- 2006 - 2006** Aprendizagem Interfaces Entre Educação e Saúde.

	Secretaria Municipal de Educação, SMED, Brasil
2006 - 2006	Extensão universitária em Criação Literária. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre, Brasil
2007 - 2007	A aprendizagem na vida adulta. Secretaria Municipal de Educação, SMED, Brasil
2007 - 2007	Extensão universitária em Por uma teoria da formação do leitor. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil
2007 - 2007	Como aprendemos? aprendizagem, currículo e inclusão. Secretaria Municipal de Educação, SMED, Brasil

Atuação profissional

1. Colégio Israelita Brasileiro - ISRAELITA

Vínculo institucional

1986 - 1989 Vínculo: Celetista , Enquadramento funcional: Professor titular , Carga horária: 20, Regime: Parcial

Atividades

03/1986 - 04/1989 Ensino fundamental
Especificação:
Jardim de Infância

2. Secretaria Estadual de Educação - SEC

Vínculo institucional

1989 - 2002 Vínculo: Servidor público , Enquadramento funcional: Professor titular , Carga horária: 40, Regime: Integral

Atividades

04/1989 - 03/2002 Ensino médio
Especificação:
Língua Portuguesa , Literatura Brasileira

3. Secretaria Municipal de Educação - SMED

Vínculo institucional

2000 - Atual Vínculo: Servidor público , Enquadramento funcional: Professor titular , Carga horária: 40, Regime: Dedicção Exclusiva

Atividades

- 02/2000 - Atual** Ensino fundamental
Especificação:
Língua Portuguesa , Literatura Infantil
- 03/2005 - Atual** Projetos de pesquisa, Ensino, Escola Municipal São Pedro

Áreas de atuação

1. Língua Portuguesa
2. Literatura Brasileira

Idiomas

- Inglês** Compreende Razoavelmente , Fala Razoavelmente, Escreve Pouco, Lê Bem
- Espanhol** Compreende Bem , Fala Razoavelmente, Escreve Bem, Lê Bem
- Português** Compreende Bem , Fala Bem, Escreve Bem, Lê Bem

Produção em C, T & A

Eventos

Participação em eventos

1. **Debate Comunitário Conscientizador**, 2005. (Outra)
Participação no Debate Comunitário Conscientizador 'A Palmada em Questão'.
2. **Fórum Regional de Educação de Jovens e Adultos**, 2005. (Outra)
Participação no Fórum Regional de Educação de Jovens e Adultos.
3. **Encontro de Educação de Jovens e Adultos - Edição II**, 2004. (Encontro)
Encontro de Educação de Jovens e Adultos - Edição II - Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos .
4. **Encontro de Educação de Jovens e Adultos - Edição III**, 2004. (Encontro)
Encontro de Educação de Jovens e Adultos - Edição III .
5. **Sarau Literário 'Luiz Antônio de Assis Brasil'**, 2004. (Outra)
Organização do Sarau Literário 'Luiz Antônio de Assis Brasil'na IV Feira do Livro.
6. **III Edição do Fórum Mundial de Educação**, 2004. (Outra)
Participação na III Edição do Fórum Mundial de Educação - A educação para um outro mundo possível .

7. **Encontro 'Conferências Pedagógicas das Escolas Municipais'**, 2004. (Encontro)
Participação no Encontro 'Conferências Pedagógicas das Escolas Municipais'.
8. **XII Seminário Nacional**, 2004. (Seminário)
Participação no XII Seminário Nacional - Escola Cidadã: o desafio da democratização da aprendizagem.
9. **VI Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos**, 2004. (Encontro)
VI Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos.
10. **Palavra de Trabalhador**, 2003. (Outra)
Organização do livro 'Palavra de Trabalhador nº12'.
11. **Conferências pedagógicas das Escolas Municipais**, 2003. (Encontro)
Participação no encontro: Conferências pedagógicas das Escolas Municipais.
12. **Encontro 'Conferências pedagógicas das Escolas Municipais'**, 2003. (Encontro)
Relatora de experiência no Encontro 'Conferências pedagógicas das Escolas Municipais'.
13. **X Seminário Nacional de Educação**, 2002. (Seminário)
Participação no X Seminário Nacional de Educação - Culturas e ciclos da vida: desafios da (re)invenção da escola na Cidade Educadora..
14. **Fórum Mundial de Educação**, 2001. (Outra)
Participação no Fórum Mundial de Educação - A Educação no mundo Globalizado.
15. **IX Seminário Nacional de Educação**, 2001. (Seminário)
Participação no IX Seminário Nacional da Educação - Uma cidade educadora para um cultura solidária.
16. **VII Seminário Internacional de Reestruturação Curricular**, 2000. (Seminário)
Participação no VII Seminário Internacional de Teestrutuação Curricular - Utopia e Democracia: Os Inéditos Viáveis na Escola Cidadã.
17. **VIII Seminário Nacional**, 2000. (Seminário)
Participação no VIII Seminário Nacional - Escola Cidadã Educação Popular faz a História: A contribuição de paulo Freire.
18. **"IV Painel da América Latina no século XX"**, 1999. (Outra)
Participação do 'IV Painel da América Latina no século XX'.
19. **Jornada Pedagógica**, 1996. (Seminário)
Participação na Jornada Pedagógica.
20. **Seminário de Educação**, 1996. (Seminário)
Participação No Seminário de Educação - Jornada Pedagógica.
21. **Encontro Regional da Educação**, 1995. (Encontro)
Regional da Educação - Neoliberalismo x Trabalhadores em Educação.
22. **Ciclo de palestras sobre a área de letras e atividades culturais do VI Encontro Nacional dos Estudantes de Letras**, 1985. (Encontro)
Ciclo de palestras sobre a área de letras e atividades culturais do VI Encontro Nacional dos Estudantes de Letras.

Totais de produção

Eventos

Participações em eventos (seminário).....	7
Participações em eventos (encontro).....	8
Participações em eventos (outra).....	7